

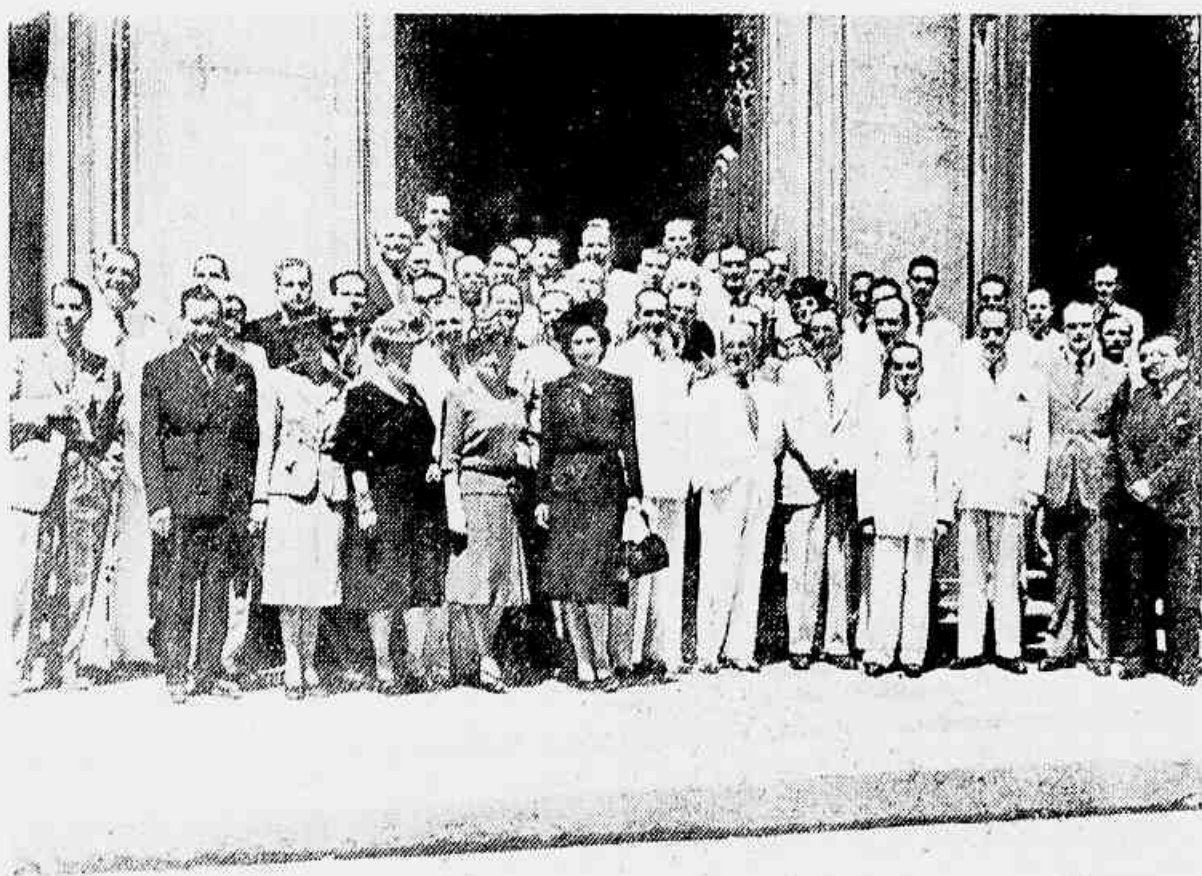
REVISTA DA SEMANA

N.º 50

9 - 12 - 44



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



O sétimo aniversário da gestão do dr. João Marques dos Reis na presidência do Banco do Brasil

Comemorando a passagem do sétimo aniversário da administração do dr. João Marques dos Reis, que se tem caracterizado tanto pelo desenvolvimento da ação do Banco do Brasil em prol da economia nacional e da economia privada de cada cidadão quanto pelo bem-estar pessoal e coletivo dos funcionários do nosso maior instituto de crédito, resolveram estes, assinalando tão festiva data, celebrar uma missa em ação de graças ao ensejo da grata efeméride. A tocante solenidade religiosa, que

teve lugar no dia 30 de novembro último na Catedral Metropolitana, compareceu elevado número de funcionários e elementos da diretoria do Banco, entre os quais o seu presidente, dr. João Marques dos Reis.

Reproduzimos nesta página alguns aspectos fotográficos da cerimônia, nos quais aparecem elementos da alta sociedade carioca, figuras as mais representativas dos nossos círculos econômicos, industriais e comerciais, que também compareceram à missa em ação de graças.



CASA velha, com a simplicidade de quem viveu muito, e sabe que o tempo do amor já se acabou. Mas, às vezes, de noite, descubro nela o desejo de se iludir ainda: pára os olhos abertos das janelas nas flôres dançando lá fora. Talvez o luar lhe faça convites escandalosos. Então, a casa velha mostra um ar inquieto, indeciso, de espanto e encanto. Será ela? Ou são os fantasmas de todos os moradores que teve, presentes e invisíveis, agitados pelo sentimento que a ausência não leva, e a morte não acaba?...
♦

Ficar em casa, embora não pareça, é o contrário de não sair. Eu nunca vou tão longe como nesta poltrona, sempre que resolvo deixar para amanhã o que posso fazer hoje. Que viagens!

Adeus! Eu parto, mas volto, breve...

Estou desembarcando. Andei por Pedro Segundo e Antônio Nobre. Um consolando do outro.

Modéstia. E injustiça. Os maus governos, da opinião própria, realizaram coisas boas, do interesse comum. Seriam à distância, meio franceses, ou meio ingleses. Politicamente. Em compensação, o imperador mandou buscar em Lisboa Antônio Feliciano de Castilho, para atrapalhar a criação da literatura nacional iniciada por José de Alencar. E' o seu grande pecado. Os anteriores e os posteriores não impedem de se querer bem ao amigo de Victor Hugo, que se referia aos reis e às demais majestades da Europa em termos de proissão:

— Os meus colegas.

Falava com voz fina o pensamento largo.

No exílio compôs sonetos. O primeiro, na travessia; pertence-lhe o verso:

Andar, e sempre andar, é a vida a bordo...

O último, nas vésperas de morrer, em Paris, fechado assim:

**E entre visões de paz, de luz, de glória,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da História!**

ALVARO MOREYRA escreveu CHACARA

TRES "CHARGES" DE ANGELO AGOSTINI, APARECIDAS NA "REVISTA ILUSTRADA" EM 12 DE MAIO DE 1883, QUANDO MAIS INTENSA ÉRA A CAMPANHA DO FAMOSO CARICATURISTA FEITA CONTRA O TRONO IMPERIAL, CUJA "FALA" VINHA DE REPRODUZIR-SE POR OCASIÃO DA ABERTURA DO PARLAMENTO, NA DATA DA DESCOBERTA. O "MANTO IMPERIAL" JÁ NÃO ANDAVA MUITO PERFEITO, NA CONCEPÇÃO DO ARTISTA, EMBORA SO' SEIS ANOS MAIS TARDE ÉLE FOSSE DEFINITIVAMENTE ARQUIVADO.



Não foi debaixo de um signo molino, nem sei se foi pela lua nova. A história apenas conta que a 2 de dezembro de 1825, no Rio de Janeiro, dentro do palácio da Boa Vista, nasceu um menino. Também nobre, igual ao Antônio. Chamou-se Pedro, nome do pai. O pai, depois, precisou de ir ali, a Portugal, de onde tinha vindo. Ele ficou, para ser Pedro Segundo. E foi, antes do tempo, porque desandou a gritar:

— Quero já! quero já!

Subiu ao trono, sagrado e coroado, em 18 de julho de 1841, feito maior, com antecedência, no ano que se marcou por uma anistia geral, pouco geral. Desceu sem vontade, em 15 de novembro de 1883, com um protesto triste:

— Estão todos malucos!

Sabia hebraico. Lera os profetas no original. Isso, naquela época, evitava aborrecimentos piores. De resto, com o partido liberal e o partido conservador construindo e destruindo ministérios, acabou convencido:

— Passel quarenta e oito anos a corre-
... maus governos

O que aconteceu. Não existe no Brasil, apesar dos parentes, quem não goste de Pedro Segundo. Houve até um período de exagêro. Quando Anatole France transistou pela capital, nas visitas a casas e paisagens, sempre que louvava o que via, a informação era a mesma:

— Obra de D. Pedro Segundo.

De tal jeito, com tamanha abundância que o hóspede, surpreso afinal, exclamou:

— Mas então por que o mandaram embora?

Leviandades terrenas. Antônio lhe falará tal qual ao senhor abade:

— Viva na paz, aí, longe do lódo.

Viva. Tem agora cento e dezenove anos. Uma ninharia na eternidade. Viva feliz, sem condes, sem viscondes, sem marqueses, sem barões, sobretudo sem conselheiros... Viva nos Campos Eliseos do outro mundo. Não cisme em voltar a este mundo: hoje, neste mundo, os campos, quando não são de batalha, são de futebol... E os de concentração. Senhor!



A PROPOSITO DO CENTENARIO DE DOM VITAL

O decreto da prisão do bispo causou sensação no Brasil inteiro. Em Pernambuco, porém, essa repercussão foi maior, a notícia teve o efeito de uma bomba, de uma nota de verdadeiro escândalo. "O bispo foi prêso", comentava o povo nas ruas da velha Mauricéia, admirado e compungido. O escandaloso fato perdurou por muito tempo, numa ressonância constante, amargurando o coração dos fieis, que também se sentiam feridos e choravam a desgraça que caíra na cabeça do pastor de suas almas, no chefe de sua diocese. "O bispo foi prêso", "o bispo foi prêso", era o clamor do momento, o eco que se estendera a todos os recantos da província. E quem era êsse bispo? O que fizera para ser prêso por um decreto imperial? Era d. Frei Vital, um capuchinho de 28 anos, um sulpiciano de vontade férrea e coração forte. O seu crime? Negara em circunstâncias especiais os poderes do Estado, ao qual devia obediência.

DO SEMINÁRIO DE SÃO SULPÍCIO A PRESBITERO

Antônio Gonçalves de Oliveira, êste era o nome no século de d. Frei Vital Maria Pernambuco, frequentou durante um ano o famoso seminário de São Sulpício, em Paris. Antes, o jovem de dezoito anos cursara com sucesso o seminário de Olinda. Sua vocação para o sacerdócio chegou cedo e de modo definitivo. Filho de Pernambuco, o futuro capuchinho nasceu na cidadezinha de Itambé. O novo aluno do seminário fundado por M. Olier em 1645 conquistou logo a amizade dos austeros mestres e a admiração dos colegas. Naquela tradicional casa de padres sábios e piedosos, d. Vital, certamente, recebeu lições profundas que vieram, mais tarde, influenciar-lhe o caráter. Renan dizia que "Ce qu'il y a de vertu dans Saint Sulpice suffirait pour gouverner le monde". Naquela atmosfera de saber e fé êle se decidiu a seguir a vida de capuchinho, entrando depois no convento de Versailles, onde, após trabalhos e provações, de-

D. Frei Vital, sagrado bispo de Olinda



ram-lhe o presbiterato sonhado. Recebeu-o das mãos de d. Desprez, arcebispo de Tolosa. Foi um dia de glórias para o seu coração e uma festa luminosa para o seu espírito. Frei Vital, à época, sentia-se doente de corpo, porém de ânimo era duro como o diamante. Ao ver-se integrado na Ordem que tanto amava, tinha notável preparo teológico e sentia-se possuído de uma rara fortaleza de espírito, de uma alma cheia de convicções firmes — era um verdadeiro soldado de Cristo — impetuoso e ardente.

PROFESSOR EM S. PAULO

Foi, justamente, o precário estado de saúde que o obrigou a deixar a França e a vir para o Brasil. O frio impiedoso da Europa molestara o filho do Norte, onde o clima é seco e quente. O presbitero ressentiu-se com a mudança e caiu doente, enfermou de uma laringite que lhe seria fatal anos depois. Vendo-o doente, seus irmãos de Ordem aconselharam-lhe uma estada no Brasil. Ao ouvir o nome da pátria d. Vital estremeceu de alegria, sentiu saudades e recordou-se dos tempos em Olinda, Recife e de Itambé. Aceitou o alvitre e veio. Primeiro esteve em Pernambuco em visita aos pais, depois seguiu para S. Paulo, afim de ensinar Teologia no seminário dos padres de Savoia. Ali demonstrou ser um professor de ótimas qualidades, um mentor cuidadoso das novas gerações que procuravam servir a Cristo. Além disso, como missionário, fazia pregações não só na capital como no interior do Estado. Naquele tempo êle assim se expressava numa carta ao Superior dos capuchinhos na França: "Sou feliz aqui em S. Paulo e ousa esperar em nossa doce Mãe Santíssima que irei até o fim. Os padres da Savoia que estão aqui são homens escolhidos e excelentes religiosos. Temos muito trabalho. Temos de ensinar e nos ocupar no ministério, porque frequentemente somos chamados a pregar tanto na cidade como no campo".

De fato vivia satisfeito no seu mister, até quando recebeu do então ministro do Império João Alfredo Corrêa de Oliveira uma carta na qual lhe comunicava a decisão de D. Pedro II de nomeá-lo bispo de Olinda. D. Frei Vital leu a comunicação e não quis acreditar na realidade do seu conteúdo. Pensou que fôsse um sonho. Como o imperador teria se lembrado do seu nome humilde e retraído? Como isso se deu, e por que?

A SAGRAÇÃO

A explicação veio depois: D. Pedro, como-vindo e grato quanto à obra que os irmãos capuchinhos vinham realizando no Brasil, quis recompensá-los elegendo, ou melhor, nomeando um deles bispo da diocese de Olinda, então vaga. Eis a razão por que d. Vital, tão moço e humilde, subira ao principado, e era, em 1871, alto dignatário da Igreja e — por que não dizê-lo? — do Estado. Mal sabia D. Pedro que essa escolha daria motivo a uma das mais rumorosas questões do seu reinado. Há escritores mesmo que afirmam ter sido ela uma das causas da queda do Império. Muitas homenagens foram prestadas ao novo bispo, e o papa, que era Pio IX, deu à escolha o seu beneplácito. Ninguém suspeitava do que seria capaz aquêle frade, a força moral que emanava do seu espírito e a pureza de suas convicções.



Frei Vital Maria de Pernambuco (Capuchinho)

José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio Branco)



IGREJA X MAÇONARIA

Já há longo tempo a Igreja vem lutando contra a Maçonaria, uma luta sem tréguas: às vezes tudo se passa como se Roma tivesse esquecido o seu inimigo tradicional, isso porém só em aparência. Os sucessores de São Pedro, desde Clemente XII, não suportam os maçons com suas idéias libertárias, com suas lojas, seu rito e a força misteriosa que os une num fraternal abraço no universo inteiro. As razões dessa intollerância não queremos aludir por fugir ao nosso objetivo. O fato é que ela existe e existiu sempre. Isso tudo foi lembrado agora, porque d. Vital foi o inimigo mais sério e corajoso que a Maçonaria teve de enfrentar no Brasil.

A LUTA

A luta teve início no Rio, quando o padre P. Almeida Martins foi punido pelo arcebispo por ter participado de uma homenagem que a Maçonaria prestara ao seu grão-mestre, o visconde do Rio Branco, então ministro, chefe do gabinete. O padre não se conteve e também fez discurso. O clero não gostou da atitude do vigário e agiu contra ele, suspendendo-lhe as funções eclesiásticas.

No tempo dêsse acontecimentos d. Frei Vital já era morador do Palácio da Soledade. Oliveira Lima em suas memórias lembra-lhe a pessoa — sua bela barba negra, suas mãos finas, seu ar de calma e bondade. Era o bispo de Olinda. Os maçons de todo o país não apreciaram as medidas impostas contra o padre *doublé* de maçon, pois desencadearam pela imprensa cerrada campanha contra a atitude do arcebispo do Rio de Janeiro. Os jornais de Recife também fizeram cômico, e dentro de pouco tempo a pessoa de d. Frei Vital era diretamente citada. Estava aberto o conflito, cedo a tempestade desabaria.

Ponhamos de lado alguns episódios invocados pelo bispo para proceder como procedeu em relação às irmandades, interditando a de Santo Antônio, chave de toda a questão. Aludamos, no entanto, às cartas: a de João Alfredo a d. Vital e a resposta dêste. A primeira é notável pela ponderação, bom senso e sabedoria política; a segunda é um documento viril, vasado num estilo primoroso de dignidade, sobranceira e sobretudo de consciência. O governo porém não queria ceder, por sua vez. Estava convencido do direito e autoridade que emanavam do trono, direito êste ao qual se achava subordinado o clero nacional. Aos poucos as coisas tomaram feição vexatória. De um lado o bispo, ou por outra, todo o clero, e do outro o governo. Quem venceria? perguntava o homem da rua curioso ante o embate das duas maiores forças do país. Cômico do seu poder, o governo agiu: reuniu o Conselho da Corôa para opinar no caso. Ficou resolvido que se o bispo não levantasse o interdito que pesava nas irmandades seria prêso e conduzido à capital da Côrte, para ser julgado por crime de desobediência. Assim aconteceu. D. Frei Vital portou-se à altura da majestade do seu cargo, sua alma forte suportou com dignidade e altivez as duras provações. Começou daí o seu caminho de mártir confessor da fé.

"GESTA TUA NON LAUDANTUR"

O governo, enquanto assim procedia internamente, incumbia o barão de Penedo, nosso representante em Londres, para resolver a pendência lá fora, no Vaticano. "Recorria a dois fóros ou a duas jurisdições: à dos tribunais do país e à de Roma. Ao mesmo tempo em que quase ordenava o processo do bispo de Olinda, o governo mandava o barão de Penedo a Roma, no intuito de conseguir, por intermédio do Papa, que a luta não assumisse proporções maiores, e mesmo de conseguir cessá-la quanto antes", comenta Joaquim Nabuco.

Na verdade, o governo agiu de um modo estranho em face do que se passava internamente. D. Vital já estava prêso quando Penedo obteve do Papa, por intermédio do cardeal Antonelli, uma carta de desaprovação ao que fi-

zera o bispo de Olinda: sua obstinação era censurada. Terminando dizia o cardeal: "Portanto, restituídas logo por vós as confrarias no seu antigo estado, pertence-vos cuidar que homens de fé verdadeira e notáveis por sua prudência as presidam". A missiva foi diretamente às mãos de d. Frei Vital, prêso na ilha das Cobras. Ele recebeu-a mas não deu a publicidade que o governo exigiu; por muito tempo julgou-se que a mesma fôsse falsa; só muito depois o barão de Penedo esclareceu o assunto, publicando a cópia.

CONDENAÇÃO

D. Frei Vital foi condenado a quatro anos de prisão e trabalhos forçados. Na história do Brasil talvez não haja outra sessão de júri mais sensacional do que a que julgou o prelado pernambucano. Começou às nove e meia da manhã. Os juizes solenes, o povo emocionado, o interesse geral no desfêcho do processo. Foi um dia movimentado e cheio aquê 21 de fevereiro de 1874. O bispo sereno, altivo, compenetrado no seu papel, impressionava a todos. Não quis se defender: limitou-se apenas a escrever estas palavras: "Senhor! Jesus autem tacebat". Não passou daí. Seus advogados, senadores Zacarias de Vasconcelos, Cândido Mendes de Almeida, Ferreira Viana, o deputado Tarquínio de Souza e outros, trabalharam com inteligência e coragem para conseguirem a sua absolvição. Tudo inútil, porém. Os juizes formaram doutrina e daí não transigiram. O bispo não tinha razão, diziam eles, era perigoso à ordem e à segurança do Estado... Deveria por isso pagar pelo seu erro. D. Vital foi recolhido à fortaleza de S. João. Nada de trabalhos forçados, porque o Imperador comutara a pena para prisão simples. Quando subiu o gabinete Caxias, os bispos obtiveram anistia — os bispos porque d. Macedo Costa, bispo do Pará, já havia sido condenado. Estava encerrada a primeira fase da questão religiosa.

EPÍLOGO

Em liberdade, d. Vital deixou o Brasil e foi a Roma. Falou com o Papa e, de viva voz, relatou os acontecimentos que viveu tão intensamente. O Sumo Pontífice tratou-o carinhosamente, como um pai faz a um filho querido. Abraçou-o e admirou-se de sua idade. Afirmam mesmo que o Santo Padre dissera, referindo-se



Outro retrato do ilustre sacerdote cujo centenário vem de ser comemorado em todo o Brasil.

Dom Vital, Bispo de Olinda
25 Março 1876

Um autógrafo de Dom Vital, feito em 26 de março de 1876.

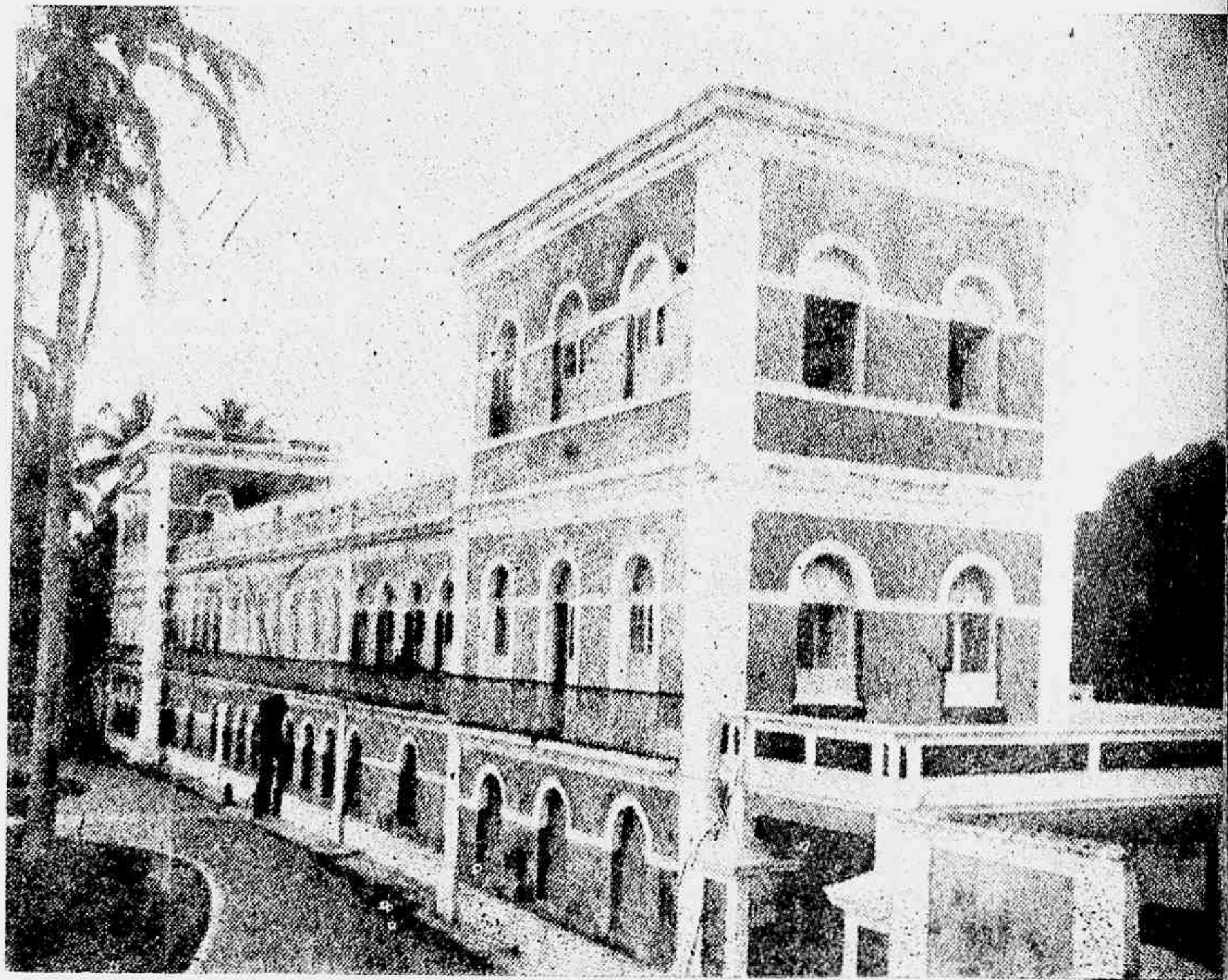
aos fatos do Brasil: "Agora compreendo, éreis tão moço, meu filho!"

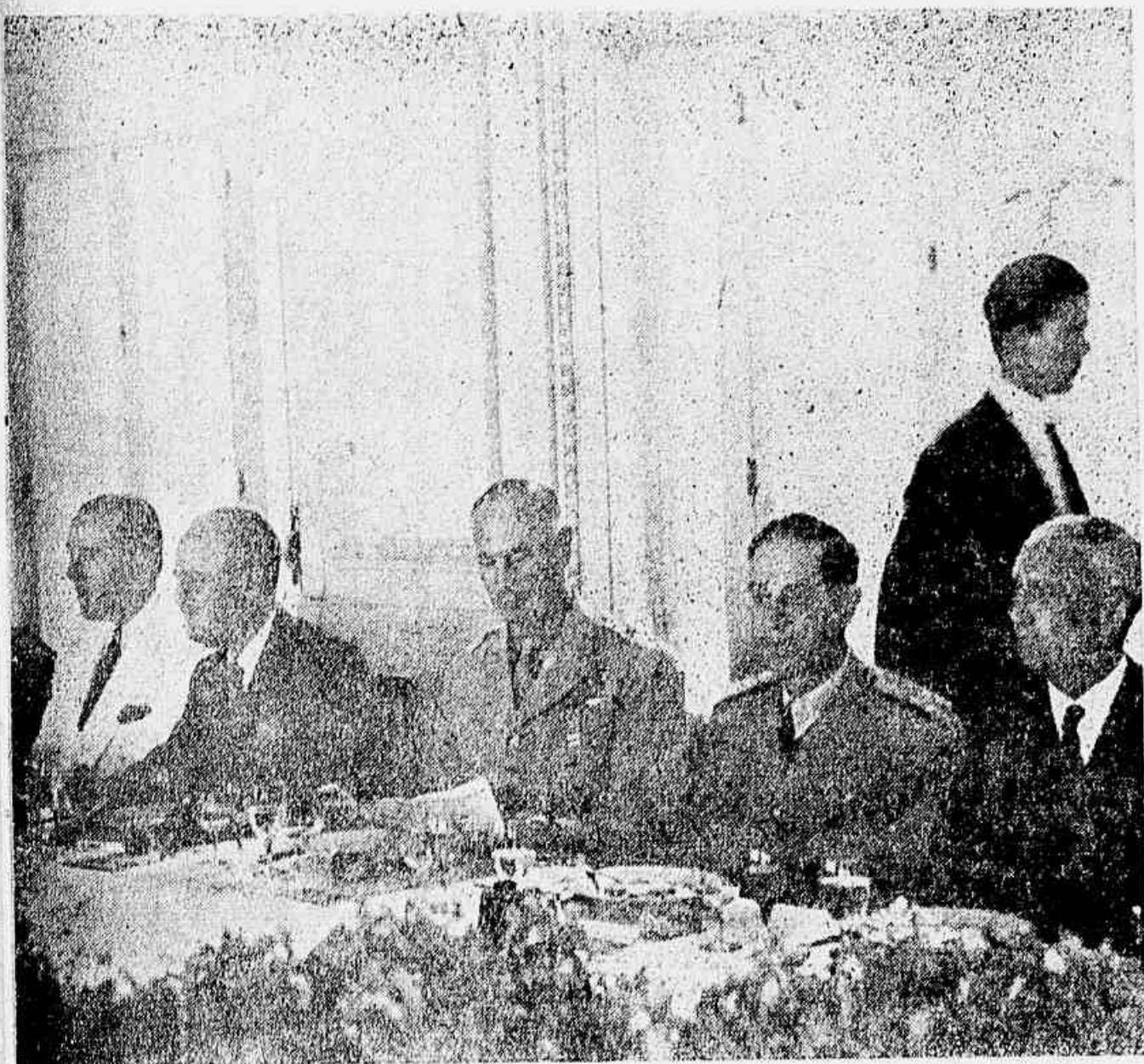
D. Vital ainda voltou à pátria; depois retornou à Europa para nunca mais regressar. Morreu na França com a idade de trinta e três anos.

Agora vem de ser comemorado com respeito e veneração o seu centenário de nascimento, pois nasceu a 27 de novembro de 1844. Para as almas sensíveis ele foi um santo, o santo mártir da Igreja do Brasil.

RAYMUNDO DE ATHAYDE
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Palácio da Soledade, em Olinda, onde morou Dom Vital (atualmente Colégio Nóbrega).





No dia 26 de Novembro último a diretoria do Jockey Club Brasileiro, ao ensejo da partida do general Bret para os Estados Unidos, ofereceu no restaurante do Hipódromo da Gávea um almoço de despedida ao ilustre militar americano. A foto que acima reproduzimos fixa um aspecto da festa de homenagem do Jockey Club ao general Bret.

JOCKEY CLUB MUNDANO

Estampamos aqui alguns flagrantes colhidos pela nossa reportagem fotográfica no Hipódromo da Gávea durante o último "meeting" dominical ali realizado. Foi mais uma festa de elegância e distinção oferecida à sociedade carioca pelo Jockey Club Brasileiro.



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV == 9-12-044 == N. 50

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622. Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-0570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5692
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL.
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia.
Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spagos — Caixa Postal
471, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratcio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.
Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEMOLIÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Chácaras (Alvaro Moreyra).....	3
Rip (Manuel Gutierrez Nájera).....	19
Cartas de Alvares de Azevedo (Escagnolle Doria).....	26
O Retrato Oval (Edgar Allan Poe).....	27
O milagre dos 15 assassinos (Ben Hecht).....	34
Livros Novos (J. L.).....	56/57

REPORTAGENS:

Afinal, o ano de 44 foi bom? Mau? (Pereira de Andrade).....	9/13
Festival de Maria Sabina.....	20
Homenagem à memória de Eliseu Visconti.....	21
Figuras e Fatos.....	24/25

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	29
Modas.....	50/51, 50/51, 52 e 54
Penteados.....	52

CURIOSIDADES:

A propósito do centenário de D. Vital (Raymundo Athayde).....	45
Vila Rica.....	47/8
Céus do Brasil.....	33
Uma precisão histórica.....	35
A Inglaterra tem carne.....	41

SEÇÕES:

A Semana em Revista.....	8
A guerra em marcha.....	22/23
Artes Plásticas.....	28
Do Cinema.....	38/39
Do Rádio (Djalma Maciel).....	40

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	42
"Charge" de Raul.....	56

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	57/58
----------------------------------	-------

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dor de cabeça, tonturas, peso, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dores e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, queimadura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrêtos, gases, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar estes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

REVISTA DA SEMANA EDIÇÃO DE NATAL

NA PROXIMA SEMANA

Um número que será um verdadeiro brinde.
Considerável aumento de páginas
Muitas ilustrações

Tricromias -- "Doublés".

Crônicas de Alvaro Moreyra, R. Magalhães Jr. — Ilustrações de Santa Rosa, Milton Dacosta, Miguel H. e José Antonio.

O ano literário — artístico — teatral — cinematográfico — musical — e de guerra.

Reserve um exemplar, desde já, no seu jornaleiro.

Nossa Cena

É lúbrica, mas bonita, de uma delícia petulante e garbada. É o exemplo de uma literatura nova, moderna, onde os temas parecem revividos com os encantos do modernismo. Apresenta Raul Valmy, "escriba" do RKO, na sobre-capa deste número. É a presença de uma bonita arte com humor de frente. É a de um escritor amável e fêbre este número da nossa revista, onde em cada página há uma descoberta, um novo mundo de descobertas, um entretenimento e a leitura, além de um efeito literário, intelectual, enfim. São em número de quatro as reportagens que aqui encontrará o leitor, inclusive uma sobre os acontecimentos de 1944, apreciados pelos representantes de vários meios de atividade social e a que reproduz aspectos da peça "Vila Rica", de sabor histórico. O centenário de Dom Vital, as ocorrências de guerra, de cinema, de rádio e, principalmente, as várias e

REVISTA DA SEMANA



Interessantes páginas dedicadas à Mulher e seus assuntos, a revista de moda com o seu conteúdo de que contém...

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fono. 22-5587 — RIO

a Semana em Revista

MAIS UM TRISTE NOIVADO DA CONDESSA

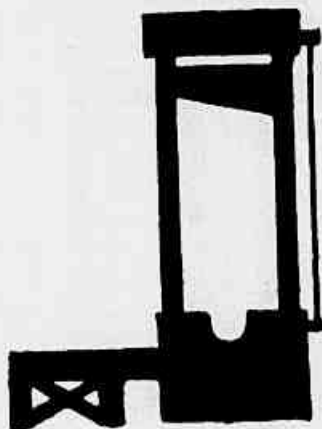


Casou-se novamente a condesa Ciano. Ora aí está, fora do cenário da guerra, mas ainda assim sentindo o reflexo do fenômeno geral da guerra, a notícia mais extravagante destes últimos sete dias.

Quando, um dia, Benito Mussolini — que Deus haja — resolveu eliminar o genro, considerando-o traidor à causa fascista, foi a própria filha quem mais se revoltou, acusando o autor de seus dias desse ato criminoso. E, mesmo sabendo-se que Eda Mussolini Ciano fazia muito tempo estava, senão separada, pelo menos incompatibilizada com o marido por motivos de ordem política, houve quem se compadecesse. Dela e do marido. O coração humano tem dessas concessões nem sempre justificadas, mas tem... E nunca mais se falou de tão triste figura italiana, cuja posição social e política desaparecia de uma vez por todas, agora com a morte do marido, a queda política do pai e o desaparecimento lógico do seu regime de governo. Eis senão quando ela mesma, Eda Mussolini, quebrando a reclusão em que a julgávamos concentrada, fornece novo e escandaloso noticiário aos jornais do mundo inteiro. Exilada em território suíço, a lendária criatura que tão preponderante papel desempenhou nos bastidores da Itália fascista, vem de contrair nupcias com um cavalheiro qualquer, cujo nome não vem à baila. Aparentemente, pelo menos, não vem. Mas não andaremos longe da verdade considerando que esse matrimônio tenha se consumado, ainda assim, obedecendo a qualquer preocupação política... Viúva do famigerado conde Ciano, a filha do Duce estaria apontada à execução pública de agora em diante. E quando, amanhã, a Vitória coroar os esforços de nossos guerreiros, então é que dona Eda não teria lugar tranquilo para esconder a sua miserável figura. Eis por que, certamente, resolveu arranjar outro nome, à custa de um marido. E, como se trata de uma senhora que tem seus haveres, — os cofres de Roma escancaravam-se para todos os membros da família Mussolini — não terá sido difícil encontrar um "testa-de-ferro". Excesso de imaginação de nossa parte? Não creiam. Mais imaginação seria acreditar que, em tão curto espaço de tempo, dona Eda, que não é moça nem nada, e cujos predicados de beleza por força devem estar muito abalados, encontrasse agora um grande amor... E andasse vivendo, à margem dos lagos suíços, o seu mais enternecedor romance sentimental... Não, senhoras. Mulher filha de Mussolini não tem coração para tanto. Ela foi sempre, quando o pai e o marido eram governo, calculista e o tipo acabado da "business-woman". Este matrimônio de que os jornais veem de dar-nos conhecimento, matrimônio extemporâneo e ridículo, é ainda uma boa transação que dona Eda levou a cabo. O marido, um ilustre desconhecido. Ela, mulher que precisa esquecer o nome de família. E quando, em qualquer tempo, o pobre-diabo viajar tendo-a ao lado, poucos serão os que reconheçam, nessa matrona certamente já empapugada e obesa, a herdeira do nome de Ciano e de Mussolini. Há mulheres que se casam por amor. Outras, para encontrar um arrimo. Esta, porém, só terá levado a efeito mais uma tentativa matrimonial por calculismo. Ou, então, por semvergonhismo, o que será ainda mais degradante... A menos que a notícia seja realmente desmentida, como, parece, o está sendo quando redigimos estas linhas...

QUE MÁGICA BESTA !

A história foi amplamente relatada pelos jornais um dia destes. Houve, a princípio, quem supusesse tratar-se de um "truc" de publicidade, mas não era. Um jovem ilusionista, instalado com o seu "cast" no velho teatro lá do fundo da antiga rua do Espírito Santo, incluía no programa a velha mágica do homem decapitado. A "vítima" era ele mesmo, o ilusionista, de vez que não havia mais ninguém com disposição de entregar o pescoço ao coutele, frase que desta vez não será fruto de retórica, pois traduz exatamente o sentido da ocorrência. Naquela noite a guilhotina deu para "enguiçar". A lâmina não se travou onde e como devia travar-se. E quando o bom homem, confiado na aparelhagem do "truc", mais uma vez enfiou a cabeça na cavidade da guilhotina, eis que a lâmina, traçoamente, deu para descer antes do tempo... Não fosse a coragem de um auxiliar do mágico, e o público teria assistido a um número extra — e que número, meus caros senhores! Na certa, quando se consumasse a tragédia, a plateia satisfeita, dando por bem gasto o dinheiro da entrada, bateria palmas e solitaria "bravos", "muito bem" e, na certa, algum mais exigente chegaria a pedir "bis", como se o decapitado, a essa altura, estivesse com a cabeça no lugar e com disposição para repetir a proeza! Só depois se daria conta de ter assistido realmente a uma tragédia. E os que a tivessem presenciado pelo resto da vida teriam coisa interessante para contar aos filhos e aos netos: "Certa noite, eu vi, com estes olhos que a terra há de comer, um mágico falhar no seu "truc" e ficar com o pescoço livre e desembaraçado da cabeça"... Mas agora ele não quer cair em outra. E resolveu, desde que o destino lhe deixou a cabeça em cima do tronco por mais algum tempo, usá-la melhor do que o vinha fazendo. Lembrou-se de que a autora de seus dias não gostava daquele "número" e refletiu ainda, segundo disse aos reporters, que o público não se interessava pela atração. Foi preciso correr o risco de ser decapitado para o bom mágico chegar a essa conclusão, cotado! — Enfim, de qualquer modo, a advertência lhe foi dada o, certo, a esta hora a guilhotina está sendo desmontada, se ainda não o foi. O pobre auxiliar do ilusionista, com a mão ligeiramente ferida, é que sofreu as consequências piores do incidente... E lá consigo terá repetido a frase histórica do papagaio: "Que mágica besta!". Para ele, principalmente... Há, porém, outra razão para este comentário. Em nosso fraco entender, não deviam inutilizar a guilhotina. Nem sequer tirá-la do palco do teatro onde se deu a quase-tragédia. Quando tanto se tem perguntado às multidões que castigo merecem Hitler, Mussolini e Hirohito, indagamos: que tal trazê-los para o teatrinho das imediações da praça Tiradentes e submetê-los à prova, tantas noites quantas fossem necessárias para, em alguma delas, repetir-se o "enguiço" do aparelho? Ou então, se fôsse muito, mas mesmo muito difícil, rebocar qualquer daqueles facinorosos até as nossas plagas, tudo se resolveria suavemente, transportando para o Recreio um desses cavalheiros que estão usando e abusando do direito de explorar o povo, falsificando os gêneros alimentícios e vendendo-os a preços escorchantes... Não seria ótimo assistir à execução de tantos patifes que andam por aí, à solta, escarnecendo do misero consumidor? Na certa, quando meia-dúzia sentisse a experiência da prova, com a guilhotina que se dá ao esporte de falhar na hora precisa da queda da lâmina, todos os outros, acariciando o pescoço, entrariam no bom caminho. Vale a sugestão. Instale-se a guilhotina, de vez... E iremos todos assistir à mágica da decapitação até falhar consecutivamente...



POBRE MARINETTI !

O falecimento, em Milão, do homem que andou pregando o Futurismo em outros tempos, quando não se falava em Mussolini, e que ficou servindo à causa do ruído italiano, não deu grande assunto aos jornais. Fôssem outros os dias que vivemos e a rapaziada, mais inocente e mais irreverente, estaria rendendo homenagem póstuma, certamente revestida de muito ineditismo, ao homem que um dia realizou conferências barulhentas aqui no Rio, apupado por uns, aclamado por outros. Sem dúvida Marinetti criou escola. O mundo estava longe de admitir a repetição da tragédia a que vinha de assistir, poucos anos antes. E muito menos se esperava que partisse da bela Itália o primeiro movimento de conquista em terras da Abissínia. Éramos uma iludida humanidade, sonhando com a paz eterna, convencida e enganada de que a Grande Guerra — grande? — não seria suplantada por nenhuma outra, quando os primeiros brados do façanhudo e obeso fascista se fizeram sentir. Marinetti aderiu à causa, enganado mais do que todos, embora talvez o fizesse por originalidade, ou então para defender a própria pele. Nesses dias, tão longe na ordem das emoções, aqueles que se julgavam mais ladinos aderiam às idéias fascistas pensando residir, nas mesmas, uma garantia pessoal. O mundo caminhava para a frente — e eles, coladinhos, viam a prepotência diante dos olhos, esquecidos ainda de que era uma situação transitória. Tão depressa o mundo despertou e reagiu, pronto! — aí estão as idéias fascistas removidas para longe, e muito atrás, na ordem da evolução humana. Marinetti estava na obrigação de enxergar dois palmos adiante do nariz, esse nariz cheira-cheira que ele enfiava até mesmo em assuntos culinários, quando, em cena aberta, promovia "refeições futuristas", misturando pontas de cigarro e saltos de sapato velho com o macarrão que preparava às vistas do público. Tudo original, tudo exibicionista... Fôsse vitorioso o Duce e com certeza ele continuaria vivo, com o sopro de entusiasmo delirante que os pulmões berradores do palhaço-mor lhe estariam dando. Mas nem tudo correu à medida dos fascistas. E quando o infeliz Marinetti sentiu que tudo piorava para seu lado, achou mais acertado dar um adeuszinho ao mundo, mesmo de mão aberta e de braço erguido. Foi fazer companhia aos anjinhos, que é para onde estão indo, aos magotes, os derradelos comparsas de Mussolini. E agora todos nós lastimamos a sorte desse homem que não conseguiu, jamais, impor as suas idéias, nem convencer as multidões. Tudo quanto se falava à escola futurista revestiu-se de um caráter transitório, mais do que efêmero, simples rajada de chuva de verão. Claro que Marinetti não podia associar-se a um empreendimento sólido, inspirado em sadios princípios, de vez que suas idéias louvavam-se em puras e abstratas idéias. Era tudo sonho, que resultou em pesadelo e dos bons. Não existiam razões substanciais e concretas para prevalecerem aqueles falsos princípios, justamente por serem falsos. O direito da força gera uma força maior e foi essa que destruiu, agora, o balcão de onde Mussolini, fazendo a digestão de uma aparatosa macarronada regada a bom Chianti, perorava, urrando e contorcendo o rosto, pondo os olhos em alvo e martelando a inofensiva pedra mármore de Carrara. Marinetti errou. Desde o princípio e não à última hora. E, mais tarde, quando os vindouros quiserem saber o que tenha sido o Futurismo, não de aprender que este foi, apenas, uma coisa absurda e disparatada. Disparatada e absurda como o Fascismo. Por isso ambos desapareceram — e com eles, seus adeptos.



E APARECEU A MANTEIGA



O reaparecimento quase instantâneo da manteiga, após a retirada deste produto da tabela oficial de preços, é um fato que se presta aos mais desencontrados comentários e mostra os percalços enfrentados pelos que devem estudar e solucionar todas as questões econômicas ligadas à vida do povo.

Não constitui fato único o fenômeno-manteiga, pois outros artigos percorreram a mesma "via-crucis". Duas hipóteses honestas correm para explicar o fato: tenham as autoridades encarregadas de organizar a tabela deixado de levar em conta qualquer fator, ao fixar os preços, de maneira a ocasionar prejuízo aos negociantes. Desde que a finalidade do comércio é o lucro, a abstenção em adquirir um artigo que acarreta prejuízo é um ato de auto-defesa perfeitamente justo. A segunda hipótese é que as autoridades tenham calculado matematicamente certo o preço de venda da manteiga e os negociantes julgassem a margem de lucro diminuta. Isto, senhores, porque somos forçados, diante do súbito aparecimento da manteiga, a relegar para o plano da mentira as afirmativas feitas de que as causas da escassez da manteiga se ligavam à matança desordenada de vacas leiteiras; prolongadas estiagens nas zonas de produção, etc. Os motivos da inexistência da manteiga, que o carioca há tanto tempo somente saboreia por esforço de imaginação, devem ser outros... A retirada da tabela seguida do aparecimento da manteiga, não serve de base justificativa para o desaparecimento da tabela de preços, pois que os preços altos justificam a sua permanência. Devemos procurar as causas, talvez, nas medidas. Realmente, o preço é uma resultante de fatores os mais variados e variáveis. Desde que não é possível sustentar o preço de todos os fatores que influem no artigo considerado, este terá que acompanhar as oscilações do mercado,

pois se tal não se der ganham os comerciantes com a margem de lucro em excesso, com prejuízo dos consumidores, visto que em caso de prejuízo os negociantes se absterão de transações com a mercadoria em questão. Vê-se, pois, que o consumidor é o eterno prejudicado, quando deveria ser o melhor servido. A manutenção do tabelamento atende aos interesses do povo e do governo, apenas: para perfeição do sistema é indispensável tornar o tabelamento menos rígido. Mantê-lo com a rigidez atual, para ser atendido, necessitaria não parar nas medidas: ir até a fonte de produção, enfrentar o problema dos fretes e transportes com desassombro. Entretanto já podemos saborear manteiga, embora cara e de qualidade que deixa a desejar, simplesmente porque esse produto foi retratado do tabelamento... A vida tem dessas coisas...

OUVIR o povo, auscultar seus anseios, sentir suas dificuldades, acompanhá-lo na luta pela vida, pelo pão nosso de cada dia, registrando os seus desabafos, suas ilusões e interpretar o que nas reticências, nas entrelinhas fica encoberto, é tarefa que está perfeitamente no âmbito da Imprensa.

Aproveitando o fim do ano, é curioso ouvir ao carioca, natural ou naturalizado, o que ele pensa do ano que finda; seus projetos para o vindouro; que desejaria que Papai Noel lhe proporcionasse, e finalmente se, no estado de guerra em que nos encontramos, acha conveniente a realização de carnaval em 1945.

Velho ou moço, menino ou já maduro, todos nós temos ilusões e alimentamos esperanças, e mesmo quando aparentamos maior ou menor indiferença ante os acontecimentos, ou ainda displicentemente digamos nada mais esperar da vida, na realidade, no fundo do coração trazemos escondida essa companheira que só nos deixa com a morte.

Para o Brasil o ano de 1944 representa um marco histórico na vida política nacional, com a intervenção efetiva do nosso país no conflito mundial, combatendo ombro a ombro com os nossos aliados, na sustentação dos princípios cardeais da nossa existência política.

Naturalmente, essa intervenção trouxe profundas alterações na vida interna do país, marcou incisivamente a vida de cada um de nós, criando novos problemas para todos e, finalmente, forçou-nos a uma atitude mental diferente da de mero espectador dos acontecimentos.

Próxima ou remotamente, estamos sentindo refletir-se em nós ocorrências cuja extensão desconhecemos e cujo rumo em definitivo são nebulosos.

Essa "enquete" traduz a opinião pessoal de cada um dos nossos respondentes, porém no conjunto reflete o estado da alma coletiva do povo, de todas as camadas sociais, de todas as situações econômico-financeiras, de todos os graus de instrução, representando a maneira de sentir da coletividade de que todos nós fazemos parte.

Para que não falhassem os resultados que almejávamos, procuramos ouvir um, raramente mais representantes de cada profissão ou especialidade e fazendo as mesmas perguntas com variantes diminutas fomos anotando as respostas, curiosas umas, sentimentais outras, todas diferentes, porém mais ou menos idênticas em essência.

NO REINO DO PONTA-PÉ

O nosso primeiro entrevistado foi, casualmente, o popular Zizinho, jogador de "foot-ball", integrante do "team" do C. R. Flamengo, e que prontamente respondeu às nossas perguntas, aliás de maneira satisfatória para todos os rubro-negros.

— Zizinho, como correu para você o ano de 1944? Satisfeitos todos os seus desejos?

— Sim, perfeitamente, tanto mais que sou campeão carioca mais uma vez...

— Que desejaria você como presente de Papai Noel?

— Desejava tanta coisa, mas desde que seja obri-



EROS VOLUSIA quer continuar dançando. Não gostou de 44 porque a guerra prejudicou seus projetos artísticos. E também pensa que não se deve brincar de Carnaval enquanto não chegar a Vitória. Mas... será que não vai, mesmo, haver Carnaval em 1945?

AFINAL, O ANO DE 44 FOI BOM? MÁU? PESSIMO? ÓTIMO?

FALAM OS REPRESENTANTES DE TODAS AS CLASSES:

PARA O VENDEDOR À COMISSÃO, FOI ESPLÊNDIDO... — O JARDINEIRO DO PASSEIO PÚBLICO NÃO QUER CARNAVAL, POIS SUJA AS RUAS — O MOTORNEIRO CHAPA 7.470 QUER UMA CEIA COM BACALHAU E VINHO "LÁ DA TERRA"... — O ÚNICO QUE AMBICIONA CARNAVAL: UM MARINHEIRO AMERICANO — ALVARO MOREYRA PEDIU UM RUGENDAS A PAPAI NOEL — E OSWALDO TEIXEIRA QUER CONTINUAR A SERVIR O PRESIDENTE VARGAS — O ASPIRANTE DA RESERVA DESEJA UMA NOIVA — E O COLEGIAL A SUPRESSÃO DO LATIM — ASPIRAÇÃO DO CARREGADOR: BONS CARRETOS — O MILIONÁRIO AFIRMA QUE O ANO FOI "MENOS MAL"... — E O OPERÁRIO DE OLARIA: "FOI MAU PORQUE NEM SE GANHOU PARA COMER" — MAS TODOS AMBICIONAM A PAZ E NENHUM PENSA EM BRINCAR NO CARNAVAL.

Reportagem de PEREIRA DE ANDRADE

NO MUNDO DOS NEGÓCIOS

Procurámos em seguida auscultar a opinião de um homem de negócios que, naturalmente, lidando com centenas de pessoas e fazendo os negócios mais disparatados, pudesse emitir uma opinião abalizada neste intrincado ramo de atividade.

Procurámos o sr. F. Hala, corretor de imóveis, figura bastante simpática; prontamente nos atendeu e prazerosamente respondeu às nossas perguntas.

Perguntámos primeiramente como tinha decorrido o ano de 1944 para os seus negócios, se tinha realizado todos os seus projetos.

— Não, nem era possível, porque eu sempre tenho mais projetos do que posso realizar.

— Se sabe disso por que procede assim? — perguntámos.

— É natural, pois dessa forma fico satisfeito com o que realizo, e o que não consigo atribuo a ter querido de mais...

— E o que pretende fazer em 1945?

— Trabalhar e ficar independente, se os negócios continuarem tão satisfatoriamente como este ano.

— Acha o senhor conveniente a realização de Carnaval em 1945?

gado a escolher uma, eu lhe respondo francamente: desejava ser campeão brasileiro este ano...

— Quais são seus projetos para 1945?

— Continuar no Flamengo.

— Acha você que deve haver Carnaval em 1945?

— Não, naturalmente que não, pois não podemos brincar pensando nos que estão lutando lá na Europa.

— Que é que você mais deseja em 1945?

— Ser tetra-campeão...

Estão, pois, de parabéns todos os "fans" do Flamengo e de Zizinho: os seus projetos e desejos coincidem com o de todos os seus "hinchas".

— Não, pois é impossível brincar sabendo que o mundo inteiro está sofrendo.

— Que mais deseja em 1945?

— Ter a minha casa própria, pois vivo de comprar e vender para os outros, não tendo tempo de me lembrar de mim mesmo...

— E o que desejava como presente de Papai Noel — perguntámos para finalizar.

— Penso que o melhor presente para todos nós era o fim da guerra.

Agradecemos a privacidade em busca de outros que satisfizessem a nossa curiosidade.

UM QUE NÃO ACREDITA EM PAPAI NOEL...

No apartamento 3 não deparamos com um homem tipo "standard" de nosso operário, sobrando o embrulho da moralidade, regressando à casa depois de um dia trabalhoso.

Absorvendo fazendo as perguntas já conhecidas. Ele, sem compreender o que queríamos, olhava-nos desconfiadamente, sem querer responder. Insistimos, perguntando como se chamava. Finalmente abriu-se, respondendo que se chamava José Antônio das Santos, era pedreiro e era casado.

A nossa primeira pergunta respondeu desalentadamente.

ZIZINHO, DO FLAMENGÓ, está satisfeito. Foi um ano camarada, porque o "seu clube" ganhou. E para o Zizinho podia a Papai Noel outra vitória. Na guerra? Não... No futebol. Mais importante que tudo será o título de tetra-campeão, que o Flamengo desejaria conquistar.

— Como é possível achar que o ano decorreu bem, se o que se ganha mal dá para comer!

— Quais são seus projetos para 1945?

— Se Deus quiser, voltarei para a lavoura. Lá na minha terra pelo menos não falta o que comer.

— Que queria que Papai Noel lhe trouxesse?

— Ora, "seu" moço, então o senhor pensa que eu acredito nisso?

— Acha que deve haver Carnaval em 1945?

— Para quê? Isto é uma tolice que devia ter acabado. Como dissesse que não deseja nada mais em 1945 além de voltar para sua terra, deixámo-lo seguir para casa, em Olaria, bastante longe, e para lá chegar teria que lutar em busca de condução.

SÓ DESEJA CASAR

Entrámos numa loja de fazendas, onde fomos prontamente atendidos por um rapaz, que indagou o que desejávamos. Explicámos o que queríamos e ele relutou para finalmente aceder. Chama-se Milton de Azevedo. A nossa pergunta de como lhe corria o ano de 1944 respondeu:

— Bastante bem, pois as comissões sobre as vendas que realizei foram bastante apreciáveis.

— Que mais deseja no ano de 1945?

— Sem dúvida alguma, a semana inglesa.



O MARINHEIRO R. C. HALL — O único, de todos os nossos entrevistados, que deseja a realização dos festejos carnavalescos. Quer ver como é, para contar, mais tarde, como foi...

— Que desejaria de presente de Papai Noel?

— A paz para o mundo.

— Acha que deve haver Carnaval em 1945?

— Não; é uma heresia.

— Com que disposição você entra 1945?

— A melhor possível e só pensando em casar.

PRECISA-SE DE UM RUGENDAS

Nosso entrevistado agora é a popularíssima figura de Alvaro Moreyra, cintilante cronista, escritor, homem de letras, que prontamente respondeu ao nosso questionário, polvilhando os intervalos com interessantes apartes e observações que não estamos autorizados a divulgar. Quando lhe perguntámos se estava satisfeito com 1944, respondeu.

— Podia estar mais...

— E sua disposição para o novo ano?

— Com a velha disposição...

— Que desejaria de presente de Papai Noel?

— Será que o bom velhinho podia trazer um Rugendas?

— Acha que deve haver Carnaval em 1945?

— Não.

— Que mais deseja em 1945, perguntámos finalmente.

— A Paz.

COMEÇOU NO FIM

Um acaso feliz nos levou ao encontro de Milton Dacosta, o conhecido pintor modernista que alcançou a láurea máxima deste ano, o prêmio de viagem ao estrangeiro. Era o homem adequado para responder a nossas perguntas indiscretas.

Afavelmente prontificou-se, e suas respostas aí estão.

— Então, Dacosta, como decorreu para você o ano de 1944?

Para mim o ano de 1944 começou no fim, mas isto não quer dizer que o ano tenha sido mau.

— Com que disposição você inicia o ano de 1945?

— Com a melhor possível e penso que só um automóvel me pegando poderia diminuí-la.

— Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?

— Ele já me trouxe o melhor presente — o prêmio de viagem.

— Acha que deve haver Carnaval em 1945?

— Depende do Carnaval. Só se for o da Vitória.

— Que mais deseja em 1945?

— Saúde e boa viagem.

Deixámo-lo seguir seu caminho, agradecendo.

ESTÁ BEM ONDE SE ENCONTRA

Íamos andando quando deparamos com aquele melador do jardim do Passeio Público. Parámos esperando





O CHAUFFEUR QUER GASOLINA. — Papai Noel, seja camarada e mande vir gasolina para os motoristas fazerem jús às despesas de casa enfrentando a vida cara... Ele tem um carro mas não quer a realização do Carnaval. Pois se não existe a "matéria prima"... p'ra que Carnaval?



O MOTORNEIRO CHAPA 7.470 "pegou no pesado" o ano inteiro. Dobrou as horas de serviço. E' um homem disposto e forte. Contenta-se com pouco, e quanto a Papai Noel, se é que existe, basta oferecer-lhe uma ceia "à moda da terra", com a infalível bacalhoadá e dois copos do verdasco, bem espumante...

11

que notasse a nossa presença para então falarmos. Depois de alguns minutos, como que abandonando seus íntimos pensamentos, encarou-nos interrogativamente. Cumprimos-lhe e perguntámos se queria responder às nossas perguntas e posar para o nosso fotógrafo. Incrédulo, aquiesceu. Chama-se Antônio Ferreira e há doze anos exerce o mesmo ofício.

Quando perguntámos como tinha decorrido o ano de 1944, respondeu:

— Bem, trabalhando todos os dias sem ficar doente nenhuma vez.

— E sua disposição ao entrar o ano de 1945.

— Estou bem disposto e não preciso mais para viver.

— Que deseja como presente de Papai Noel?

— Passar o dia em casa com a família, porque presente ele não traz.

— Que acha do Carnaval? Deve haver em 1945?

— Acho que não devia haver nunca, porque só serve para sujar o jardim.

— Que mais deseja em 1945?

— Continuar onde estou...

JÁ TEM RETRATO NA CARTEIRA

Continuando nossa peregrinação deparamos com o bonde da Lapa, n.º 30. O motorneiro pareceu-nos adequado para ser ouvido. Enquanto o bonde fazia o horário, isto é estava parado, fomos perguntando o que queríamos. Chama-se Domingos Ribetto, de chapa n.º 7.470, tem mais de vinte anos de profissão.

Quando fizemos a primeira pergunta, sua resposta veio como desabafo.

— Quería que o ano vindouro fôsse menos duro, pois este ano estamos pegando pesado, trabalhando horas suplementares que cansam muito.

— Naturalmente o ano não correu bem para você — perguntámos.

— Não digo isso. A vida é dura mas vamos vivendo.

— Que desejaria que Papai Noel lhe concedesse?

— Uma ceia com bacalhau e vinho verde lá da terra.

— E seu maior desejo para 1945?

— Trabalhar menos.

— E o Carnaval deve ser realizado?

— Não. E' uma loucura.

Quando o fotógrafo pegou-o, enquanto palestrava conosco, irritou-se e disse:

— O rapaz, não é preciso tirar retrato, pois já o tenho na carteira...

DANÇAR SEMPRE

A entrevistada a seguir foi conhecida bailarina nacional, que já levou ao estrangeiro a nossa arte coreográfica, colhendo os mais ruidosos êxitos na América do Norte. Prontamente atendeu ao nosso pedido.

— Poderia dizer como lhe correu o ano de 1944?

O PROFESSOR OSWALDO TEIXEIRA, diretor do Museu de Belas Artes, também respondeu à nossa "enquête". Nada de Carnaval, é claro. E quanto ao que pretende fazer em 1945, é muito simples: continuar servindo ao Presidente Getúlio Vargas. Também deseja a Paz e a Vitória quanto antes.





FALA O "PRÊMIO DE VIAGEM" — Para Milton Dacosta, o laureado com o "Prêmio de Viagem" do Salão deste ano, é claro que 1944 foi dos mais auspiciosos. "Começou no fim", diz-nos. Porque, em verdade, foi já na última etapa do ano que ele recebeu a grande notícia do prêmio.

- Não estou satisfeito porque desejava que a guerra tivesse terminado, e a não terminação alterou os meus planos, que só podem ser realizados quando a paz vier.
- E a sua disposição para o ano de 1945?
- A melhor possível, com grandes esperanças e muita vontade de trabalhar pela dança e pelo Brasil.
- Que desejaria como presente de Papai Noel?
- A paz universal.
- Em sua opinião deveria haver Carnaval em 1945?
- Não. Só os indiferentes ao destino da Humanidade podem desejar Carnaval.

- E qual é o seu maior desejo a realizar em 1945?
- Preocupar-me muito com o "ballet" nacional, realizando-o com montagens e temas nacionais.

DESEJA POUCO...

- Nosso entrevistado agora é o brilhante jornalista e crítico de rádio, Djalma Maciel. Embora convalescendo de um tombo que não chegou a tomar, mostra-se otimista e responde às nossas perguntas com espírito, maliciosamente.
- Djalma, o ano de 1944 correspondeu aos seus desejos?

- Perfeitamente. Estou satisfeíssimo.
- E com que disposição inicia 1945?
- A de todos os anos. Trabalhar a semana inteira e descansar aos domingos... carregando pedras.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- Um aparelho telefônico já encomendado à Companhia Telefônica, e uma empregada que há dois meses venho procurando conquistar por intermédio do "Jornal do Brasil"... Porém, se quiserem me dar outras coisas... topo.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Mas isto não existe mais. Como é que vai haver de novo?
- Que mais deseja em 1945?
- O esmagamento completo do fascismo. De todas as suas formas; de todos os seus praticantes, mesmo daqueles que são fascistas e pensam que não o são.

QUER IR PARA A ITÁLIA COMBATER

Prosseguindo na busca de elementos de atividades diferentes, encontramos o aspirante da Reserva Alcindo Gomes, que terminou o curso este ano. Abordamo-lo indagando o que desejávamos.

- Aspirante, o ano de 1944 correspondeu aos seus desejos?
- Sim, estou bastante satisfeito, pois terminei o meu curso.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- Uma noiva bonita...
- E com que disposição inicia 1944?
- A melhor possível; apenas sem saber o que fazer em definitivo enquanto a guerra não terminar.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Não. É uma tolice desnecessária.
- Que mais deseja em 1945?
- Se a guerra não terminar, ir combater na Itália se for convocado.

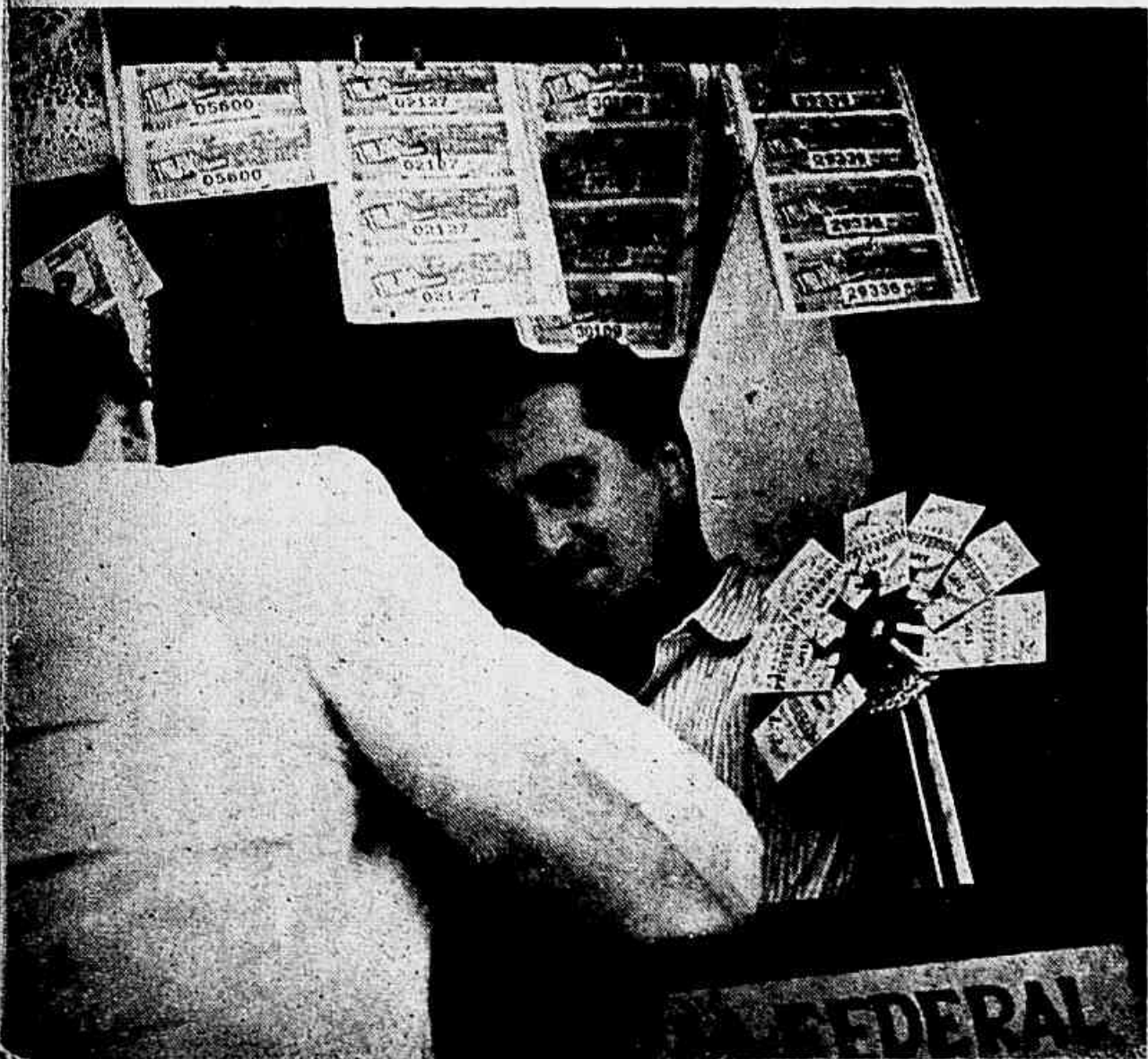
NÃO QUER NADA COM O LATIM...

Aproveitamos ter se sentado ao nosso lado um colegial para fazer-lhe nossas perguntas, porém sem dar a entender para que fim, entremeando as perguntas numa conversa sem pé nem cabeça. Trata-se do colegial Alvaro de Almeida, aluno do Colégio Pedro II, que terminou a terceira série este ano.

- Alvaro, que tal foi o ano de 1944 para você?
- Foi bom, pois consegui passar de série.
- Que você queria que Papai Noel lhe trouxesse?
- Eu não acredito nisso, porém se ele existisse queria que fizesse os cariocas campeões brasileiros de "foot-ball".
- Que mais você deseja em 1945?
- Que tirem o latim do programa, pois é uma coisa inútil.
- Qual a sua disposição para 1945?
- Estudar para terminar esse ginásio e ir para a Aviação.
- Gosta de Carnaval? Deve haver em 1945?
- Não. Não gosto nem acho que deva se realizar.

O BILHETEIRO QUER SER MILIONÁRIO! — A maior ambição do homenzinho: Que a Sorte Grande do Natal fique providencialmente em um dos bilhetes encalhados no seu balcão. Mas poderá ser ouvido nessa ambição?

"CARNAVAL SUJA OS JARDINS!" — O homem da mangueira, que trabalha no Passeio Público, é sumariamente contra o Carnaval. Os foliões acabam deixando os canteiros em petição de miséria. Só por isso condene-se o Carnaval...





"VENDER MUITAS 'REVISTAS DA SEMANA'..." — O jornaleiro está satisfeito com o ano que agora finda. Aumentou consideravelmente a venda avulsa da sua revista predileta e espera, em 45, "dobrar a parada". Por isso ele sorri...

ESTÁ SATISFEITO COM A REELEIÇÃO DE ROOSEVELT

Ao cruzarmos com aquele jovem marinho americano, despertou em nós a curiosidade de saber o que responderia às nossas perguntas se nos fizessemos entender. Abordámo-lo. Com bastante dificuldade mútua nos fizemos compreender e por escrito obtivemos as suas respostas, pois não conseguíamos entender a sua prosódia. Eis aí o seu depoimento. Chama-se R. C. Hall, está no Brasil há cerca de seis meses e está bem satisfeito aqui. À nossa primeira pergunta sobre o ano que escoou respondeu:

- Sim, estou satisfeito: Roosevelt foi reeleito.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- A vitória das Nações Unidas.
- Com que disposição inicia o ano de 1945?
- Muito bem — respondeu em português — quero voltar para meu país.
- Que mais deseja em 1945?
- Voltar para a minha profissão antiga: mecânico de automóvel.
- Desejaria que se realizasse Carnaval em 1945?
- Se eu ainda estiver no Brasil desejarei, pois já ouvi falar no Carnaval aqui do Rio como sendo muito bonito.
- Com um "bye" amistoso nos separámos.

NOS DOMÍNIOS DA ARTE

Procurámos em seguida uma figura representativa da arte brasileira que, pela posição de destaque entre os demais, pudesse nos dar respostas convincentes e acatadas. Procurámos no Museu Nacional de Belas Artes o professor Oswaldo Teixeira, "doublé" de artista e diretor daquele patrimônio nacional de arte. Atendeu-nos cavalheirescamente e prontificou-se a responder.

- Professor, como correu o ano de 1944 para o senhor?
- Correu perfeitamente bem, tão bem que não posso destacar fatos de maior realce que mereçam registro especial.
- Que desejaria, professor, que Papai Noel lhe trouxesse?
- Meus sapatos não são grandes e os meus desejos são pequenos. Deixo ao critério do velhinho conceder-me o que quiser...
- Com que disposição entra o ano de 1945?
- Com a mesma disposição de 1944: desejando a Paz para descanso da Humanidade.
- Que mais deseja em 1945?
- Conservar os meus amigos e continuar servindo ao Presidente Vargas com a mesma lealdade, com a minha arte e minha administração aqui no Museu.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Só se justificaria o Carnaval se fôsse comemorando a vitória das Nações Unidas.

SEM PAZ NADA SE CONSTROI

Quisemos depois saber o que pensaria um milionário, que, pelo vulto dos negócios, sente com mais intensidade esses estados anormais como o que atravessamos. Dirigimo-

nos ao sr. José de Almeida, sócio da firma Almeida & Cia., que se dedica ao comércio em gresos de louças e ferragens, inclusive exportação.

Atendeu-nos prontamente e com presteza deu-nos as desejadas respostas.

- Como correu o ano de 1944 para o senhor e seus negócios?
- Menos mal. Entretanto só a Paz constroi, e assim não demos o desenvolvimento que desejávamos por este motivo.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- A Paz, quanto antes, para bem da Humanidade.
- Com que disposição entra o ano de 1945?

— Com a melhor possível, esperando o fim da guerra para incrementar os negócios com os países da América.

- Que mais deseja realizar em 1945?
- Montar uma fábrica de louças finas, no tipo da Rosenthal.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Não se deve pensar em semelhante coisa enquanto o mundo inteiro luta.

NÃO É ESTA A PIOR VIDA

Ao atravessar o Passeio Público deparámos com aquele homem puxando o seu carrinho de mão completamente

Continua na página 46

E ALVARO MOREYRA? — Nosso colaborador ambiciona muito pouco. Que Papai Noel lhe traga um Rugendas... Um simples quadro... Tão pouco! E quanto a Carnaval — será que ainda existe "isso"? Se já acabou, como pode voltar no momento mais inoportuno? Resumindo: 1944 podia ser melhor. Mas talvez pudesse ser pior... No fim dá certo mesmo.





O ator Jaime Costa, no papel de Padre Ferreira e na primeira fase da peça. Tem, então, cinquenta anos de idade. Este é um dos melhores trabalhos de Jaime, ultimamente.

VILA

TEMOS dado aos leitores, este ano, uma série interessante de reportagens fotográficas, reproduzindo as principais sequências das peças de maior importância da temporada teatral. Aqui está, hoje, esse mesmo serviço, relacionado com a "crônica dramática" de R. Magalhães Junior "Vila Rica", recém-estreada pela Companhia Jaime Costa. Baseada em acontecimentos reais verificados na cidade de Vila Rica de Ouro Preto, no início do

1 Emerenciana (Alina Flora) e Ana Ricarda (Norma do Andrade), irmãs de Marília de Dirceu, entregam-se a seus afazeres de bordados, na velha cidade de Vila Rica de Ouro Preto. Sua tia, dona Teresa (Grace Moema), aguarda a visita do padre Ferreira e conversa com as sobrinhas sobre Marília, ou Dorotéia, nome pelo qual é tratada em casa. — "Ela é moça, não devia estar assim acabrunhada, porque não faltaria quem casasse com ela, se assim o quisesse... Afinal, o poeta Tomaz Antônio Gonzaga não era o único varão de Vila Rica"...

2 E chega, então, o padre Ferreira (Jaime Costa). — "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo"... As moças beijam-lhe a mão. Ele as abençoa. Todas as noites, o bom padre vai jogar a sua partida de gamão com o capitão Baltazar, chefe da casa e pai de Emerenciana. Ele é o velho conselheiro da família, o confidente das moças. Ele sabe que Emerenciana teve um amor mal sucedido e existe em Vila Rica um suposto órfão cujos pais, ninguém suspeita, foram a irmã de Marília e um patife que se dizia. Mas o padre Ferreira não censura. Perdoa — e ajuda.

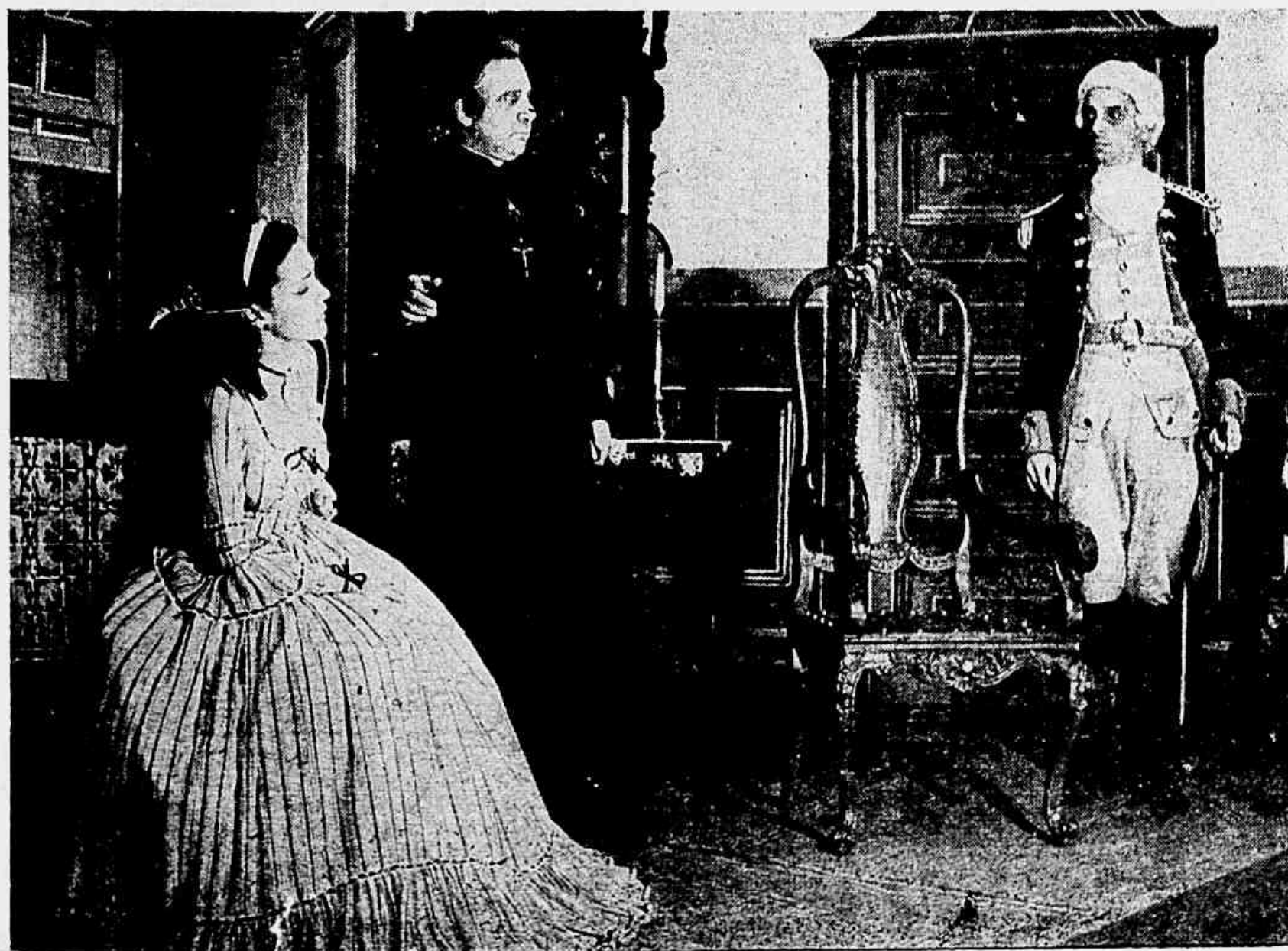




O mesmo personagem, dezesseis anos mais tarde. Como se vê, a transformação registrada pelo tempo está muito bem observada na composição do tipo.

RICA

século XIX, essa nova peça do autor de "Carlota Joaquina" o faz mais credor ainda de nossa admiração. Tipos bem desenhados, situações da peça calcadas em um motivo autêntico e histórico, o desenvolvimento da ação e o tratamento do diálogo, associados à montagem e ao desempenho que "Vila Rica" recebeu, fazem dêsse espetáculo um dos bons e mais apreciados desta movimentada estação teatral.



3 Emerenciana faz uma nova confidência ao sacerdote: está enamorada do alferes Carlos, que lhe corresponde. Mas — como poderá relatar-lhe o seu infortúnio? Enganá-lo não seria honesto. E pede então um conselho ao padre. — "Seria pior se não lhe dissesse nada... A honestidade é a melhor forma de proceder, minha filha!" A moça obedece ao sacerdote, mas vem a ser mal sucedida. O alferes Carlos, senhor do seu segredo, cínico e audacioso, intima-a a que lhe pertença. E, quando o sacerdote exige a reparação pelo casamento, nega-se decididamente.

4 — "Acho que a única solução, senhor vigário, é matar-me..." — diz Emerenciana ao seu confidente quando o alferes se retira de casa. — "Que loucura, minha filha, que blasfêmia!" — diz o padre. — "Apele para Nossa Senhora da Conceição. Reze, minha filha, reze... Isto é um caso em que um milagre viria muito a jeito... Verdade é que os milagres andam muito escassos. Culpa desta gente ímpia e desalmada, que nem por um minuto pensa em Deus..." Emerenciana vai rezar. — "Como seria bom se Nossa Senhora da Conceição me ajudasse! Eu rezarei, sim, padre!"



5 Emerenciana está ainda esperançosa. Será que o milagre pode realizar-se? Ela vai rezar, pedir muito à Virgem, pois na verdade gosta do alferes. Mas o pior é que teve de aceder às imposições do falso apaixonado. E que seria dela quando todos souberem em casa?



6 Ajoelhando-se aos pés de Nossa Senhora, no nicho onde a família faz as suas preces, Emerenciana pede: — "Minha Nossa Senhora da Conceição... Fazel com que..." Mas dá com a presença de Janico. Ele quer ficar branco. Será que a Virgem faz mesmo êsse milagre? Emerenciana experimenta...

7 — "E eu a procurar os óculos por causa "disto"! Mas sempre é preferível perder os óculos a perder o juízo"... — palavras de Ana Ricarda, dezesséis anos mais tarde, com as quais visa ofender, indiretamente, Emerenciana. E' que do romance com o alferes Carlos nasceu uma menina, hoje já crescida. E, a exemplo do garoto, também ela foi lançada ao anonimato. Padre Ferreira tomou-a sob seus cuidados de amigo e de padrinho. Do alferes ninguém mais deu notícias. Emerenciana envelhece, suportando, agora, as indiretas da irmã mais velha...





8 Mais tarde Emerenciana sabe que sua filha está correndo o mesmo risco pelo qual passou duas vezes, na mocidade. Um figurão importante, ouvidor de Vila Rica, quer seduzir a pequena Carlota. Emerenciana apressa-se a trazê-la para seu lado, embora sem dizer-lhe que é mãe dela. E consulta padre Ferreira: — "Inútil, minha amiga. O ouvidor nunca poderia desposar Carlota. É melhor falar-lhe com franqueza, tirar-lhe essa ilusão". Emerenciana está disposta, mais uma vez, a seguir o conselho do padre. Vai advertir Carlota. Mas... será atendida?

9 — "Eu poderia renunciar a todos os meus bens em favor de Carlota... Ela ficaria quase rica"... De nada adiantaria. Padre Ferreira esclarece: — "Ela continuaria sendo, assim mesmo, uma enjeitada, uma moça sem nome... Ouvidor não casa com moça de parentela pobre e de mau conceito"...

10 Emerenciana relata o seu segredo a Carlota. Ela é sua filha... Mas quando lhe pede para desistir do homem que a quer conquistar, a moça mostra-se rebelde. Emerenciana tem de expulsá-la de casa. — "Vá... Cumpra o seu destino... Mas veja o meu exemplo... Você sofrerá também!"





11 Padre Ferreira vai apelar para d. Manuel de Portugal e Castro (Ferreira Maia), governador geral da provincia. Exige que o ouvidor Araujo Gondim repare o crime de sedução que praticou com a jovem Carlota. Mas nada adianta. O governador é "comprado" pelo outro e, habilidosamente, deixa o assunto de lado.



12 Finalmente, é a própria Emerenciana quem vai pedir justiça ao brigadeiro João Carlos Ferrão (Mario Salaberry). Lá a encontra o alferes Carlos... Vêm-se pela primeira vez depois de 16 anos... E ali está também o ouvidor (J. Boa Vista). Que tal se o brigadeiro reconciliasse o alferes e Emerenciana?

13 E tudo é bom quando acaba bem... De tal modo o brigadeiro se houve, simulando desespero e ameaçando castigo, que os dois casais fizeram as pazes. Agora Emerenciana e o alferes vão recuperar o tempo perdido. Na realidade sempre se amaram. Mas a mocidade ocasiona loucuras... Quanto a Carlota (Leticia de Oliveira), também consegue prender pelo matrimônio o rebelde ouvidor Gondim. E o padre Ferreira diz ao brigadeiro: — "Oxalá ficasse o senhor sempre à testa do governo... A minha paróquia, só em casórios, valeria mais do que um bispado!"



RIP

Conto do escritor mexicano
MANUEL GUTIÉRREZ NÁJERA

ISTO que vou contar não o vi: creio que o sonhei.

De quem é a lenda de Rip? Sei que Washington Irving a recolheu, para lhe dar forma literária e incluí-la num dos seus livros. E há uma opereta sobre o mesmo assunto e justamente com esse título: *Rip*.

Não li o conto do romancista e historiador norte-americano nem assisti à ópera. Conheci, porém, o próprio Rip.

Se não constituísse ousadia tal hipótese, aventaria que Rip teve por pai o monge Alfeu. Era este um frade alemão, pesado, fleugmático e, presumo, um tanto surdo. Passou cem anos ouvindo cantar um pássaro e sem dar por isso. Rip era mais *yankee*, menos amante de música e mais apreciador de whisky; dormiu, sem dar fé, muitos anos seguidos.

Rip, o que eu conheci, adormeceu, não sei por que, numa caverna onde entrara... quem sabe lá por que? mas dormiu muito menos tempo que o Rip da lenda. Teria dormido dez anos, talvez cinco ou um apenas. Enfim, o sono foi curto e nada teve de bom. O fato, porém, é que o nosso herói envelheceu dormindo, como sucede aos que sonham muito. E, como não possuía relógio — embora o possuísse não lhe daria conta cada vinte e quatro horas e até nem uma só vez; como se não haviam ainda inventado os calendários; e como, finalmente, nas florestas não há espelhos, Rip não pôde calcular quanto tempo passara nem perceber que tinha envelhecido. Assim acontece frequentemente: muito antes de nos sabermos velhos, os outros o sabem e o dizem.

Ainda um tanto sonolento e deveras envergonhado por ter passado a noite fora — ele, que fazia do casamento uma religião, crente verdadeiro e praticamente impecável — disse consigo, não sem certo estremecimento: "Bom, vamos para casa". E pôs-se a caminho. A sua barba inteiramente branca — e ele que a julgava loura! — acusava a longevidade. Pobre Rip, custava-lhe bastante andar. Vergavam-lhe as pernas; mas pensava: "E' ainda efeito do sono". Ai dele... Era efeito da velhice, a que a gente chega percorrendo o caminho, não dos lustros e decênios, mas dos sonhos.

Caminhando, caminhando, Rip dizia consigo: "Minha pobre mulher... como deve estar inquieta... Não sei explicar o que me aconteceu. Devo estar doente, bem doente... Partí de madrugada, é madrugada agora, quer dizer que passei um dia e uma noite fora de casa. Mas por que? Não fui à taverna, não bebo nunca... Sem dúvida a moléstia me veio de repente, na montanha e cá sem sentidos, naquela fuma. Pobre mulher... Com certeza me procurou por toda parte. Ama-me tanto... Não dormiu. Passou a noite a procurar-me e a chorar. Teria andado dum lado para o outro, sozinha? E de noite, por estes carreiros pedregosos... Sozinha, não. Sou estimado na aldeia, tenho amigos, sendo o moleiro João o melhor de todos... Sem dúvida, vendo-a tão aflita, a ajudaram a procurar-me. João, principalmente. E minha filha? Trouxeram-na também? Aquelas horas? Com tanto frio? Que imprudência! Oxalá que lhe não tenha feito mal".

Rip caminhava, caminhava... E como correria, se pudesse!

Chegou finalmente à aldeia. A aldeia estava quase a mesma, mas sempre se notava alguma diferença. Rip teve a impressão de que a torre da igreja fôra caiada de fresco: a casa do

regedor havia crescido; a loja principal da terra tinha mais uma porta; e todas as pessoas a quem encontrava se lhe afiguravam diferentes, estranhas... Continuaria ainda meio adormecido? Ou doente?

O primeiro amigo que encontrou foi o vigário. Era bem ele, com o seu guarda-sol esverdeado, o chapéu alto — o mais alto que já se viu na aldeia — o breviário sempre fechado, o sobretudo, que ao mesmo tempo servia de sotaina...

— Bom dia, senhor vigário!

— Deixe-me em paz, meu filho, por favor...

— Mas eu não sou culpado, senhor vigário... Não bebi, não fiz nada de mal... E a minha pobre mulherzinha...

— Já lhe pedi que me deixasse. E veja se se vai embora da terra, porque mendigos temos cá bastantes.

Mendigos! Por que lhe falava o vigário de tal modo? Algum dia ele, Rip, pedira esmola, fôsse a quem fôsse? Não punha dinheiro na caixa das almas por que o não tinha, só por isso. Nem ouvia os sermões de quaresma porque trabalhava de manhã à noite. Ia, porém, à missa todos os domingos e dias santos, confessava-se e comungava uma vez por ano... Não havia, portanto, razão para o tratarem com desprezo. Não, não havia absolutamente.

Afastou-se, sem dizer mais nada, porque a vontade que tinha era de lhe bater... e era o vigário.

Estugando o passo por efeito da indignação que o possuía, seguiu o seu caminho. Felizmente, estava já perto de casa...

Ao chegar, como as janelas ficassem antes da porta, aproximou-se duma delas, para chamar a sua querida Luz e dizer-lhe: "Sossega, cá estou, cá estou!"

Não precisou, porém, de chamar a esposa. A janela estava aberta; Luz costurava tranquilamente; e no momento em que ele a viu, João, o moleiro, dava-lhe um beijo.

Rip viu tudo vermelho à sua frente. Miseráveis! Miseráveis! Cambaleando como um ébrio ou um macróbio, entrou na casa. Queria matar, matar! Estava, porém, tão fraco que, ao chegar à sala onde os dois se encontravam, caiu redondo no soalho. Não se podia erguer, não podia falar; podia, porém, conservar os olhos abertos, bem abertos, para notar como a esposa infiel e o amigo traiçoeiro empalideciam de espanto...

Ambos, com efeito, empalideceram. Luz soltou um grito, o mesmo grito que Rip lhe ouvira na noite em que tinha entrado um ladrão lá em casa.

Rip daria a vida, a alma para poder articular uma palavra, proferir uma blasfêmia...

— Não está embriagado, Luz; está doente.

E Luz, embora receosa ainda, aproximou-se do vagabundo desconhecido:

— Pobre velho! Que terá ele? Talvez viesse pedir esmola e desmaiasse, de fome...

— Mas, se lhe dermos qualquer coisa a comer, assim de repente, pode-lhe fazer mal. Primeiro vou levá-lo para a minha cama.

— Para a tua cama, não! Está tão sujo, coitado... Chama-se o criado e vocês dois o levarão até à farmácia.

Nesse momento chegava a menina:

— Mamãe! Mamãe!

— Não te assustes, meu amor. E' um pobrezinho.

— Mas que feio, mamãe! Tenho medo! Parece um lobisomem!

E Rip ouvia tudo.

Via também, mas sem certeza do que via. A sala era bem a mesma, era a sua. Naquela poltrona de couro e junco se sentava ele, à noite, quando voltava mais cansado do trabalho; as cortinas das janelas eram o seu luxo. Comprara-as à força de economia, de sacrifícios...

Acaso teria morrido? Estava doido? Sentia, porém, que estava vivo. Ouvia, via, como se ouve e vê num pesadelo.

Carregaram-no até à farmácia e lá o deixaram, porque a menina cada vez tinha mais medo dele: Luz voltou com João para casa; ninguém se admirou de eles partirem de braço dado nem de ela abandonar, quase moribundo, o homem que era seu marido. E Rip não se podia mexer, não podia gritar: "Rip! Sou Rip!"

Conseguiu dizê-lo passadas algumas horas, anos talvez, talvez séculos...

— Coitado, é um doido! concluiu o farmacêutico.

— Será melhor levá-lo ao regedor, porque pode, de repente, ficar furioso... observou outro homem.

— Tens razão. Se resistir, amarramo-lo!

E preparavam-se para o atar. Mas o sofrimento e a cólera haviam restituído a Rip boa parte das suas forças. Esbravejou entre os braços dos algozes, conseguiu desvencilhar-se; e deitou a correr. Ia para casa, ia matar os dois infames! Viu-se, porém, perseguido por uma porção de gente. Davam-lhe caça, como a qualquer animal feroz.

Dominou-o o instinto de conservação. O que desejava agora era sair da aldeia, chegar à montanha, esconder-se lá aigures, para voltar à noite e vingar-se fazendo justiça por suas mãos.

Conseguiu, enfim, despistar os perseguidores. Embrenhou-se na floresta. Tinha sede, a sede que deve sentir quem está no meio dum incêndio. Procurou água para beber, mergulhar os braços, afogar-se talvez. Aproximou-se dum regato claro, debruçou-se... Viu então que a morte estava lá dentro, para o receber. Sim, era bem a morte com figura humana, a imagem dum velho decrepito transparecendo no ribeiro. Sem dúvida era a ele que o espectro lívido aguardava. E não era um homem de carne e osso, porque os seus movimentos, simultâneos com os de Rip, não agitavam a água. Mas também não era um cadáver, porque as suas mãos e os seus braços não cessavam de se contorcer. Não era Rip, não, não era Rip! Era como que um avô de Rip que o vinha buscar para junto de seu pai morto. "Mas então o meu reflexo? pensava Rip. Isto que aqui está não sou eu. Por que razão o meu corpo não aparece neste espelho? Por que razão grito eu e o eco da montanha não repete a minha voz mas uma voz que não conheço?"

Debruçou-se mais para se procurar a si mesmo dentro do regato. E de certo o velho o levou para perto de seu pai defunto, porque ele, Rip, nunca mais voltou.





A SRTA. MARIA RAMALHO PEDROSA, QUE SE DESTACOU DE MANEIRA BRILHANTÍSSIMA NO FESTIVAL MARIA SABINA. A SRTA. MARIA PEDROSA É ELEMENTO DE DESTAQUE DA ALTA SOCIEDADE DE MACEIÓ E RECIFE, ONDE JÁ TEM FIRMADO O SEU NOME COMO NOTÁVEL PIANISTA E DECLAMADORA.

FESTIVAL MARIA SABINA



A POETISA PATRICIA MARIA SABINA, CUJO RECITAL, REALIZADO NO CLUB GINÁSTICO PORTUGUÊS, ALCANÇOU O MAIS AMPLO SUCESSO NOS NOSSOS MEIOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS.

O Curso Olavo Bilac, destinado à educação poética e artística das moças de nossa alta sociedade, acaba de realizar uma brilhante noite de arte nos salões do Clube Ginástico Português, com a apresentação de números de música e declamação, que bem revelaram a dedicação e a competência da diretora desta moderna escola de valores artísticos.

Entre as senhoritas de nossa elite social que se apresentaram na brilhante soirée artística de Maria Sabina, destacou-se, pelo seu notável senso dramático e sua expressividade impressionista, a srta. Maria Ramalho Pedrosa, que se revelou verdadeiramente uma artista inata.

A srta. Maria Pedrosa, aliás, já tem firmado o seu renome de declamadora e pianista em Recife e Maceió, onde, em festas e reuniões, já por diversas vezes teve ensejo de apresentar os seus dotes de artista.

Mesmo sem os outros números de arte, que de resto demonstraram todos o grau de cultura dos alunos e mestres do curso Olavo Bilac, a noite artística do dia 17 no Clube Ginástico Português teria satisfeito plenamente à mais otimista expectativa, simplesmente pela apresentação de Maria Pedrosa à nossa elite social e cultural.



GRUPO GERAL DAS PARTICIPANTES DO RECITAL.

Sob os auspícios da Academia Carioca de Letras, foi realizada aqui no Rio uma sessão pública e solene em homenagem ao grande pintor brasileiro Eliseu Visconti, recentemente falecido. Na sala de conferências do Silogeu Brasileiro, que se achava repleta, viam-se expostos vários trabalhos do mestre homenageado, entre os quais dois autorretratos e o retrato de Alberto Nepomuceno. Presidiu aos trabalhos o acadêmico Carlos Sussekind de Mendonça, que deu a palavra, em primeiro lugar, ao professor Oswaldo Teixeira, diretor do Museu Nacional de Belas Artes, que, entre aplausos da numerosa assistência, discorreu com brilho sobre a arte do inesquecível pintor. Falou depois o nosso confrade Frederico Barata, que, projetando na tela os principais trabalhos do mestre, recordou episódios inéditos da vida de Visconti, com quem viveu intimamente. Encerrando a sessão pronunciou um belo discurso o acadêmico Carlos da Silva Araújo, que dissertou sobre a obra de Visconti e analisou os trabalhos expostos e pertencentes à galeria do orador.

Um episódio recordado pelo pintor Oswaldo Teixeira, a propósito de Eliseu Visconti. Quando, dias antes do falecimento deste, o presidente Getúlio Vargas visitou o Salão de Belas Artes, apressou-se em pedir notícias sobre seu



O JORNALISTA FREDERICO BARATA QUANDO FALAVA, NA SÉDE DO SÍLCO U BRASILEIRO, RECORDANDO EPISÓDIOS INÉDITOS DA VIDA DE ELISEU VISCONTI E NARRANDO AS IDÉIAS ESENCIAIS, A INSATISFAÇÃO E O DESPRENDIMENTO QUE SEMPRE NORTEARAM O GRANDE E SAUDOSO ARTISTA.

Homenagem à memória de Eliseu Visconti

estado de saúde. E, ao ser informado pelo diretor do Museu de que Visconti continuava grave, teve o Chefe da Nação as seguintes palavras:

— "Sinto aqui a falta de Eliseu Visconti. Lembro-me da palestra que com ele mantive neste mesmo recinto no ano passado. Que mecidade possuía esse mestre de cabeça branca! Tenho para mim que foi ele o mais jovem dos artistas com que falei."

O Presidente da República revolveva ter compreendido bem a personalidade do grande artista cuja morte todo o Brasil culto neste momento ainda deplora. Visconti teve como traço marcante uma juventude permanente, um espírito moço e entusiasta que fez com que sua obra se renovasse ininterruptamente em cinquenta anos de atividade, sem jamais demonstrar qualquer indicio de estagnação ou decadência. Aos setenta e oito anos de idade, apenas dias

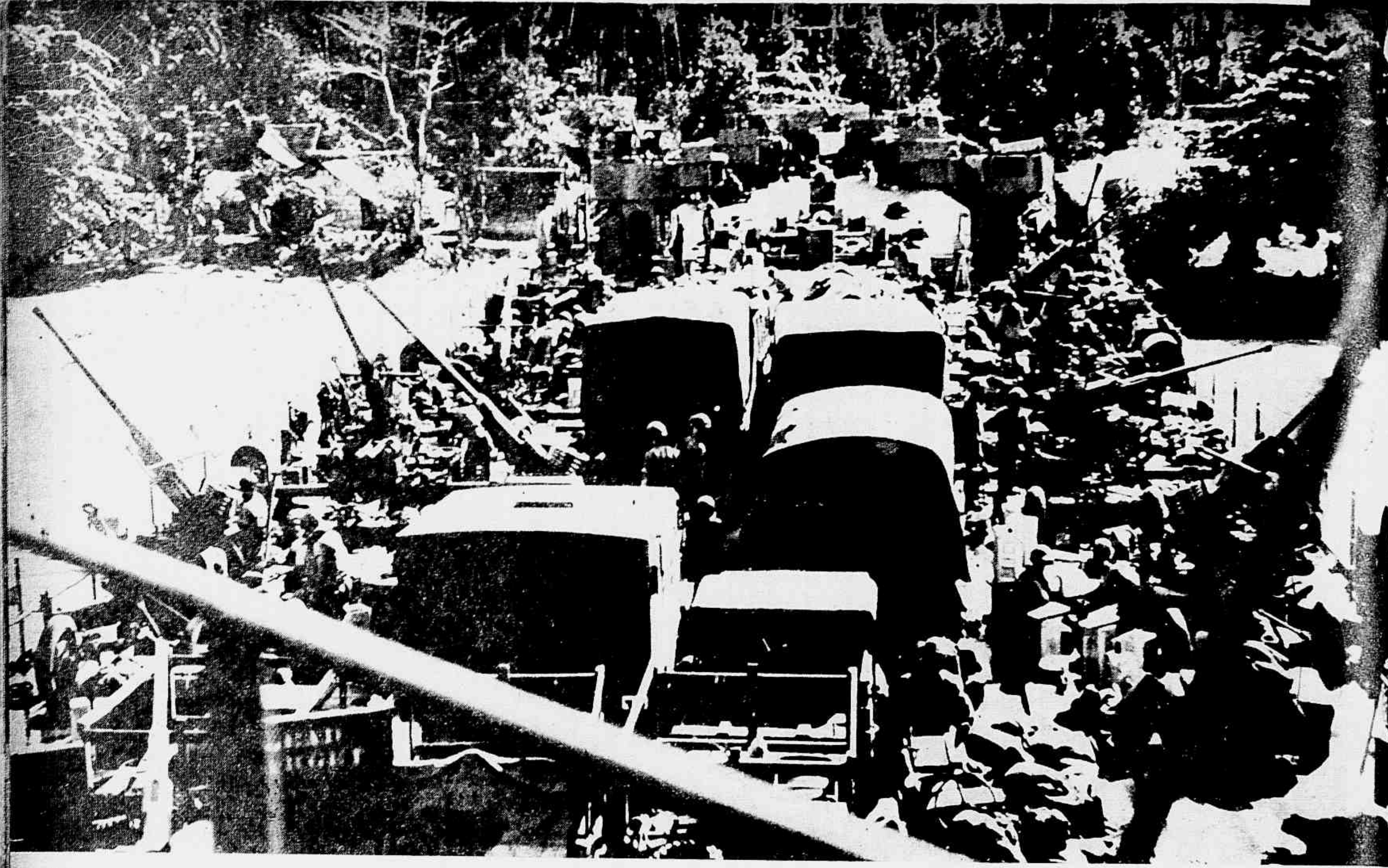
antes de tombor golpeado pela enfermidade que o levaria ao túmulo, terminava dois quadros — doradouros da sua obra e cujas reproduções fotográficas fazemos nesta página. E os fez com a mesma liberdade, a mesma segurança e o mesmo admirável equilíbrio com que quarenta anos atrás, dentro do outro fase de evolução e pesquisa, compunha os mais admiráveis do gigantesco "foyer" do Teatro Municipal.

"TRES MARIAS", O ÚLTIMO TRABALHO DE VISCONTI, EXPOSTO NO SALÃO DESTE ANO E TERMINADO POUCOS DIAS ANTES DO ACIDENTE QUE VITIMOU O ARTISTA.



"FLOR DA RUA", PENÚLTIMO TRABALHO EXECUTADO POR ELISEU VISCONTI E EXPOSTO NO SALÃO DESTE ANO, HAVIA SIDO TERMINADO EM MARÇO ÚLTIMO.

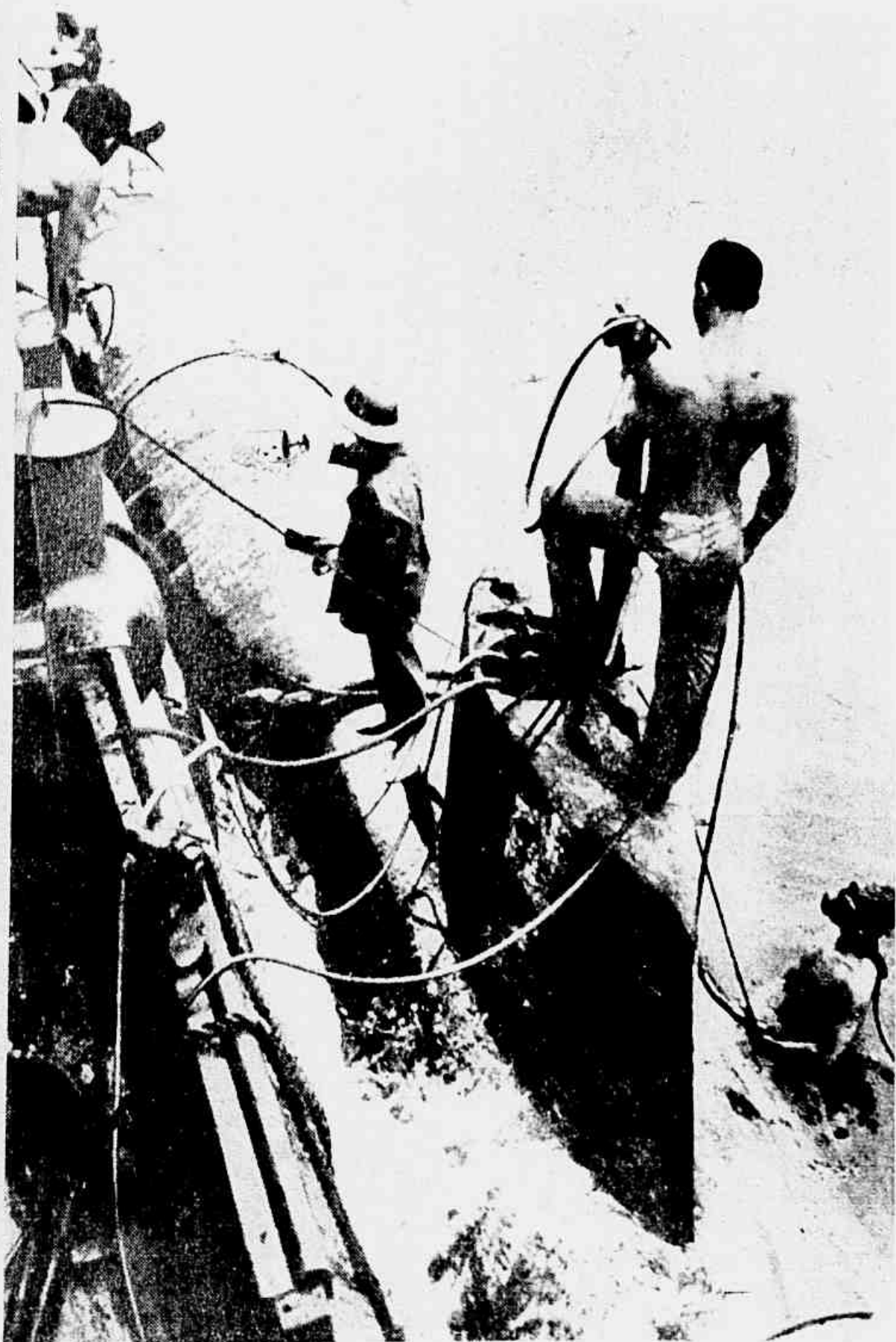




REFORÇOS E ABASTECIMENTOS PARA AS FORÇAS INVASORAS — SOB O CONSTANTE FOGO DOS JAPONESES, SOLDADOS NORTE-AMERICANOS DESEMBARCAM DE UMA GIANTESCA BARRACA TODA CHEIA DE MATERIAIS DE GUERRA PARA AS FORÇAS INVASORAS. MEDIANTE ESSE ARDUO TRABALHO OS FUZILEIROS RENOVAM OS SEUS EQUIPAMENTOS PARA CONTINUAR DESTRUINDO O INIMIGO NAS REGIÕES DAS FILIPINAS E AFINAL, O ÊXITO DESSE EMPREENDIMENTO É ABSOLUTO, COMO O TÊM DEMONSTRADO AS NOTÍCIAS MAIS RECENTES NA GRAFICA, UM DETALHE DO ESFORÇO DESEMPENHADO PARA UM AGITADO DESEMBARQUE DE REFORÇOS E ABASTECIMENTOS.

CAÇADO MAIS UM SUBMARINO DE BOLSO JAPONÊS — ELIS PENSAM MISTIFICANDO A VONTADE DO ENTRE A EQUIPADA AMERICANA E CONSIGUIR OBJETIVOS TEMEROSOS, COM SEUS DOIS ÚNICOS TRIPULANTES. MAS FORAM CAPTURADOS E ALISTADOS COM O SEU ESFORÇO INTEIRAMENTE PREJUDICADO. AGORA TAMBÉM OS ALIADOS TÊM "SUBMARINOS DE BOLSO", MAS APERFEIÇOADOS E DE REAL EFICIÊNCIA.

DESTRUINDO E AFUNDANDO NAVIOS INIMIGOS — UMA ENORME COLUNA DE FUMAÇA ERGUE-SE DA BASE JAPONESA DE PALAU, APÓS UM ATAQUE DE TRÊS DIAS REALIZADO PELAS FORÇAS AÉRO-NAVAIS AMERICANAS CONTRA AS POSIÇÕES INIMIGAS NO OESTE DAS CAROLINAS, NO PACÍFICO CENTRAL. AI FORAM AFUNDADOS 36 NAVIOS JAPONESES.



A GUERRA EM MARCHA

AS lutas na frente ocidental prosseguem com um encarniçamento cada vez maior, apresentando-se a zona de Aachen como o ponto nevrálgico de toda a frente e onde se processam os mais enfiados combates. Em nenhum ponto a conquista de terreno adquire a expressão especial que tem nesse setor. É compreensível a razão de ser deste fato. Esta região compreende uma das mais ricas províncias da Alemanha e de vital importância para todo o esforço de guerra dos nazistas. Perder terreno aí significa diminuir, se não extinguir, os meios de continuar a guerra.

Churchill em seu último discurso acentuou este fato, dizendo que uma rutura, nesta frente e mais ao norte, teria incalculáveis consequências estratégicas. Apesar de todos os obstáculos antepostos aos Aliados, continuam os avanços em direção de Colônia, tendo sido alcançado por todo o Nono Exército Americano o rio Roer, e no avanço ininterrupto nessa região foram conquistadas pelas forças das Nações Unidas as cidades de Langerwehe, Jüngersdorf; penetraram em Roerdorf e Flossdorf cercando Hünninger. O cruzamento do rio Roer, que constitui a última barreira interposta entre o Nono Exército e o Ruhr, é uma operação de grande envergadura e esperada com ansiosa expectativa. A outra região dessa frente, que apresenta alterações sensíveis, é a do 1.º Exército Francês e do 3.º Exército Americano, de Patton, que ameaça Saarlautern, entre Merzig e Sarrebruck. Não resta a menor dúvida de que a situação dos alemães está se tornando cada vez mais insustentável, e os próprios comentaristas de rádio nazistas já falam na possibilidade de um recuo geral de toda a frente, em vista das dificuldades em sustentar as atuais posições. Não há, portanto, otimismo exagerado em achar que, apesar de todos os óbices, essa frente apresenta uma situação estratégica favorabilíssima aos Aliados.

Na frente da Itália lançaram os alemães um contra-ataque na zona que pertence ao 5.º Exército Americano, conseguindo retomar algumas posições que se encontravam em poder dos Aliados; porém os britânicos contrabalançaram, tomando no flanco do 5.º Exército Fasola Alsenio, a sudoeste de Imola. De maneira geral as operações nessa frente estão reduzidas a lutas de caráter local, sem coordenação entre os diversos exércitos em luta, porque as condições locais estão quase intransponíveis devido ao frio, neve, chuvas e a lama em que se transformaram todos os caminhos.

Na frente oriental os russos, que são especialistas em ofensivas de inverno, não dão tréguas aos alemães, e nos combates em território húngaro conquistaram Eger e Sziksko. Eger está situada a 96 quilômetros de Budapeste e é de estratégica importância, porque constitui a guarda do passo de Matra, que leva à Eslováquia Central. Sziksko fica a 15 quilômetros a noroeste de Miskolc, e está a 104 quilômetros de Budapeste, na mesma direção. A rutura na linha do Danúbio, que representa a mais grave ameaça para os exércitos alemães, está sendo objeto, por parte dos nazistas, de apressados reforços, que até da Itália estão sendo remetidos, para conter os russos na cabeça de ponte de Batina, que

já tem cerca de duzentos quilômetros de largura por cinquenta de profundidade. Depois da travessia do Danúbio, as forças do 3.º Exército do marechal Tolbukhin avançaram em direção ao norte, alcançando Bataszer e, em direção oeste, ameaçam Pecs, importante por suas minas de carvão e que o próprio rádio alemão dá como evacuada pelas tropas nazistas. Nessa frente também é crítica a situação dos nazistas, porque não sabem qual o ponto escolhido pelos russos para novo irrompimento, o que dificulta a disposição das suas forças. Caso os nazistas não consigam frustrar o avanço na direção norte do Danúbio, a invasão da Áustria e sudeste da Alemanha será realizada brevemente, porque a direção geral do avanço das forças do general Tolbukhin flanqueia as defesas germano-húngaras e as ameaçam de envolvimento fatal à defesa do flanco leste e sul da Alemanha.

A situação das frentes indica o sincronismo entre a ofensiva dos Aliados no oeste e a dos russos no leste, que impede aos alemães o recurso dos deslocamentos das reservas estratégicas de uma para outra frente, que na outra guerra permitiram a Hindenburg sustar o avanço russo na Prússia Oriental, mediante a chegada apressada das reservas deslocadas da frente ocidental. Nesta guerra, entretanto, não lhes é possível repetir a operação, pois teria fatais consequências em virtude do sincronismo das duas ofensivas. A única esperança que resta à Alemanha é retardar durante o inverno as ofensivas em curso, afim de reorganizar seus dois exércitos de manobras. Darão os Aliados essa oportunidade aos nazistas? Tudo indica que os alemães devem deixar esta esperança de lado.

Na frente do Pacífico prosseguem as lutas na ilha de Leyte, onde os japoneses, em tentativas suicidas, tem desembarcado reforços num inútil e derradeiro esforço de sustar o avanço dos norte-americanos na invasão das Filipinas. A luta apresenta-se no momento confusa, embora a iniciativa continue do lado dos americanos. Além disso, os americanos estão concretizando de forma irrefutável a promessa de levarem a guerra ao coração do inimigo. Assim, os bombardeios de Tóquio e das zonas de esforço bélico dos japoneses estão sendo realizados continua e eficazmente, sendo que Tóquio já recebeu a primeira visita das Super-Fortalezas à noite. Esses "raids" irão amudando até que dia e noite sejam marteladas as posições inimigas.

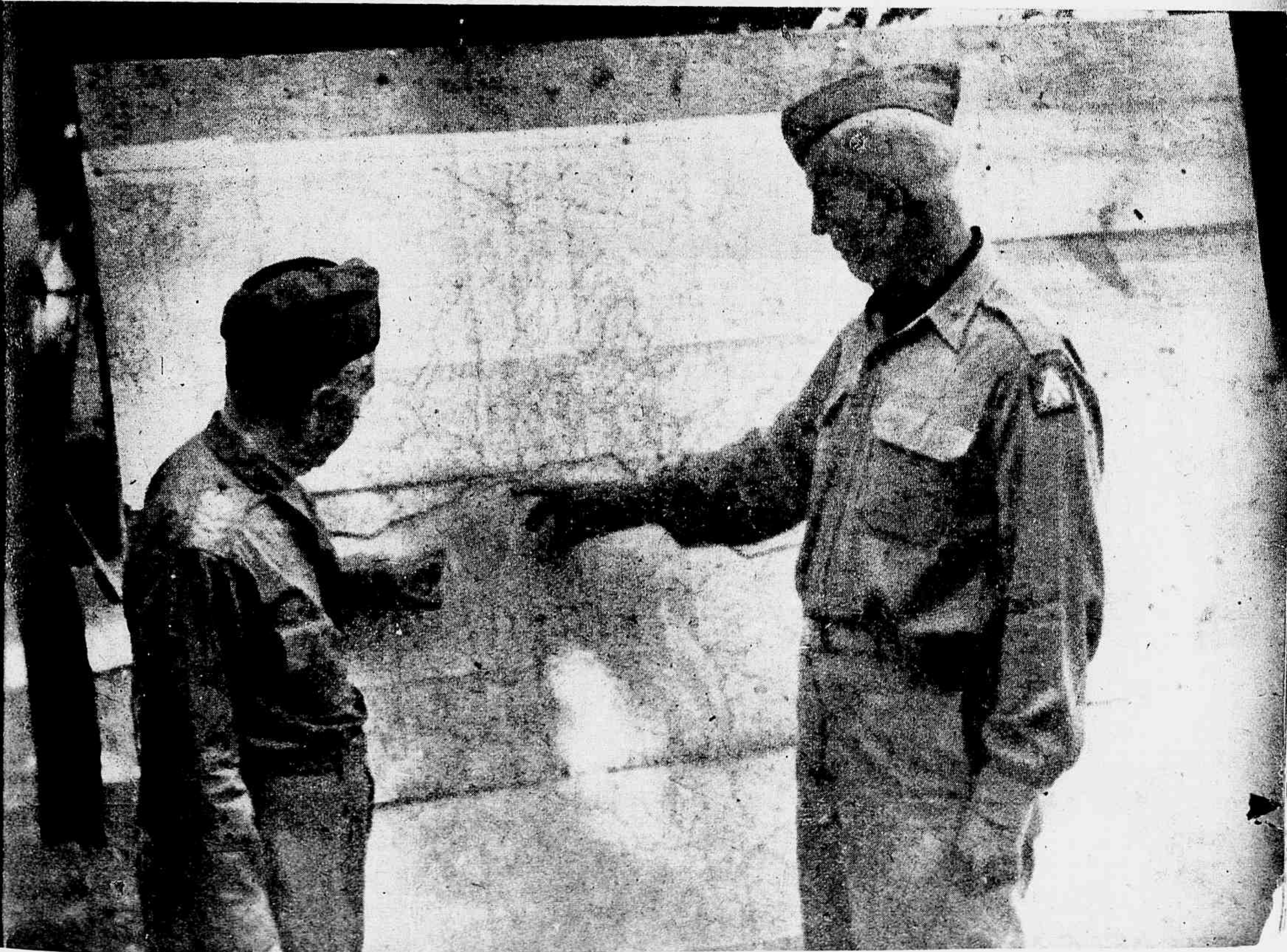
Na China a confusão de posições japonesas e chinesas, num contínuo avanço e recuo de posições importantes para os dois adversários, dificulta ao observador delinear quais as operações substanciais que se processam.

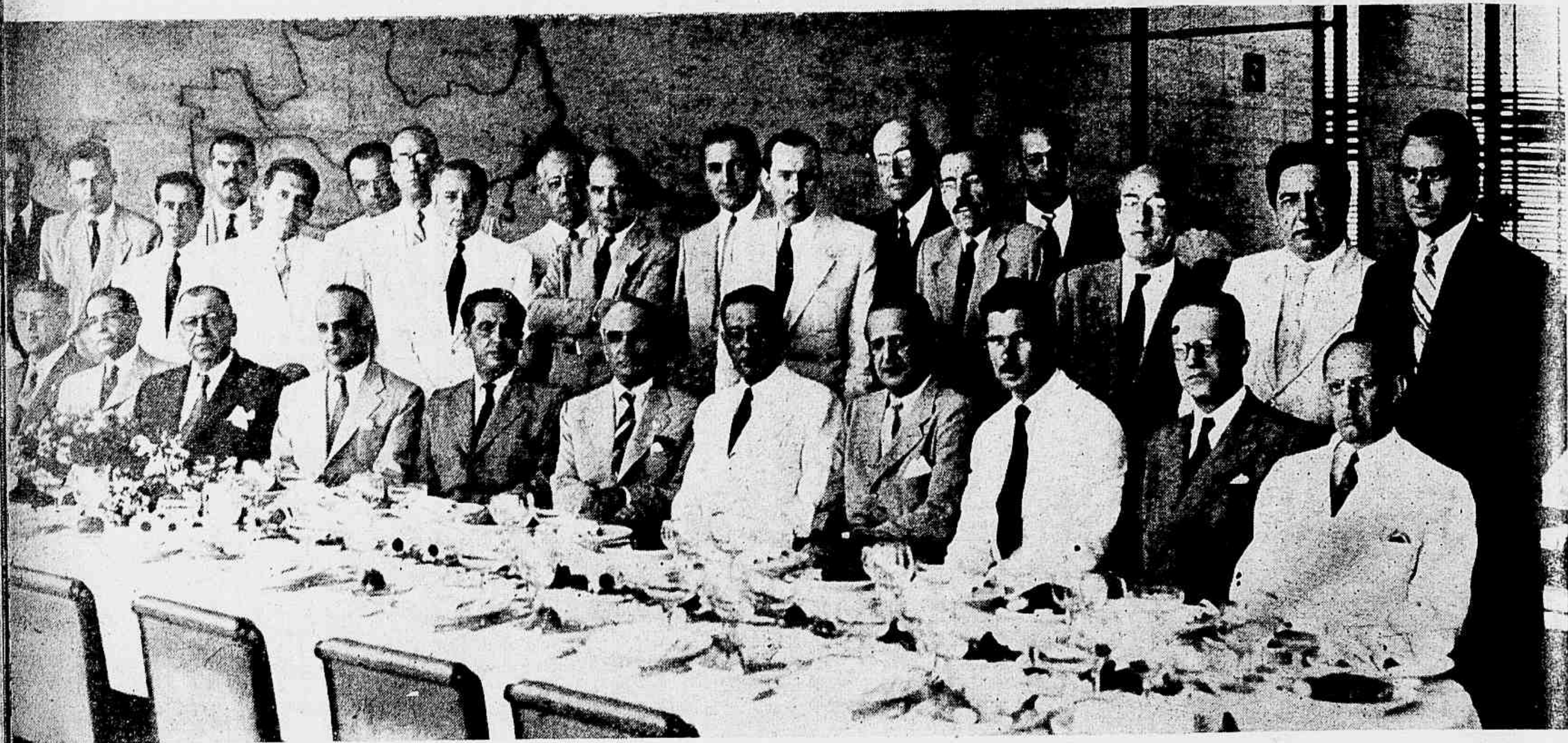
Na Birmânia há indícios de uma nova e vigorosa ofensiva para libertar de vez a estrada de Burma das mãos dos japoneses.

Sem dúvida alguma a semana que se escoa foi bastante favorável à marcha das operações.

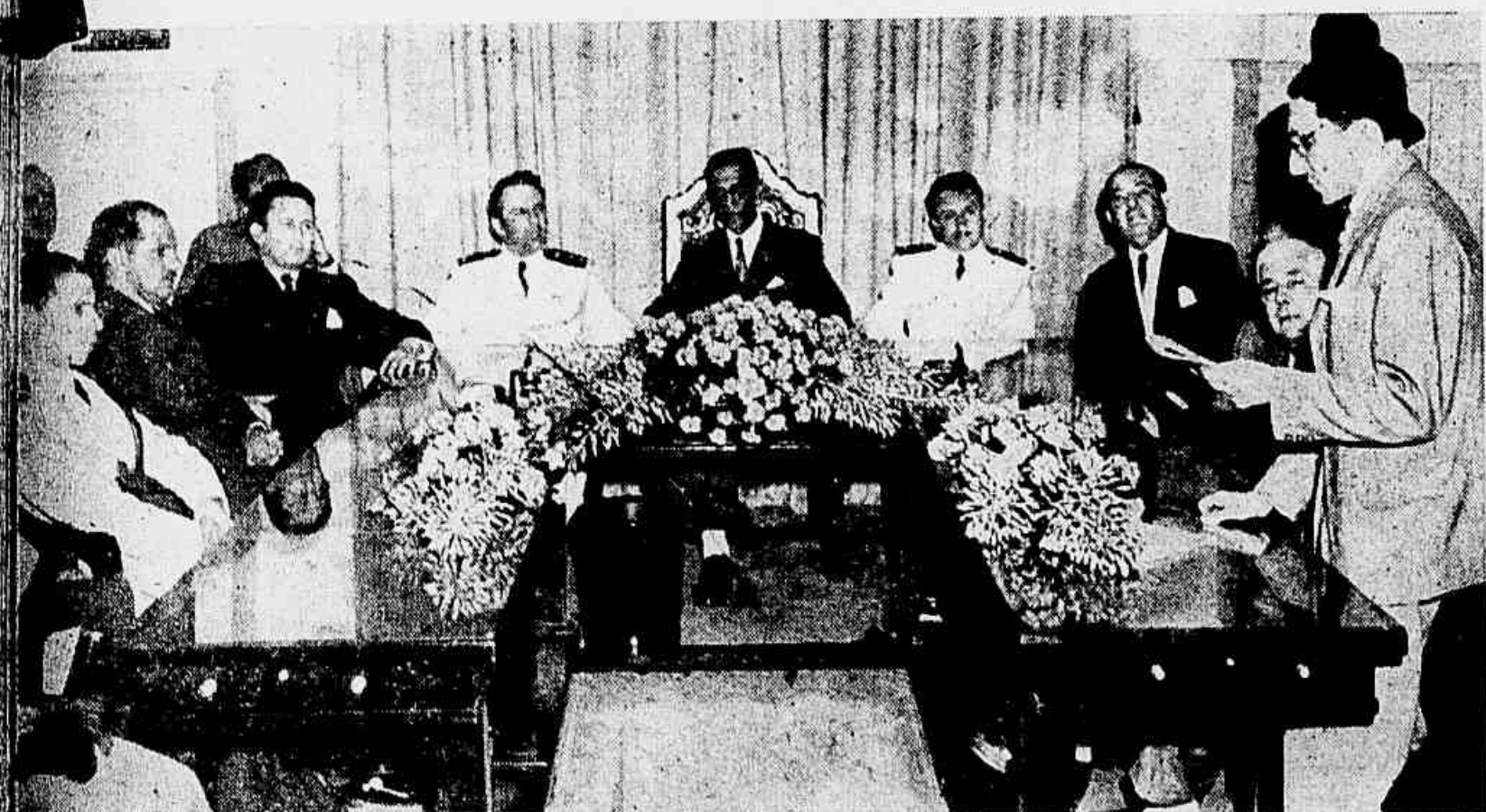
O GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS EM CAMPANHIA

— O BRAVO MILITAR BRASILEIRO, EM COMPANHIA DO CHEFE DO ESTADO MAIOR DO 5.º EXÉRCITO, EXAMINA O MAPA GERAL DAS OPERAÇÕES DE GUERRA NA ITÁLIA. E TRAÇAM AS DIRETRIZES PARA NOVOS ATAQUES EM QUE SE VÃO EMPENHAR OS HEROICOS SOLDADOS PATRICIOS QUE TANTA ADMIRAÇÃO TÊM PROVOCADO POR PARTE DOS SEUS COMPANHEIROS DE LUTA DAS OUTRAS NAÇÕES UNIDAS.





TRANSCORREU NO DIA 18 DE NOVEMBRO ULTIMO O ANIVERSÁRIO NATALICIO DO DR. BRENO PINHEIRO, SECRETARIO DO PRESIDENTE DO INSTITUTO NACIONAL DO AÇUCAR E DO ALCOOL. ESTE MOTIVO SERVIU DE ENSEJO PARA QUE O ILUSTRE ANIVERSARIANTE FOSSE HOMENAGEADO POR SEUS AMIGOS E ADMIRADORES, QUE LHE OFERECERAM UM ALMOÇO NO RESTAURANTE DO AEROPORTO SANTOS DUMONT. AO AGAPE COMPARECERAM NUMEROSAS PESSOAS DO LARGO CIRCULO DE AMIZADES DO HOMENAGEADO, ALÉM DE ALTOS FUNCIONÁRIOS DO I. N. A. A.



ENCERRANDO AS SOLENIDADES DA SEMANA DA ASA, O TOURING CLUBE DO BRASIL OFERECEU UMA RECEPÇÃO EM HONRA DOS AVIADORES CIVIS E MILITARES, NA SUA SÉDE SOCIAL, PRESIDIDA PELO BRIGADEIRO DO AR NEWTO NBRAGA. NA GRAVURA, UM FLAGRANTE BATIDO QUANDO O MAJOR BERILO NEVES, VICE-PRESIDENTE, FAZIA USO DA PALAVRA.

OS MENINOS PAULO E CARLOS ALBERTO, FILHOS DO INDUSTRIAL SOLON VIVACQUA E DONA MARIA DE LOURDES VIVACQUA.



ROLAND JUNIOR, FILHO DO DR. ROLAND JARDIM E DONA TEDDY A. JARDIM, DE UBERABA — ESTADO DE MINAS.

ASPECTO DA ULTIMA REUNIÃO REALIZADA NA SÉDE CENTRAL DA FEDERAÇÃO TAQUIGRÁFICA BRASILEIRA, QUANDO FOI INICIADO O MOVIMENTO PARA A AQUISIÇÃO DE CONTRIBUIÇÕES EM PROL DA F. E. B.

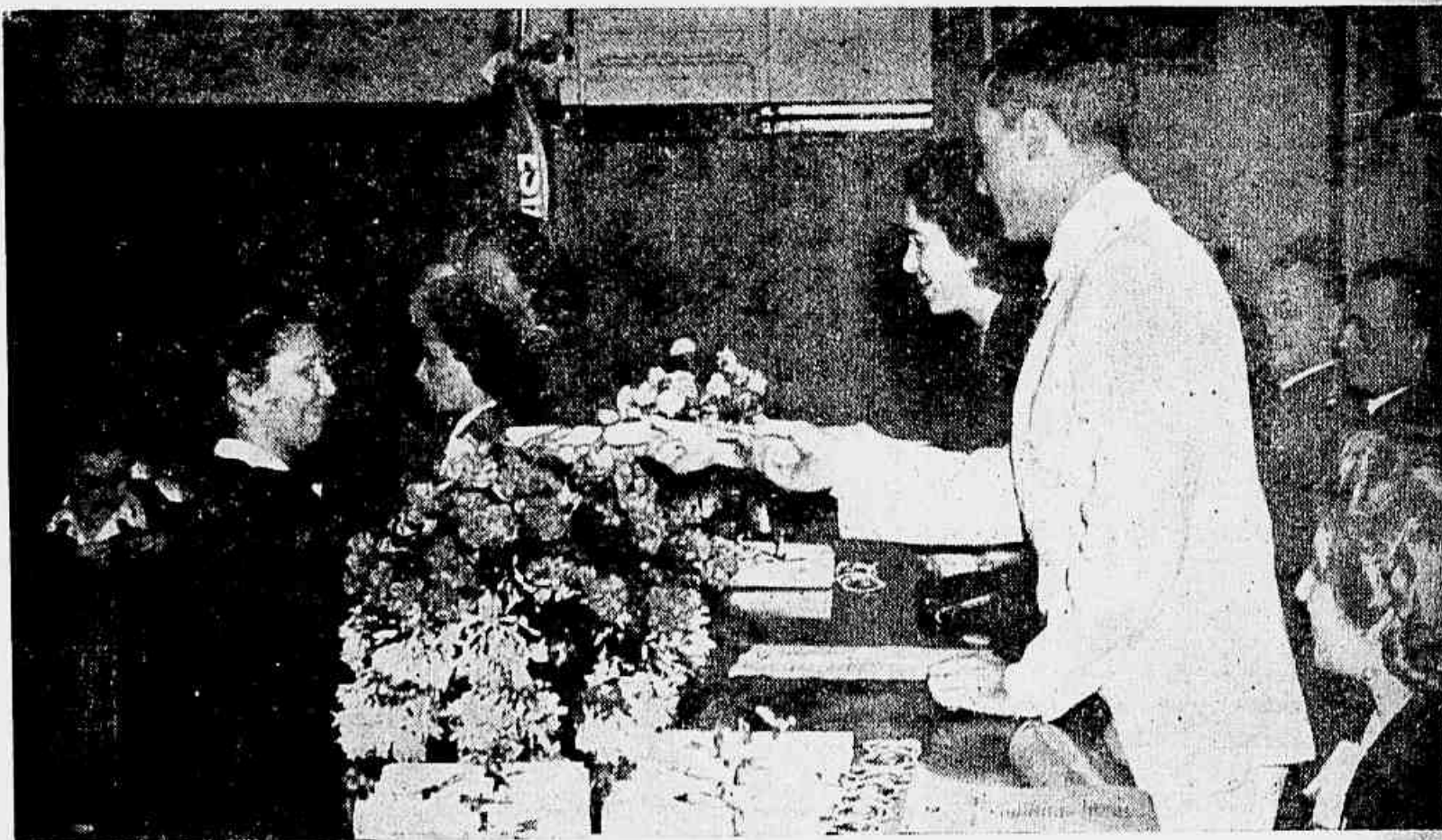




POR MOTIVO DA PROMOÇÃO DO MAJOR SILVIO ALVES ARAGÃO, O ESTABELECIMENTO DE FUNDOS DA 1.ª REGIÃO MILITAR PRESTOU-LHE SIGNIFICATIVA HOMENAGEM. O TENENTE BENTO PEDREIRA DA COSTA FEZ A SAUDAÇÃO GRATULATORIA, PEDINDO UM MINUTO DE SILENCIO PARA OS SOLDADOS BRASILEIROS MORTOS NOS CAMPOS DA EUROPA. NA GRAVURA, UM ASPECTO APANHADO NO TRANSCURSO DA SOLENIDADE.

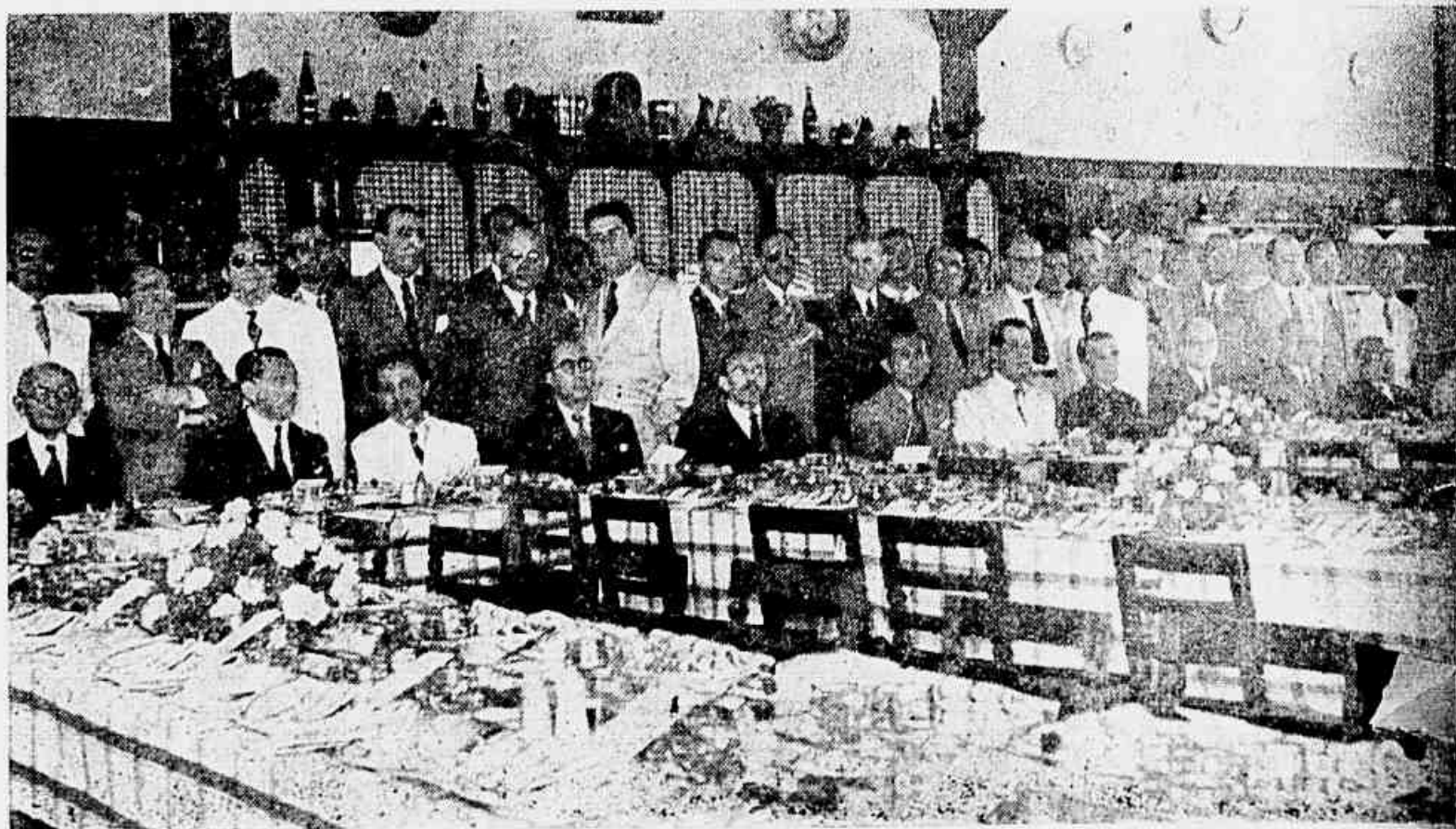
FIGURAS E FATOS

CELSE E NELSON, FILHINHOS DO SR. CELSO RODRIGUES DA CUNHA E DONA SOLANGE JARDIM RODRIGUES DA CUNHA, FAZENDEIRO E CRIADOR EM UBERABA — ESTADO DE MINAS.



SOLENIDADE REALIZADA NA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS, POR OCASIÃO DA ENTREGA DE CERTIFICADOS À 3.ª TURMA DE MONITORES AGRICOLAS DO E. DO RIO. FOTO TIRADA NO MOMENTO EM QUE A SRA. ALZIRA AMARAL PEIXOTO PRESIDIA A ENTREGA A UMA DAS MONITORAS DIPLOMADAS, STA. FLORINDA.

AMIGOS E ADMIRADORES DO SR. ANTONIO BÔTO DE MENEZES, EX-DEPUTADO FEDERAL E ADVOGADO NESTA CAPITAL, OFERECERAM A S. S. UM ALMOÇO NO LIDO EM COPACABANA. SAUDARAM O HOMENAGEADO DIVERSOS ORADORES. DURANTE O AGAPE, O SR. BÔTO DE MENEZES LEU CAPITULOS DE SEU PROXIMO LIVRO.



ESCRAGNOLLE DORIA

CARTAS DE ALVARES DE AZEVEDO

A vida de Alvares de Azevedo, tão breve quanto interessante, transcorreu entre S. Paulo, cidade natal, e o Rio de Janeiro, cidade de dileção do poeta-prosador.

O decurso de sua existência assim pôde ser dividido:

S. Paulo 1831 — 1833
Rio de Janeiro 1833 — 1844
S. Paulo 1844 — 1845
Rio de Janeiro 1845 — 1847
S. Paulo 1848 — 1851
Rio de Janeiro 1851

Por mudanças de família, por estudos, por férias, Alvares de Azevedo repartiu mezes nos citados anos entre duas cidades, a paulista e a carioca. Nesta, por curso no Collegio de Pedro Segundo, passou seguidos 1845, 1846, 1847.

Verso e prosa de Alvares de Azevedo, cartas de muito tempo inéditas e afinal dadas a lume pelo préstimo revelador de Luis Felipe Vieira Souto, consentem reconstituir períodos da vida do poeta, também um pouco o da vida da capital de S. Paulo de 1848 a 1851.

Aluno laureado do Imperial Collegio de Pedro Segundo, suprimir-lhe o de é nunca ter lido o decreto regencial da sua criação, Alvares de Azevedo matriculou-se no Curso Jurídico de S. Paulo, no qual se formara o pai do matriculado.

O recém bacharel em letras teve de partir do Rio, por mar, via Santos. Não se foi do lar sem saudades, levando-as e deixando-as.

Então o carinho estava incluído no seio e no papel das famílias. Para exemplo a de Alvares de Azevedo, no dia da separação do filho e do irmão querido, por último adeus, pôz uma bandeira à janela da residência. O viajante deveria vê-la de bordo, assinalando-lhe o ponto de amor onde ficavam tantos corações amigos de quem se afastava. A despeito de esforços, não pôde o viajante distinguir o sinal afetoso de último adeus.

A barca de vapor, da qual passageiro Alvares de Azevedo, seguio, teve travessia acidentada, ameaça de fogo a bordo, chegando em Santos a bom porto e salvamento.

No tempo navegações baldeações. Por mil réis, Alvares de Azevedo alugou canoa para levar trastes à praia. Desta tiraram carga uns negros pela paga de oitenta réis.

Ir de Santos a S. Paulo era vencer, a cavalo, a serra do Cubatão, bem o soube D. Pedro no dia raiado em Santos e concluído na tarde do Ipiranga para noite triunfal em S. Paulo.

A 12 de Março de 1848, entrava na cidade natal o calouro academico Alvares de Azevedo, na cidade onde fôra "bicho", isto é preparatoriano, a exames de francês, inglês e latim antes do curso seriado do Pedro Segundo, Imperial Collegio, como se fazia timbre de dizer na época, pela importância fôra de par do educandário de 1837 na instrução do paiz.

Do Imperial Collegio, localizado no antigo Seminário de S. Joaquim, passava Alvares de Azevedo ao Curso Jurídico, de sede em desapropriado convento franciscano. A matrícula de Alvares de Azevedo ocorria em 1848, ano no qual, para felicidade e progresso do Brasil, se encerrava o ciclo fratricida das lutas civis do Imperio.

Acostumado ao mais rumoroso e divertido Rio de Janeiro, Alvares de Azevedo não se comprazia na quietude de S. Paulo, cidade de cunho universidade pelas renovadas juventudes de frequência no Curso Jurídico.

Alvares de Azevedo gostava de bailes, mesmo terminados à meia noite como então os de S. Paulo. Gostar de bailes é querer saber de moças, cuidando Alvares de Azevedo de escolher pares entre bonitas.

Em correspondência com a adorada Mamãe, doce nome ora tão substituído por outro que nem vale a pena citar, Alvares de Azevedo, tratando de bailes, ora apontava claramente nomes de moças formosas, ora as indicava por iniciais, na época de fácil reconhecer, hoje de difícil decifração.

O corpo academico, cotisa daqui, cotisa dali, dava baile tradicional a 11 de Agosto, com ele uma sessão literaria solenizando a data da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil, para mal de Coimbra universitária.

Na sessão comemorativa de 1849 orou o segundo-anista Alvares de Azevedo, produzindo discurso erudito e de pompa verbal.

Alvares de Azevedo participava da predileção de colegas pela venatória, nos arredores de S. Paulo, à caça de nhambuús, pácas e perdizes, estas bem depois dando até nome a arredor da capital.

Acompanhando colegas, Alvares de Azevedo não desdenhava festas populares, urbanas ou não, de exemplo as festas de Pirapora, pelo povo, fino ou grosso, consideradas de estalo.

Mercê de relações de sua família, Alvares de Azevedo via-se convidado a jantar ou tomar chá em casas de gente distinta e isso, para um estudante, significava muito, fechando o círculo social de S. Paulo.

Por deveres de aluno, o Curso Jurídico tinha de ser a casa mais paulista de Alvares de Azevedo. Nela o academico, fosse qual fosse o ano de curso, estava sujeito ao ensino obrigatorio, com sabatinas orais e dissertações escritas. Algumas hoje se acham transcritas na *Revista da Faculdade de Direito*, sendo da lavra de estudantes depois notabilidades quais Lafayette e Rio Branco Segundo.

Tempos de pedagogia atrasada, dirão, mas quem sabe o que dirão outros da adiantada! Na atrasada formou-se muito bom Brasil, os frutos os melhores recomendadores da qualidade das arvores.

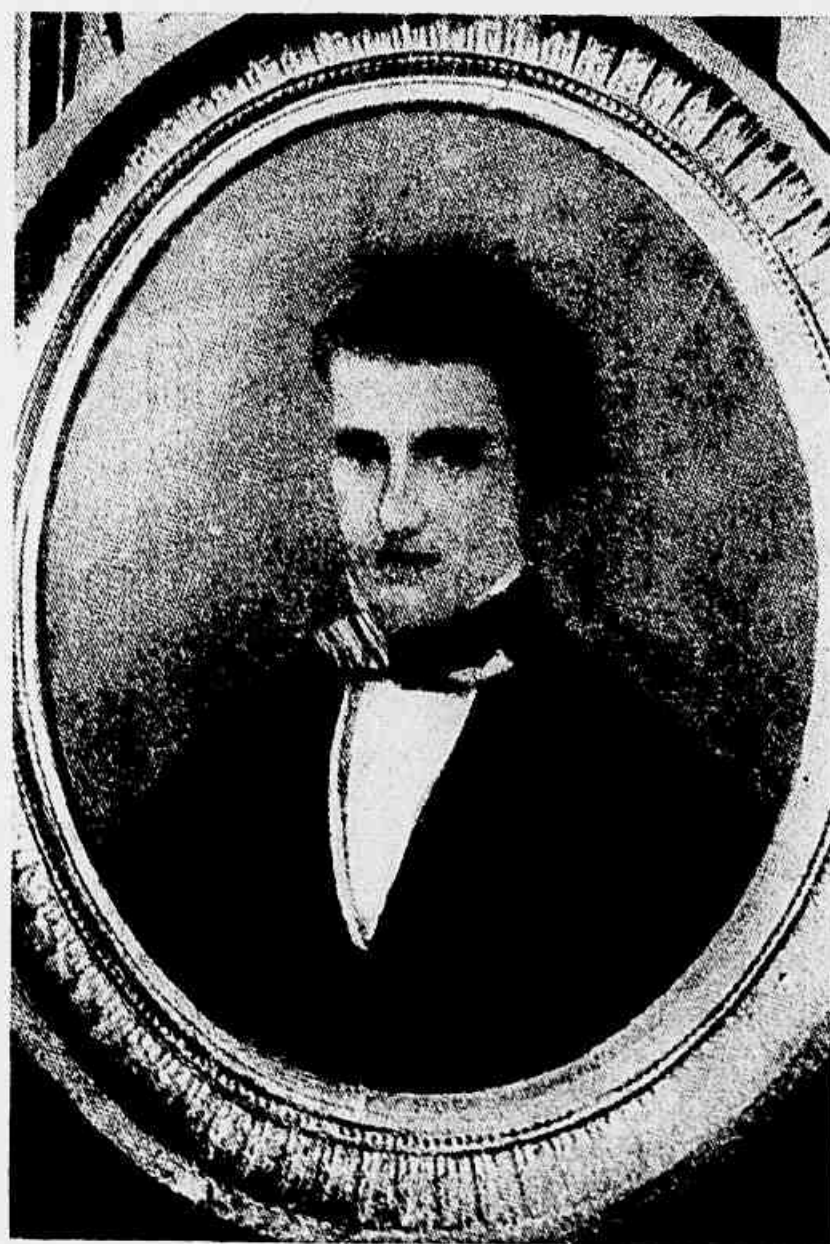
No tempo de Alvares de Azevedo quarenta faltas importavam em perda e inexorável repetição de ano, tudo de tranca à vadiagem contumaz.

Fazendo chamada, marcando faltas, o bedel assumia ares de personagem, de clemencia insuplicavel. Fiscalizando era fiscalizado. Os casos de perda de ano por doença não se apresentavam frequentes. Doença excedente de quarenta dias, por grave, reclama convalescença mais ou menos longa.

Participe do assáz intenso movimento literario academico, por jornais e associações de moços, Alvares de Azevedo mostrava-se solidario com os pezares de colegas ou condiscipulos. Nem se furtava a espetaculos de compungencia, qual o da procissão de Cinza, ou de dôr, como o de funerais, alguns de chamar atenção publica, por ser o morto de vivos influentes.

Do enterro de um anjinho, neto da marquesa de Santos, deu Alvares de Azevedo noticia epistolar à mãe. Saimento solene, à noite, com grande concorrência, debaixo de chuva, e ido de extremo a extremo da cidade, do Açú ao Carmo.

No anjinho levado a enterrar, reconheceu Alvares de Azevedo traços fisionomicos maternos, os da condessa de Iguassú, a criança a reproduzir a testa alta e o arrebitado do nariz da genitora.



ALVARES DE AZEVEDO

Retrato em *Dous Românticos Brasileiros*, (Alvares de Azevedo e Manoel de Almeida) por Vieira Souto.

Nas cartas do filho à mamãe, em troca de cuidados, encontram-se poucas referências a mestres, colegas e condiscipulos, se algumas informações sobre o modo de viver em casas de estudantes ou "republicas", nas quais o regime não apresentava ordem, ali pelo menos. Em *Idéas Intimas*, Alvares de Azevedo confessa expressivamente "*Meu quarto, mundo em cahos, espera um Fial*".

Em 1850 um temporal de "bombas", de reprovações, desabou sobre o corpo academico. Eis como descreve o temporal o terceiro anista Alvares de Azevedo:

"A banca do meu anno era terrivel. De 30 estudantes só 22 fizeram actos, e destes só 19 sahirão plenamente, um foi aprovado simplesmente e os outros dous foram reprovados, com injustiça clamorosa. O Dr. Manoel Dias no dia de meu ponto disse a alguém em confiança que eu me segurasse muito porque o Dr. Furtado tinha dito que me punha um R. Foi com esta noticia e à vista de 2 reprovações injustas da vespera, e vendo a debandada de meus colegas que fui para o acto. Como já lhe disse fui feliz ainda uma vez e obtive o plenamente".

Com procêla ou bonança, acabavam as provas publicas do Curso Jurídico, precedidas pelo "cavaco" ou despedidas de docentes a discentes. Para estes, felizes ou infelizes nos exames, estava dado o grato sinal das férias, em S. Paulo ou alhures; no adeus até para o ano ao convento de S. Francisco.

A maior nota a conquistar nos atos do Curso era a aprovação plena, os rr de grande vexame até para as famílias dos reprovados. Um academico, depois jurista notavel, ouviu de D. Pedro II este conselho: Snr. F. é preciso estudar mais, deixe-se de simplesmente". Pela imprensa a excelente memoria do imperador seguia o resultado de exames, sobretudo nas Faculdades.

Laborioso, Alvares de Azevedo, em férias do terceiro ano no Rio de Janeiro, escrevia ao intimo amigo Silva Nunes no Rio Grande do Sul:

"Não tenho passado ocioso estas férias, antes bem trabalhadas de leitura as tenho levado. N'esse pouco espaço de trez mezes escrevi um romance de duzentas e tantas paginas; dous poemas, um em cinco cantos, e o outro em dous cantos; uma analyse do *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos litterarios sobre a marcha simultanea da civilização e poesia em Portugal — bastante volumoso —; um fragmento de poema em linguagem muito antiga, mais difficil de entender que as *Sextilhas de Frei Antão* — n'outro gosto porem, mais ao geito do *Th. Rowley* de Chatterton".

Parecia Alvares de Azevedo adivinhar morte em viço de anos. Não lhe sahia da idéia o caso do Curso Jurídico conhecer "o sucesso repetido e estranho de haver falecido consecutivamente por tres ou quatro anos um estudante do quinto ano, em parede da casa de Alvares de Azevedo escritos os nomes dos quinto-annistas com a era concernente à sua morte, achando-se em branco na era de 1852 o logar do nome do quinto-annista que o havia de occupar".

A possibilidade de ocupar o obcecava Alvares de Azevedo, lembrando-se do quinto-anista João Baptista da Silva Pereira Junior, cujo nome em Setembro de 1851 fôra inscrito na parede fatidica.

Em Dezembro de 1851, a férias do quarto ano, Alvares de Azevedo, de passagem por uma fazenda em Itaboraí, observou, primo e amigo, Domingos Jacy Monteiro: "Parece-me que o meu nome é que se ha de escrever no logar branco". Mas afugentava a idéa negra acrescentando: "Não! isto nada vale, irei para Pernambuco".

Tudo valeria e o nome para o logar em branco seria do quinto-anista Manoel Antonio Alvares de Azevedo, a previsão tornada realidade.

Houvesse o estudante de 1852, egresso do Curso Jurídico de S. Paulo, se transferido para o Curso de Olinda, este em vespas de mudar-se para o Recife, e teria tido para colegas de formatura tres futuros ministros do Imperio, Liberato Barroso, Teodoro Machado, o referendador da lei do Ventre Livre, e Ferreira de Moura.

Morrendo no Rio de Janeiro, o simples estudante mereceu ali e em S. Paulo as mais sentidas homenagens publicas. Nascido numa tarde de 1831, ainda ao pino do sol, o poeta de vinte anos expirava numa tarde de 1852, indo à grande noite em hora vespertina, o crepusculo já a descer sobre a terra os primeiros véos das trevas adens para o sono humano, eterno o de Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

O retrato, como já disse, era o de uma jovem. Apenas a cabeça e os ombros, feitos na maneira técnica-mente chamada "vinheta" e bastante no estilo das cabeças favoritas de Sully. Os braços, o colo e mesmo as pontas do cabelo luminoso, perdiam-se imperceptivelmente na vaga porém profunda sombra, formada pelo fundo do conjunto. A moldura era oval, ricamente dourada e filigranada á mourisca. Como obra de arte, nada podia ser mais admirável do que a própria pintura. Mas aquela comoção, tão súbita e tão intensa, não me viera, nem da execução da obra, nem da imortal beleza do semblante. Menos do que tudo poderia ter sido minha imaginação que, despertada de seu semi-torpor, teria tomado aquela cabeça pela de



O RETRATO OVAL

Conto de EDGAR ALLAN POE
Ilustração de JOSE' ANTONIO

uma pessoa viva. Vi imediatamente que as peculiaridades do deserto, do trabalho do vinhetista e da moldura deviam ter de pronto dissipado tal idéa, impedindo mesmo seu momentâneo aparecimento. Permaneci quize talvez uma hora, semi-erguido, semi-inclinado, a pensar intensamente sobre tais pormenores com a vista fixada no retrato. Por fim, satisfeito com o verdadeiro segredo de seu efeito, deixei-me cair na cama. Descobri que o encanto do retrato estava na expressão de uma absoluta *aparência de vida* que a princípio me espantou, para afinal confundir-me, dominar-me e aterrar-me. Com profundo e reverente temor, tornei a pôr o candelabro, em sua primitiva posição. Afastada assim de minha vista a causa de minha aguda agitação, busquei avidamente o volume, que descrevia as pinturas e sua história. Procurando a página, que se referia ao retrato oval, li as imprecisas e fantásticas palavras que se seguem: 'Era uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria. E, maldita foi a hora em que ella viu, amou e desposou o pintor. Elle era apixionado, estudioso, austero e já tinha na Arte a sua desposada. Ella, uma donzela da mais rara beleza e não só amável como cheia de alegria; toda luz e sorrisos, travessa como uma jovem corça; andando com erinho todas as coisas; odiando somente a Arte, que era sua rival; tendo apenas a palheta, os pincéis e os outros sinistros instrumentos, que a privavam da contemplação do seu amado. Era pois terrível coisa para essa mulher ouvir o pintor exprimir o desejo de pintar o próprio retrato de sua jovem esposa. Ella era porém, humilde e obediente, e sentava-se submissa durante semanas, no escuro e alto quarto do torreão, onde a luz vinha apenas de cima projectar-se escassa, sobre a nua tela. Mas elle, o pintor, se regozijava com sua obra, que continuava de hora em hora

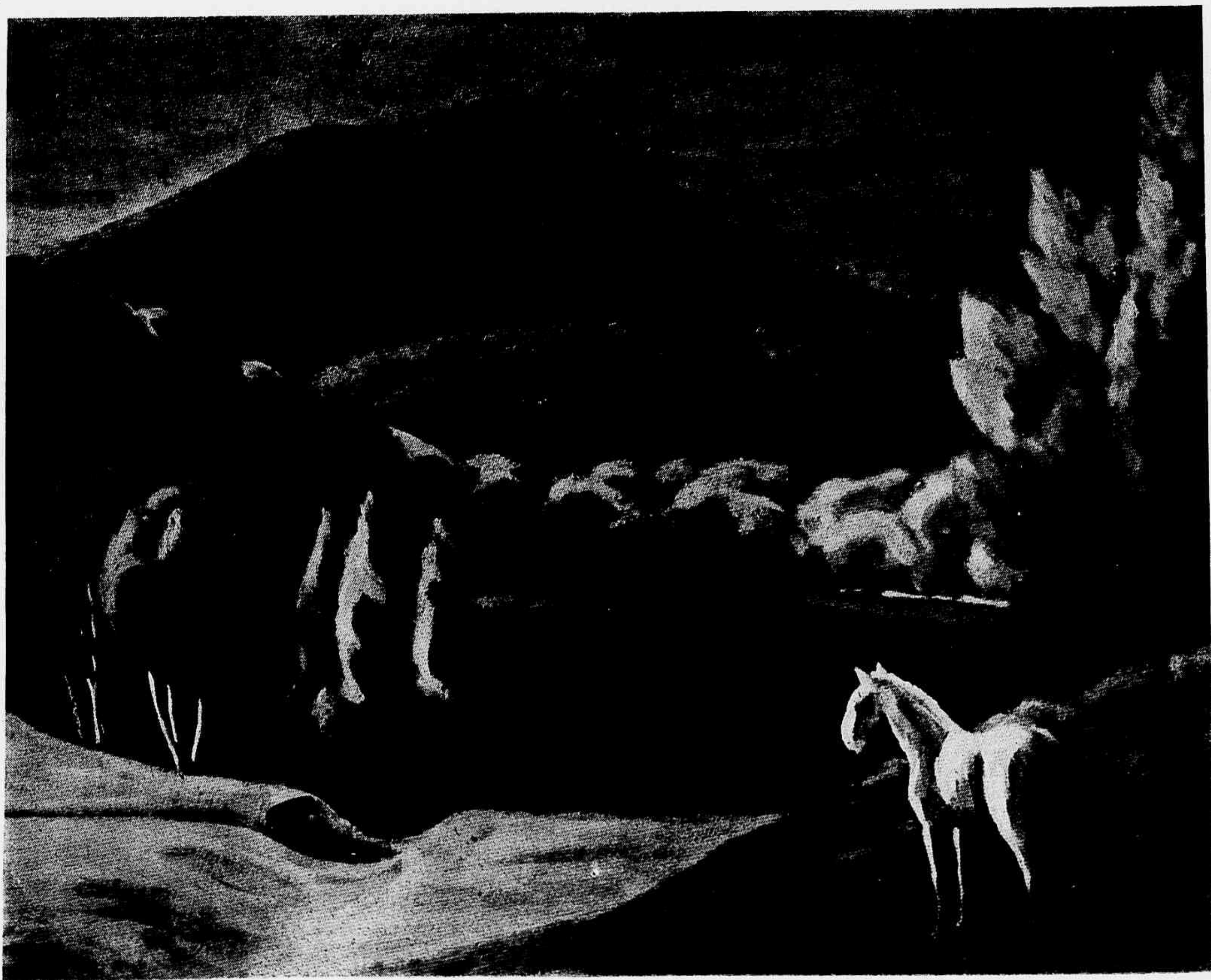
de din em din. Havia um homem apaixonado, rudo e extravagante, que vivia perdido em devaneios; assim não percebia que a luz que caía tão livre, naquele torcido solitário, na murcha vida, saúde e a vivacidade de sua esposa, visivelmente definhando para todos os olhos para ele. Contudo, ela continuava ainda o sempre o sorrir, sem se queixar, porque via que o pintor (que fazia alto tempo trabalhava com fervoroso e ardente prazer) se portava, dia e noite, não olhando quem tanto o amava, mas que, quando se tornava cansado, não deixava de trazer a sua amada, abraçando-a em o colo, e lá ela se via, com tanta doce e apaixonada expressão, que a vida, com a natureza, parecia só de amor e de paz. O pintor, então, se, por vezes, se afastava, a mulher não parava de pintar, e quando o marido vinha, ela lhe mostrava o que havia feito, e quando se afastava, ela lhe mostrava o que havia feito, e quando se afastava, ela lhe mostrava o que havia feito.

(Publicado primeiramente no NEW
HAM'S MAGAZINE, em abril de 1932.
Tem também o nome de VILHÃO MORRIS)



ARTES PLASTICAS

VEM de inaugurar-se, no Museu Nacional de Belas Artes, uma interessante e oportuna mostra de pintura canadense contemporânea. Foi exatamente esse o título com que se apresentou a exposição, promovida sob os auspícios do embaixador do Canadá no Brasil, e da qual damos, nesta página, duas sugestivas reproduções. A esquerda, "Outremont-Hiver", de Marcel Parizeau, e em baixo, "Automne", de Lyman. Já um crítico especializado afirmou, depois de ter visitado essa exposição, que "se aproxima de nós um Canadá desconhecido, que não consta de mapas e indicações de geografias, a parte mais amável e o interesse sensível da gente daquele extenso continente ao norte, inteligência e sentido estético, alma". É rigorosamente exata essa definição, porque, de fato, a Pintura Canadense Contemporânea, a metimto artístico de real importância, representa a inovação concretizada no terreno do belo. Ela nos oferece à contemplação íntimos objetos de produção artística popular canadense, pois são desse gênero os produtos de artesanato do povo, nos tecidos, nas colchas, nas toalhas, tapetes e enfeites de vestuário, intimidades pessoais e pedaços vivos da terra canadense. Ao embaixador Jean Désy licamos nós devenio essa louvável iniciativa de arte sobressaindo entre outras que este ano tivemos aqui no Rio.





NOS BASTIDORES FEMININOS

"SOU UMA PEQUENA ATRAENTE"?

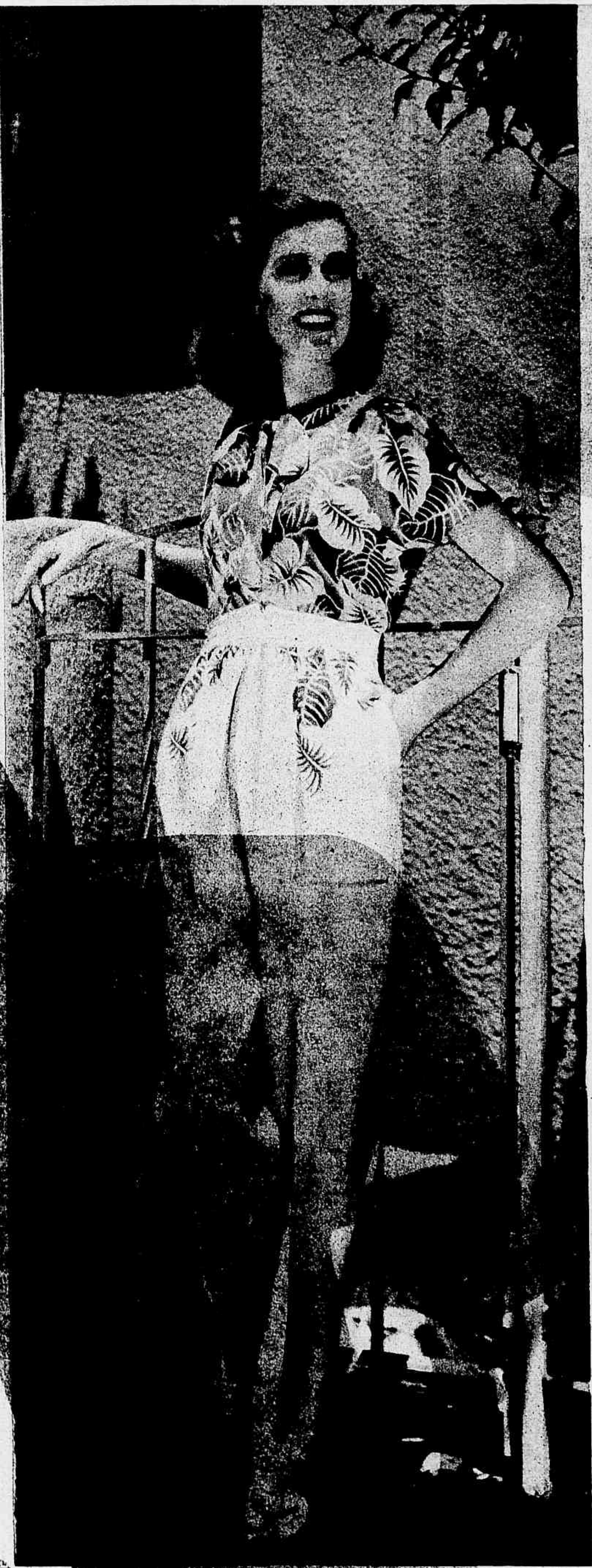
Quantas vezes você, graciosa leitora, terá feito essa pergunta a si própria? Acredito, no entanto, que muitas vezes você terá ficado indecisa e talvez mesmo a sua modestia a tenha impedido de responder afirmativamente. Por isso, aqui estou para ajudá-la. Você procura usar "aquilo que se usa" ou aquilo que fica bem em v. cê? Você se veste de acordo com a sua idade, de acordo com o seu físico, ou ainda, de acordo com a hora e o ambiente? Não procura parecer uma "jeune fille" si já passou dos vinte e cinco ou pelo contrário, tendo apenas 18 anos de idade, procura assemelhar-se a uma "senhora"? "Seu maquillage" é natural ou exagerado? Você tem por hábito examinar-se cuidadosamente antes de sair? Seu vestido está impecavelmente limpo? Não há vestígios de cabelos, "fâton" ou caspas? A costura das meias (si é que você as usa) está no lugar certo? Não há uma centímetro de combinação aparecendo?

E agora, você sorri como um anjo? Você não faz caretas? Não franze a testa? Não procura chamar a atenção dos outros falando alto ou gesticulando? Sabe receber com distinção uma homenagem? Costuma tratar a todos com a mesma atenção? Não vê em cada homem um admirador? Sente, onde quer que esteja, os olhares interessados dos homens? E' alvo da inveja de suas "amiguinhas"?

Então, querida amiga, você pôde ter a certeza de que é realmente uma creatura atraentíssima!

KITTY

RITA HAYWORTH Columbia



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: 1 — Maureen O' Hara, lindíssima "estrela", apresenta às nossas leitoras um interessante modelo de seda preta, pesada, que tem como detalhe original o corte arredondado do decóte, terminando em linha reta sobre o busto e arrematado por 4 fios de perolas. Uma larga pala, que vai estreitando para trás, liga a saia à blusa. A saia é franzida na frente, formando ligeiras pregas. 2 — Bem primaveril e alegre é este traje que Annita Louise veste com tanta graça. O conjunto é formado por uma calça em panamá branco e uma blusa de seda estampada de fundo azul forte e folhagens brancas. A manga é "raglan", sendo aliás

20

toda a manga é bordada. Do grande laço fecha o decóte ao alto. A calça é branca, e de cada lado são aplicadas folhas recortadas do mesmo tecido da blusa. 3 — Bem náutica original e elegante este conjunto que a "estrela" apresenta às nossas leitoras. 3 — Edward Stevenon desenhou, especialmente para Loretta Day, este lindíssimo modelo para jantar, composto de uma longa saia preta, aberta na frente, blusa de seda branca de gola esporçada, mangas largas ajustadas por largos punhos e uma jaqueta em gaze preta bordada a "soutache". O branco e preto continua pois a ser a combinação mais elegante, principalmente para "toi-

lette" e no
dora fi...
desta...
em co...
decóte...
vai do...
O' Ha...



Ser elegante não é apenas cobrir-se de roupas caras. Uma mulher vestida com apuro sente-se "desioçada" apenas porque não sabe escolher a "tonalidade" adequada à hora e ao ambiente. É preciso, portanto, muito cuidado ao escolher seu traje, afim de que você possa sentir-se segura de si própria e certa de que está realmente elegante para o momento que está vivendo.



...mais uma sugestão de Maureen O'Hara, encantadora para as nossas leitoras. Miss O'Hara aparece vestida de seda preta com grandes flores estampadas. A saia é três quartos, tendo a cava bastante larga. O corpete é de botões cobertos com o mesmo tecido até a cintura. A saia é franzida na frente. Maureen O'Hara modela com um chapéu de palha preta de abas largas.

(Fotos RKO Radio).



Um penteado realmente encantador é este, criado especialmente para Janet Blair, artista da Columbia, por Helen Hunt e que poderá facilmente ser copiado pelas nossas leitoras. Na parte de trás da cabeça, o cabelo é repartido à direita e levado para cima à esquerda, formando um grosso rolo de cada lado. Na frente diversas bôcles caem ligeiramente sobre a testa. Segurando o cabelo atrás, Miss Blair usa duas travessas de tamanhos diferentes.





NA CIDADE DE CACHOEIRA — (*Rio Grande do Sul*)



NA PRAIA CARUBÁ — (*Estado do Paraná*)

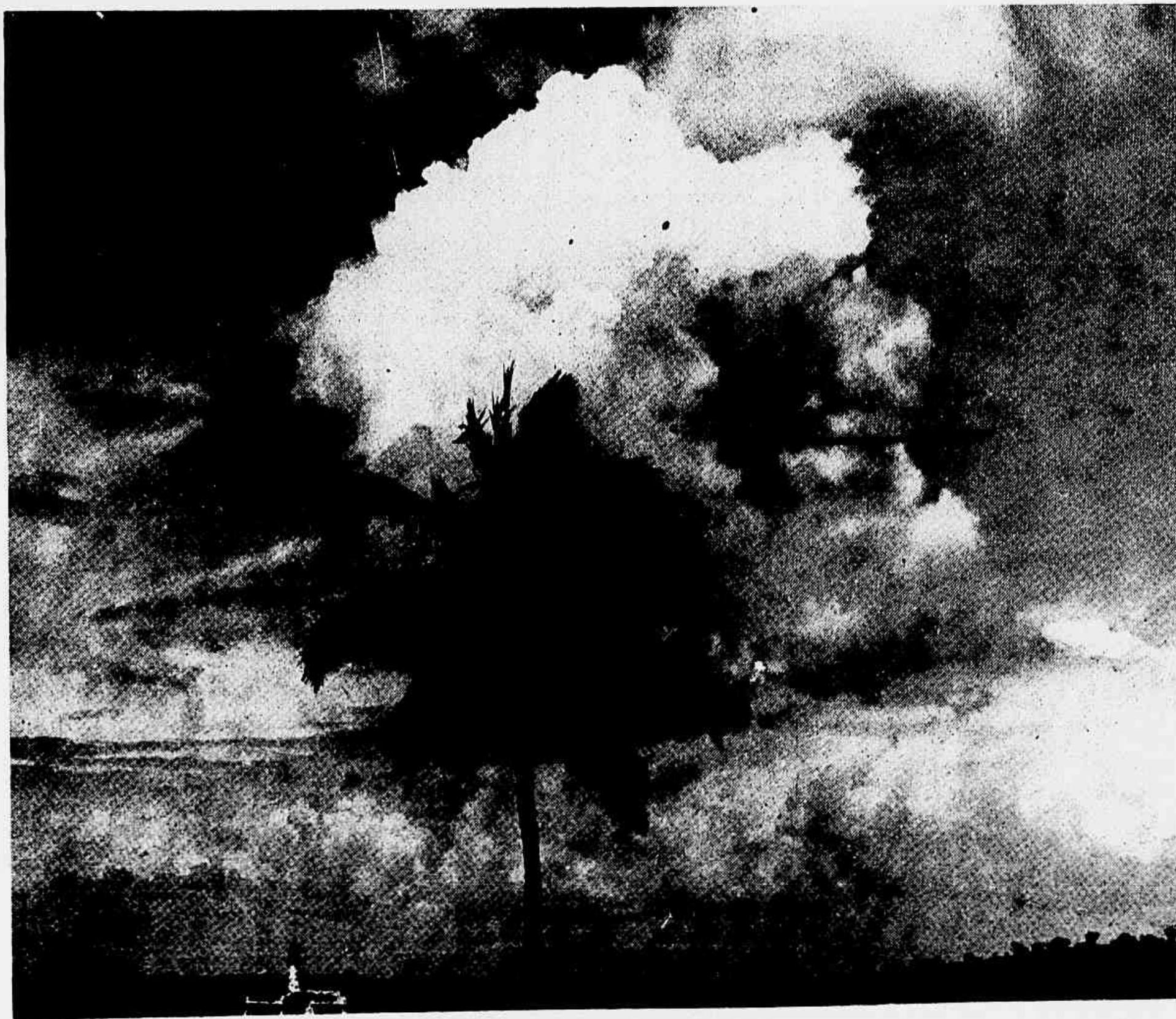
NO FAROL DA BARRA — (*Estado da Bahia*)

CÉUS DO BRASIL

QUEM se acostuma ao céu de um determinado lugar, onde quer que se viva por tempo indeterminado, ha de por força estranhar o céu de outra localidade para onde, mesmo tranitoriamente, nos impeliu o destino. Ha um céu diferente, característico e distinto para cada terra, embora todos sejam aparentemente iguais e o mesmo. Nossos olhos habituam-se á mesma paisagem, á rotina do mesmo efeito visual, mas por isso mesmo deslumbram-se quando pousam em novos aspectos. Mas é no céu, principalmente, que mais se acentua esse fenómeno. O carioca, acostumado ao céu sem nuvens da Cidade Maravilhosa, cheio de luz, iluminado por demais, ou então carregado de chumbo e coberto por um tenue véu acinzentado, espanta-se quando

visita o Sul ou o Norte e sente em suas pupilas os reflexos de outras luzes e outras céus. No Rio Grande do Sul, onde a abobada celeste parece estar mais perto de nossas cabeças, é um céu de nuvens quasi sempre espessas, com "terceira dimensão", visíveis na profundidade, parecendo que, se nossos braços se levantarem mais um pouco, as poderão tocar. São as nuvens, é o céu das pampas, mas diferente por completo do céu e das nuvens do extremo Norte. Quem já teve a ventura de um amanhecer no Amazonas, no rigôr do verão, ha de conhecer o panorama tipicamente tropical. É aquele disco solar imenso, de proporções realmente gigantescas, rubro, tingido de sangue, que se levanta no horizonte. É o céu todo claridade e tão brilhante que nos faz sentir a falta dos olhos enfumagados. São as nuvens, sempre as nuvens quietas, nuvens que não deslisam mas parecem flocos de algodão pendurados no tecto do céu do Amazonas. E as nuvens maravilhasas de Belo Horizonte, mais perto do céu pela altitude da cidade? E o céu brumoso, salpicado de neblina e nada transparente, da terra paulista? E as nuvens do planalto de Goiás, cheias de intensidade luminosa.

Aqui estão, nesta página, tres diferentes efeitos de nuvens e de céus, todos brasileiros. O primeiro, colhido na cidade de Cachoeira, Rio Grande do Sul. O segundo, na Praia Carubá, Estado do Paraná. E a ultima, no Farol da Barra, Estado da Bahia. São tres pontos distintos do Brasil, e, mesmo em reproduções fotográficas sem maiores possibilidades, elas servem para dar ao leitor uma impressão da diversidade da Natureza em céus brasileiros.



Eram quinze assassinos, mas não podiam ser punidos segundo a lei...

O MILAGRE DOS QUINZE ASSASSINOS

Adaptação de um conto de BEN HECHT

que todo médico é um assassino. Não me preocupo mais com os meus crimes. Conto, ao contrário, as vidas que salvei, e sinto que estas compensam os erros que cometi. Por que será a medicina a única profissão na qual não é lícito errar? Por que o médico não pode chamar a si o manto protetor do provérbio "errar é humano"? Não. Estou certo de que tenho razão e que a culpa não é minha. É uma instituição humana, não uma máquina, que comete erros. É uma máquina, não eu, que cometo erros. Enquanto a medicina não se tornar uma ciência exata, eu continuarei a cometer erros em condições humanas.

Certo dia...

— Carlos!

— Que é, meu amor?

Havia uma leve irritação no tom da minha voz pois eu não gostava que minha mulher viesse interromper os estudos. Já lhe tinha dito isso há bastante tempo, de uma vez, mas ela se obstinava em fazer no momento mais inoportuno fazer perguntas sem importância...

— Carlos, está aí um médico que queira falar com você.

— Um médico?

— Sim...

— Como é o nome dele?

— Um nome esquisito... Trombley ou coisa parecida.

— Trombley? Jonathan Trombley? Meu Deus! Onde está ele?

— Fica esperando na sala...

Vou falar com ele enquanto eu me preparo. Você sabe quem é Jonathan Trombley? É o maior especialista de cirurgia que há nos Estados Unidos.

— Ora, não, já há muitos anos que ele deixou de fazer. Dahi a pouco, ele se tornou um especialista em...

— Não pude deixar de fazer uma crítica da minha especialidade, não é verdade? Especialistas em geral, não sabem o que fazem.

— Que haviam cometido erros fatais, claro para os seus pacientes. A lealdade dos médicos é sempre em dúvida.

— Vá, minha mulher, não se preocupe quanto eu me preparo.

Fui encontrar Jean Trombley, um homem de bem. Ele, por sua vez, viveu imediatamente com as perguntas que lhe estavam sendo feitas. Perguntas de natureza...

— Qual dos dois ligamos é o mais importante, doutor?

— Minha esposa, por estar doente, e eu, por estar doente. A pergunta é: qual dos dois ligamos é o mais importante?

— Mas, doutor, não se preocupe. A pergunta é: qual dos dois ligamos é o mais importante?

— Em casos muito excepcionais, em monstros, talvez, se bem que eu nunca tenha encontrado um caso desses. Em gente comum, normal, não.

— Mas Carlos me disse uma vez que são dois.

— Nesse caso, minha senhora, eu sinto muito verificar que a competência de seu marido deixa muito a desejar...

— Encontrando esse momento. Assustado.

— Que há?

— Sua esposa esforça-se para me convencer que você lhe disse que o homem tem mais de um ligamento. Francamente, Carlos, eu nunca pensei que as minhas aulas de anatomia fossem tão pouco proveitosas...

Ri.

— Ela tem por hábito confundir essas coisas!

Jean protestou.

— Eu? Confundir o quê?

— De uns e que são dois, meu decinho de arco.

— Que diferença faz?

— Vou mostrar um cirurgião extrair o tendão de uma perna.

— Certo, que eu não sentia nada.

— Muito provável, meu amor, pois você não sabia.

Depois de mais alguns minutos de brincadeira, Trombley pediu a minha mulher que se retirasse.

Havia muito tempo que eu não via Trombley. Desde que deixara a Faculdade, e que não assistia mais as suas conferências por falta de tempo, não o tinha mais encontrado. Era ao mesmo tempo um homem e uma surpresa a sua visita.

— Como vim aqui porque preciso de você.

— Certo.

— Terá muito prazer em servi-lo.

— Não se trata disso. Quero eu servir a você.

— Explique-me o assunto.

— É simples. Explicarei. Todo jovem clínico, no início de sua carreira, comete muitos erros fatais. Muitas vezes, comete erros fatais. Pois bem, para discutir esses erros e tirar deles o maior proveito possível, eu fundei um clube...

— Um clube?

— Sim... Um clube. Chama-se — não se assuste com o nome — "Clube dos Assassinos Profissionais".

— O que?

— Clube dos Assassinos Profissionais!

— Mas...

Rio, ainda hoje, quando recordo o meu espanto. Trombley tinha razão. O clube nada tinha de extraordinário. No primeiro momento, eu pensei...

Agora que, depois de tudo acabado, nós não nos reunimos mais e o clube foi fechado, por nossa livre e espontânea vontade, posso contar o que sucedeu. Não assisti a todas as reuniões. Fui, aliás, o membro mais novo e que só estive presente a uma das sessões. Ia nervoso, as mãos tremendo, os olhos muito arregalados, com os lábios do cidadão que cometera o primeiro crime. Agora, depois de tantos anos, acho, segundo a opinião de alguns, que a alguns apraz lembrar-se de...

...o clube dos assassinos profissionais para discutir e confessar os seus erros que tinham tido consequências fatais, e, esperando que a confissão de uns viesse a evitar que outros caíssem no mesmo erro, exigiam todas as minúcias. Eu também fora convidado. Era uma grande honra. Significava que eles já me consideravam um bom médico. A primeira reunião foi para mim um suplício. Foi a única a que assisti. Trombley me dissera que a clube se reunia todas as...

(Continua na pág. 44)

CENTVRIA DECISIONVM

Ad Materiam Tractatus

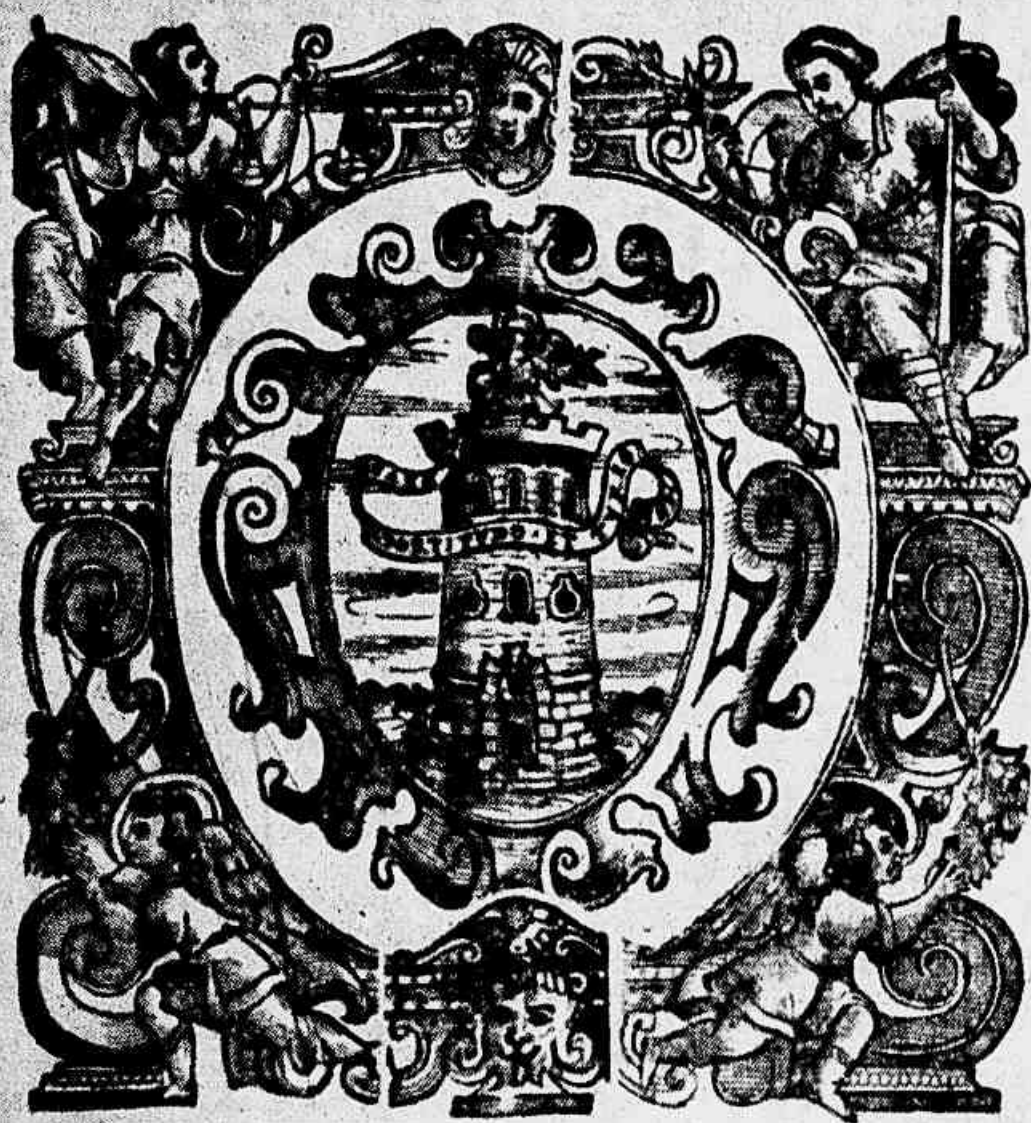
DE SALARIO,

ET OPERARIORVM MERCEDE.

D. LANFRANCHI ZACCHIAE

IVR. CONS. ROMANI

Pertinentium.



VENETIIS, Apud Turrinum. MDCLXIV.

SVPERIORVM PERMISSV, ET PRIVILEGIIS.

A 4 de junho do corrente ano, o ministro do Trabalho, sr. Alexandre Marcondes Filho, proferiu, na Capital bandeirante, um discurso, por ocasião da benção da Cruz, que iria encerrar a nova Matriz de São Paulo, no bairro do Belém.

Falando num bairro eminentemente operário, e servindo-se do motivo da festa, na qual estavam associadas a Cruz e a Bandeira, o sr. Marcondes Filho se estendeu em felizes considerações, relativas à nossa legislação social, toda ela de inspiração cristã e concorde com as diretrizes sociais da Igreja.

Lembrava, então, S. Excia., o apelo do Presidente Getúlio Vargas aos operários de São Paulo, para que se agremiassem, afim de serem todos beneficiados pelas medidas já outorgadas aos trabalhadores, as quais constam da Consolidação das Leis do Trabalho, há um ano já em vigor.

O discurso do Ministro do Trabalho, pelo seu tom vibrante e pela sua linguagem primorosamente cristã, sensibilizou profundamente os seus ouvintes, em grande parte operários, e provocou do vigário da paróquia de São Paulo do Belém, um gesto altamente significativo, como tributo de reconhecimento às belas palavras e aos excelentes conceitos do titular do Trabalho.

Assim foi que S. Ryua. ofereceu ao Sr. Marcondes Filho uma obra raríssima, por sua antiguidade, e notável pela matéria que contém.

Intitula-se o livro *Centuria Decisionum ad materiam tractatus de salario et operariorum mercede D. Lanfranchi Zacchiae Jr. Cons. Romani pertinentium*. A edição é de 1664.

Trata-se de uma compilação de decisões do Tribunal da Rota Romana — conforme adiante se lê: *Decisionum Sacrae Romanae Centuria ad tractatum de salario*.

E' interessante saber-se o que é a Rota Romana.

No século XIV, a administração da Igreja se repartia por quatro instituições: a Câmara apostólica, a chancelaria, a administração da justiça e a penitenciaría. O acúmulo de causas submetidas à Santa Sé, quer em primeira instância quer em grau de apelação, determinou um desdobramento do poder judiciário. E a partir de Clemente V começaram a funcionar Côrtes de justiça, como o Consistório, os tribunais cardinaes, a audiência das causas do palácio apostólico, etc.

A audiência das causas do palácio apostólico ficou sendo chamada o tribunal da Rota — nome esse devido a uma estante, sobre a qual se colocavam as atas dos processos, e que se fazia rolar diante dos auditores. O nome de Rota, dado a esse tribunal, appareceu, a primeira vez, em 1336. As decisões dos auditores, que eram todos jurisconsultos de renome, se tornavam definitivas. Se bem que eram de sua competência todas as causas que lhes fossem transmitidas pelo papa, ou pelo vice-chanceler, pertenciam de modo especial à sua jurisdição os processos de colação de benefícios.

(Continua na pág. 48)

Ao alto: — O FRONTISPICIO DA OBRA HISTORICA, QUE DATA DE 1664. Em baixo: — Fac-simile DA DEDICATORIA DO LIVRO.

UMA
PRECIOSIDADE
HISTORICA

RECEBENDO O LIVRO DE PRESENTE, OFERECIDO PELO VIGARIO DA MATRIZ DE SÃO PAULO DO BELEM O MINISTRO MARCONDES FILHO DOU-O A' BIBLIOTECA DO MINISTERIO DO TRABALHO.

Ao Excmo. Sr. Ministro do
Trabalho e da Justiça,
Dr. Alexandre Marcondes Filho,
a Paróquia de S. Paulo
e o Padre Arnaldo de M. Arruda

CONVITE

A Fábrica de Chocolates PATRONE tem a honra de convidar a sua distinta freguezia para uma visita aos seus completos e artísticos mostruários de brinquedos, "Papais Noel", caixas de imbuia entalhada e de estilo oriental, fantasias e costureiras em rafia da Tchecoslováquia e a sua mais recente criação em caixas com finíssimos bombons para as festas de Natal e Ano Novo.

Rua da Lapa 10, 12



**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

Livros

URUPÊS, DE MONTEIRO LOBATO — LIVRARIA MARTINS, EDITORA — São Paulo, 1944.

URUPÊS

VIII

Monteiro Lobato

URUPÊS

URUPÊS

URUPÊS

"Jéca Tatú é um piraquára do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie".

Eis a estréia notória do Sr. Monteiro Lobato exatamente ha trinta anos e até hoje o seu maior êxito. De nenhum dos muitos livros que, desde então, tem publicado — sem falar as traduções, já dificilmente contáveis, que trazem o seu nome — nenhum tão elogiado, tão combatido e, portanto, tão admirado como o volume dos *Urupês*. E das páginas dos *Urupês* nenhuma tão rememoradas como as que definem, explicam, fixam Jéca Tatú. Jornalistas e críticos, altos comentadores e simples rabiscadores de informações, que se refiram ao Sr. Monteiro Lobato, jamais deixam de citar, e não raro exclusivamente, Jéca Tatú. Ainda ha poucas semanas, e em escrito bastante desenvolvido, o Sr. Cassiano Ricardo, um dos amigos mais íntimos, mais convictos, e também um dos maiores admiradores do Sr. Monteiro Lobato, lhe chamou "o autor dos *Urupês*", depois "o criador de Jéca Tatú" e daí, em citações ou títulos, não passou.

Constituirá realmente Jéca Tatú a máxima, a insuperável expressão da capacidade do escritor paulista? Quer dizer: nestes seis lustros não terá ele levado a cabo empreendimento superior, equivalente pelo menos?

Melhor será, sem dúvida, considerarmos que com aquelas páginas iniciais e logo vitoriosas, se deu fenômeno semelhante ao verificado com as *Pombas* e o *Mal secreto*, de Raimundo; *Ouvir estrelas*, de Bilac; *As três irmãs*, de Luiz Delfino; *Velho tema*, de Vicente de Carvalho: "Só a leve esperança em toda a vida" — outros casos, ainda, singular até, às vezes, inexplicavelmente felizes, e que, sucedidos embora de mais poderosas realizações, ficaram prevalecendo na fama do poeta, dominando e prejudicando tudo o mais. Bilac ainda relativamente se furtou à tirania açambarcadora daquele triunfo; outros sonetos seus lograram vasta divulgação, atingiram a popularidade. Mas a consagração popular é caprichosa, fútil insubmissa a motivos e razões ou, então, de puro acaso. Quem não sabe de cor *As três irmãs*? E quem sabe de cor outros versos de Delfino, além da primeira quadra do soneto "Ela andou por aqui"? — igualmente bôlo até ao fim? Ao ouvir citar o *Mal secreto* ou as *Pombas*, o grande e pobre Raimundo corava de vergonha e cerrava os dentes de desespero. Quando juiz, os advogados de fraca eloquência e nenhum escrúpulo, que o não pudessem convencer, sabiam como desorientá-lo. Bastavam para isso algumas palavras: "Vossa Excelência, que é o insigne poeta das *Pombas*". E mais de uma vez, por causa disso, o magistrado sensibillíssimo deixou de julgar, preferindo dar-se por suspeito — justamente o que os rábulas pretendiam.

Jéca Tatú que, como diria o próprio herói, nasceu empelcado, recebeu do destino toda a sorte de favores. A começar, bem entendido, pela "maneira", sedutoramente pitoresca, empolgantemente espirituosa, da sua apresentação — maneira que é um misto de Camilo Castelo Branco, Fialho de Almeida e também, e sobretudo Monteiro Lobato. A referência que lhe fez Rui Barbosa, num discurso da mais memorável das campanhas eleitorais, bastaria para o notabilizar. Já, porém, antes disso o haviam beneficiado as vantagens da discussão. Dir-se-ia que os seus dois primeiros leitores imediatamente entraram em polêmica. E sobre, vários pontos ou questões a seu respeito se travaram controvérsias que ainda e de vez em quando ressurgem, para se não resolver. Que viria rigorosamente a ser aquele personagem indolente, fatalista e sempre de cócoras? Um tipo apanhado do real, copiado de pura verdade, uma espécie de fotografia de artista? Uma adulteração involuntária, determinada pela incúria ou a leviandade do observador? Uma caricatura que se deveria aceitar como trabalho de arte, dando-se-lhe, para o efeito moral ou social, o devido "desconto"? E esse Sr. Monteiro Lobato que, em tão insólita e audaciosa atitude, se erguia nas colunas de um grande jornal? Onde vinha e que pretendia ele? Um novato desvairado pela ansia da notoriedade? Um caçador de "sucessos" a todo transe e servindo-se até, se necessário, da arma do escândalo? Um artista sincero a ponto de preferir passar por falso a falsificar-se a si próprio? Um devoto, um fanático da verdade sentida e disposto a tudo por ela sacrificar? Um céptico rebelde a todas as noções correntes acerca das virtudes da raça? Um pessimista essencial ou como hoje o qualificariam, um derrotista? Assim o criador suscitava tantas questões quantas a criatura. A individualidade de Lobato era tão debatida como a de Tatú. Eis a grande ventura de ambos. Hostilidades, louvores e até dúvidas — tudo é sensacionalismo, tudo é reclamo. E assim Jéca Tatú venceu, esportivamente falando, desde o pulo de saída.

Aquí está ele outra vez, soturno, mole, negligente cada vez mais fatalista, mas sempre resistente, graças a Deus. É a quinta edição que lhe conhecemos. Por ele e por nós mesmos, esperamos que não seja a última.

CRÔNICAS DE ALÉM-TUMULO, ditadas pelo espírito de Humberto de Campos ao "medium" Francisco Cândido Xavier, Livraria Editora da Federação Espírita — Rio de Janeiro, 1944.

CRÔNICAS

CRÔNICAS

Crônicas
de
Além-Túmulo

EDICAO

EDICAO

EDICAO

Abri, este livro, de espírito absolutamente desprevenido. Não sei se sou ou não espírita. Dois excelentes amigos, entendidos na matéria... perdão, no assunto! — ou perfeitamente imbuidos de tal crença me afirmaram, juraram que sim. Apenas — acrescentaram — ainda não tinha dado por isso; mas o meu dia chegaria. Fiquei esperando, sem propriamente esperar. Nunca senti tal curiosidade. A respeito de fé, creio em Deus; e o resto não me interessa. Mas, para mim, um livro é sempre um livro, quero dizer: uma coisa a que sempre devemos dar atenção. Resta saber se, pelo pensamento e o estilo, a obra merece ou nos impõe que a leiamos até ao fim.

Tendo, pois, encetado, com perfeita isenção de ânimo ou apenas com o desejo dalguns momentos de regalo mental, a leitura do presente volume, encontro, logo na primeira página, o período que se segue; referir-se-ia Humberto à sua vida terrena, depois de aludir a "toda a bagagem de minha produção literária".

"Apegando-me ao resignado materialismo dos meus últimos tempos, desalentado em face dos problemas transcendentes do Além-Túmulo, não tive coragem de enfrentá-los, como, um dia, fizeram Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto, receoso do fracasso de que deram testemunho como marinheiros inquietos e imprudentes, regressando ao porto árido dos preconceitos humanos, mal se haviam feito de vela ao grande oceano das expressões fenomênicas da doutrina, onde os espíritos sinceros, desassombrados e incompreendidos, são aqueles arrojados e rudes navegadores da Escola de Sagres que, à força de sacrifícios e abnegações, acabaram suas atividades descobrindo um novo continente para o mundo, dilatando as suas esperanças e santificando os seus trabalhos..."

Em minha consciência e do fundo do meu sentimento me recuso a aceitar tais linhas como sendo da autoria de Humberto de Campos. Nem depois de morto! O pleonismo da bagagem da produção literária; o emprego do termo "fenomênicas" por parte de quem

Novos

senhor de rico vocabulário, não precisava de inventar nem adulterar palavras; o adjetivo "rudes" aplicado aos navegadores da Escola de Sagres; o abuso do gerúndio nos diversos termos da proposição; a própria extensão do período tão custosa, tão mastigadamente composto — tudo me dá a sensação de estranheza e de repulsa. Releio, depois disto, vinte ou trinta páginas do primeiro volume das *Memórias*. Que precisão de conceitos e que nitidez de forma, comparadas a este arrefecimento e esta complicação! Opinou um cronista — não me lembra bem qual neste momento, mas creio ter sido o Sr. Magalhães Júnior — que, ou o Sr. Francisco Cândido Xavier era um médium autêntico ou um admirável *pasticheur*. Sinto muito, mas não lhe posso reconhecer nem a primeira nem, e principalmente, a segunda dessas qualidades.

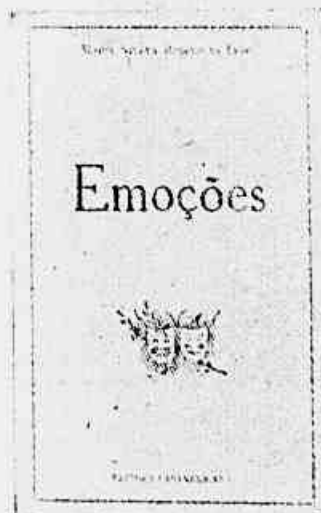
OS CRIMES DA VIUVA VERMELHA, romance de Caster Dickson, tradução de Wilson Velloso. — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1944.



Romances policiais, eis o que não falta nas nossas livrarias, graças a Sherlock Holmes, reformador, "cientificador" do gênero no século XX. Todas as semanas nos aparecem novas produções dessa espécie que no Brasil se tornou verdadeiramente um artigo de importação. Aqui temos agora os *Crimes da Viuva Vermelha*. Trata-se dum quarto de certa casa antiga e nobre, no qual ninguém, estando sozinho, passará mais de uma hora, sem morrer. Desde que sejam duas ou mais as pessoas encerradas no aposento fatídico, nada acontece de extraordinário. Será uma superstição de família? Uma lenda como tantas outras? Um caso de refinamento facinoroso? O problema determina um agrupamento de *gentlemen* dispostos a resolvê-lo, arriscando embora para isso a própria vida. Tirarão a sorte do baralho, e, pela regra da maior carta, aquele que será encerrado entre aquelas quatro paredes. Tal como no famoso *Suicide House*, de Londres, de que André de Lordé tirou a idéia da peça "grandguignolesca" *les Nuits d'Hampton Club*.

No romance presente o papel de Holmes está reservado a sir Henry Merival, ex-chefe do Serviço Britânico de Espionagem e autor de tais proezas de detectivismo que não ha quem o não conheça ou lhe não profira com assombro as iniciais equivalentes a um cognome de glória. Quando se diz "H. M.", dá-se á voz o acento correspondente a um ponto de interjeição. E é com efeito H. M. quem, ao cabo dos perigos e peripécias indefectíveis em tal literatura, desvenda o segredo do quarto da morte, onde dali por diante só deverá morrer gente como noutro qualquer.

EMOÇÕES, crônicas e fantasias de Maria Stella Rodrigues Lobo — Panamericana, editora — Rio de Janeiro, 1944.



Solicitado a prefaciar este livro, o Sr. Afrânio Peixoto o define, dizendo que é "bondade, ternura, emoção de arte e é dos que honram a escritora: é bem de mulher, de crente, portanto, comovente e inspirado." Com efeito, a Sra. Rodrigues Lobo nos faz apreciar a limpidez emotiva, a sinceridade enternecida com que se refere às figuras dos seus estudos biográficos e trata as personagens das suas ficções. Assim a observação da vida vem a constituir um pretexto para a escritora exprimir a bemquerença que os seus semelhantes lhe despertam e o desejo ideal de a todos ver em perfeito entendimento e ventura perene. Parece que a ninguém é dado realizar esse sonho em si mesmo, quanto mais em relação aos outros... Cada qual, porém, à mercê da boa vontade, alguma tentativa poderá empregar pela harmonia e a alegria do mundo. E pouco, pouquíssimo, quasi nada, sempre será alguma coisa.

As primeiras páginas do presente volume são consagradas à Irmã Martha de Rezende que passou pela Terra praticando e ensinando a virtude. Seguem-se lembranças, duma procissão; vem depois um capítulo sobre o papel da mulher no lar e na sociedade; depois: a evocação dum Natal de criança, um apólogo de flores, um diálogo sobre o divórcio, um conto rápido: *Infestado amor*, etc. Como se vê, a autora varia os seus temas e a maneira de os aproveitar ou desenvolver. Seja, porém, qual for o assunto ou o processo literário, sempre a nobre intenção da Sra. Maria Stella prevalece através do seu estilo sempre ameno.

J. L.

BRITISH AUTHORS — "A Twentieth Century Gallery" — por Richard Church. Publicado por The British Council — Longmans Green & Co. — 1945 — Londres.

BRITISH AUTHORS

BY
RICHARD CHURCH

Esta publicação constitui uma galeria de cinquenta e sete autores ingleses modernos, de Oscar Wilde a Thomas Hardy, Virginia Woolf a Daphne Maurier.

Desfilam aos nossos olhos os mais representativos vultos da moderna Inglaterra, que sobressaem nas letras, ciencias, historia e literatura.

E' realmente um trabalho notavel e deve ter sido uma tarefa ardua de organizar, principalmente para efetuar a seleção dos valores, evitando omissões injustas. Não ha duvida, entretanto, que os nomes que aí figuram são realmente dignos representantes da cultura inglesa.

Os autores e respectivas obras são apresentados por Mr. Richard Church que é, ele mesmo, notavel poeta, novelista e critico.

Em curtos ensaios, Mr. Church biografa cada um e critica a principal obra dos poetas, dramaturgos, cientistas, historiadores, biografos modernos, escritores de contos policiaes e de novelas populares.

Sobressaem entre os ensaios os de Winston S. Churchill, primeiro ministro da Inglaterra, figura de notoriedade mundial e ótimo escritor, de estilo proprio, onde a ação predomina sobretudo. Outros nomes que figuram nesta galeria e conhecidos do nosso povo através da tradução das obras mais notaveis: são John Buchan, Agatha Christie, A. J. Cronin, James Hilton, Aldous Huxley, Rudyard Kipling, Somerset Maugham, Howard Spring, Edgar Wallace até o discutitissimo D. H. Lawrence.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

Prof. ARNALDO DE MORAES

3.ª EDIÇÃO

PREÇO: Cr\$ 15,00

Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166



SUA NOTA de DISTINÇÃO
NOS *revellions*
LHE SERÁ DADA POR

Gambier

UM CALÇADO DA MODA
PARA O MUNDO Elegante

URUGUAIANA, 52 - RIO



DUAS VETERANAS E DUAS NOVATAS — HOLLYWOOD NÃO DISTINGUE ENTRE AS ARTISTAS DA VELHA E AS DA NOVA GUARDA, AO CONTRÁRIO DO QUE TANTOS SUPOEM. O CINEMA QUER SABER, APENAS, DO APROVEITAMENTO ARTÍSTICO — É LÓGICO, REFLETIDO NA BILHETERIA — DA GENTE QUE TEM SOB CONTRATO. TANTO FAZ QUE TENHAM UM MÊS OU DÉZ ANOS DE CONTACTO COM O PÚBLICO. ESSENCIAL É QUE O PÚBLICO VÁ ASSISTIR AOS FILMES ONDE APARECEM. VEJA-SE O CONJUNTO DESTA PÁGINA: AO ALTO, À ESQUERDA, UMA NOVA, BARBARA BRITTON, QUE APARECEU DE MANEIRA AUSPICIOSA EM "A LEGIÃO BRANCA". À DIREITA, UMA VETERANA, LORETTA YOUNG, QUE DEPOIS DE TER FEITO "IRMÃOS EM ARMAS", COM ALAN LADD, RECONQUISTOU O APREÇO DOS "FANS". EM BAIXO, À ESQUERDA, A SEMPRE QUERIDA BARBARA STANWYCK, E À DIREITA, OUTRA MAIS NOVA, MARJORIE REYNOLDS. SÃO TODAS DOS "CAST" PARAMOUNT. E PRINCIPALMENTE TODAS SÃO BONITAS, FATOR NÚMERO UM PARA JUSTIFICAR A POPULARIDADE QUE DESFRUTAM AS DUAS VETERANAS E QUE ESTÃO CONQUISTANDO FACILMENTE AS DUAS NOVATAS...



DE CINEMA

REVELADA A IDENTIDADE DA VIRGEM DA "CANÇÃO DE BERNADETTE"

Se agora vem de ser divulgado o nome da artista que em "A Canção de Bernadette" fez o papel da Virgem. Era muito rápida a sua aparição, ainda assim sempre à distância, "fora de foco", em fotografia esbatida propositadamente. Os programas não diziam quem era a intérprete desse delicado mas aparentemente insignificante papel, até que, agora, o mistério vem de ser esclarecido. Tratava-se de Linda Darnell, a jovem e encantadora

"estrêla" da 20th. Century-Fox, de quem damos nesta página uma das suas mais recentes poses. Que outro papel místico, tocado de igual centelha de bondade e ternura, estará sendo agora confiado a miss Darnell? Seja qual for, a publicação desta foto teve uma dupla oportunidade, pois, servindo para mostrá-la em um lindo motivo religioso, valeu ainda para nos dar ensejo de transmittir aos leitores aquela interessante notícia.



DE RÁDIO

por DJALMA
MACIEL

"SIMILIA, SIMILIBUS"...

Com animadora persistência, mas ainda sem a estudada e necessária energia com que se arrancam os dentes cariados e se raspam os tumores rebeldes, vai para diante a guerra dos críticos para arrazamento dessa fortaleza da burrice e do sub-sentimentalismo que é a rádio-novela. Não tendo conseguido os apelos ao bom senso, talvez consiga a campanha do ridículo, utilizando o método simplista do velho Hahne-mann: — "Similia, similibus curantur". Teimoso por herança lusitana; desconfiado por descendência tupiniquim; preguiçoso por força do hábito africano o brasileiro, realmente, não é indivíduo que se convença de um erro com qualquer argumento. E quando assim acontece ainda persiste, pela força do hábito, esperando que alguém menos atuado por aqueles três recalques coletivos tenha a coragem de dar o primeiro pontapé na coisa instituída e aceita. No caso

da rádio-novela esse alguém, esse petulante quebrador de praxes é a crítica radiofônica, afinal ela também já enjoada de tanta nenia no éter...

Um Instituto Gallup entre nós apuraria em inquérito regular que o povo está saturadíssimo dessas histórias caramelosas, imbecis, de amores impossíveis em dez capítulos pontilhados de gritos histéricos, frases campanudas e observações psicológicas de boticário de Pirapora. Depois, aquela preta-velha tati-bitati, o fazendeiro burrão, o feitor malvado, a donzelinha olheruda e apaixonada, personagens eternos dos romances hertzianos, desmoralizaram-se à força de dizer besteiras e morrer exatamente nos fins de capítulos. Então, por que a massa dos ouvintes os atura, captando-os até, sistematicamente, de onda em onda? Teimosia de que talvez apareça alguma novela diferente; desconfiança de passar



MARIO BRASINI NÃO É, APENAS, UMA DESTACADA FIGURA DO NOSSO CINEMA, DEFINITIVAMENTE EXPERIMENTADO EM DOIS FILMES, MAS UM PRECIOSO ELEMENTO DE RÁDIO E O GRANDE ANIMADOR DO TEATRO UNIVERSITÁRIO.

por burro não escutando o que todos escutam; preguiça de virar o *dial*, preguiça de mudar de hábito...

Entretanto, a campanha do ridículo dá certo. Rabo de papel nos intérpretes e nos fãs. E planta de pau nos autores reincidentes. Que venham os apodos; os apelidos escarnecedores; as críticas virulentas e impiedosas! Há dias um cronista etiquetou o gênero como "sentimental-chorão-lacrimajante". Outro acrescentou que são "romançalhões".

Ridículo neles! Todos os meios serão bons, desde que acabe de chover marmelada...

alô... alô...

Inaugurou-se em Belo Horizonte os novos estúdios da P. R. C-7, Rádio Mineira, da cadeia dos Diários Associados. Entre outros "ases" do *broadcasting* carioca estiveram presentes no programa de estréia Manezinho Araujo, 4 Ases e 1 Coringa, Stelinha Egg, Elza Marzulo, Luiz Jatobá.

O notável! Alvaro Moreyra é o autor das interessantíssimas crônicas do programa "Era isso que eu queria dizer", apresentado pela Cruzeiro do Sul às 2.as, 4.as e 6.as, às 22 horas. Um dos *broadcasts* cem por cento agradáveis das ondas cariocas...

SI É VERDADE QUE OS CANTORES POPULARES ESTÃO EM FRANCA DECADENCIA, NÃO DEIXA DE SER MENOS EXÁTO QUE LINDA BATISTA PODE AINDA SER CONSIDERADA UMA DAS POUCAS ARTISTAS, NO GÊNERO, AINDA CREDORAS DA SIMPATIA DO PÚBLICO.





Vista geral da atividade no interior do mercado

A INGLATERRA TEM CARNE

Jean-Jacques Marcel. — Do B.N.S.
para a REVISTA DA SEMANA

Londres, novembro. — O centro londrino de distribuição de carne, Smithfield Market, tal como a maioria dos centros de distribuição de gêneros alimentícios em Londres e na Inglaterra toda, passou por considerável mudança em consequência da guerra. Até 1939 o comércio de carne, em sua totalidade, centralizava-se em Smithfield Market. De todos os países, no mundo, e de todos os centros produtores, na Grã-Bretanha, as carnes de vaca, de carneiro, porco, vitela e outras eram armazenadas e em seguida distribuídas aos centros menores. O enorme vulto das transações realizadas em Smithfield pode facilmente ser imaginado quando se disser que o mercado tinha de suprir o consumo diário de cerca de nove milhões de londrinos. Smithfield é, na verdade, o maior mercado do mundo no seu gênero.

No começo da guerra a política de centralização da carne em Londres, de van-

tagem inquestionável em época de paz, tornou-se uma desvantagem definida. Era naturalmente impossível deixar todo o mercado de carne para a grande área concentrada num único ponto. Qualquer raide aéreo, por pequeno que fosse, constituiria um risco capaz de desorganizar todo o sistema de distribuição.

Logo alguns dias depois da declaração de guerra o mercado foi descentralizado. Smithfield ficou deserto e as suas longas alas, com 800 entrepostos, anteriormente de movimento tão agitado quanto o próprio edifício da Bolsa, ficaram silenciosas.

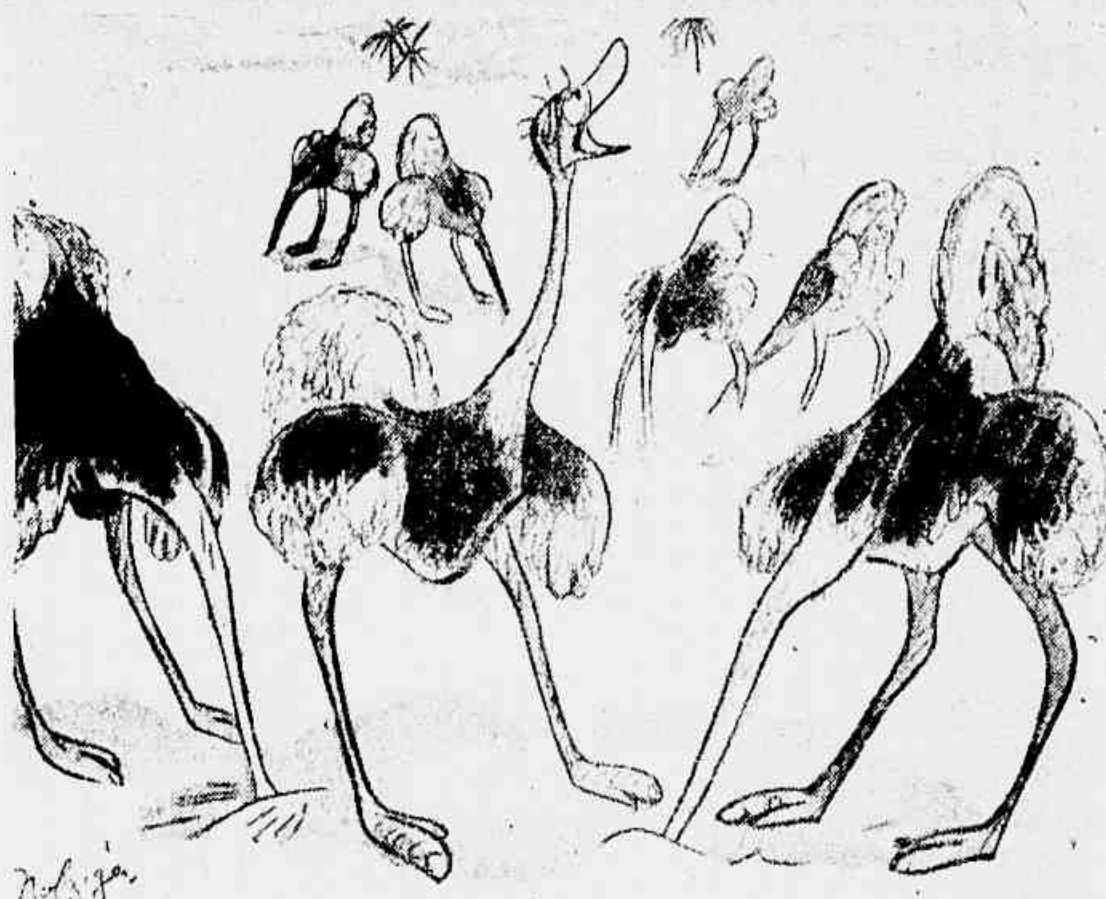
Ao invés de ser feita dentro de Smithfield, a distribuição de carne é presente-mente organizada em trinta centros diferentes espalhados pela capital britânica. Esses centros, que não armazenam a carne recebida, são usados como centros distribuidores imediatos para suprimento direto aos açougues. Para se compreender como é efetuada a distribuição é necessário explicar a organização geral do mer-

(Continua na página 48)

Carregadores de carne em Smithfield Market



O mercado de carne de Smithfield em Londres



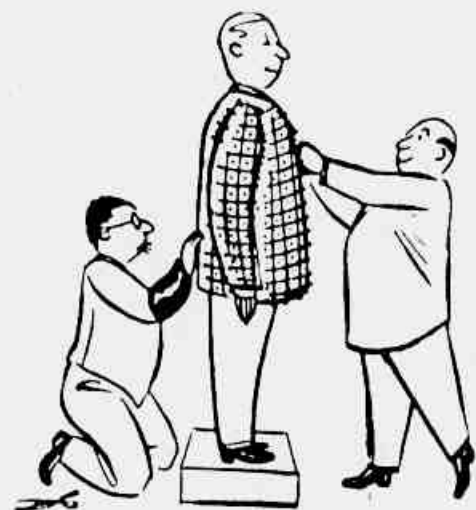
Tudo claro!



Senhor Silva, penso que tenho uma solução para o senhor.



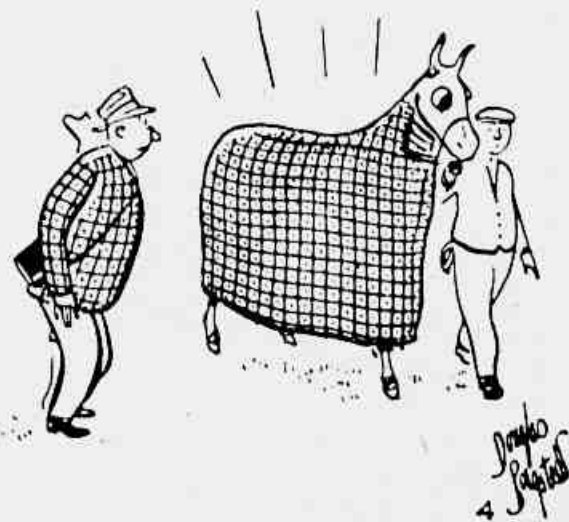
1.



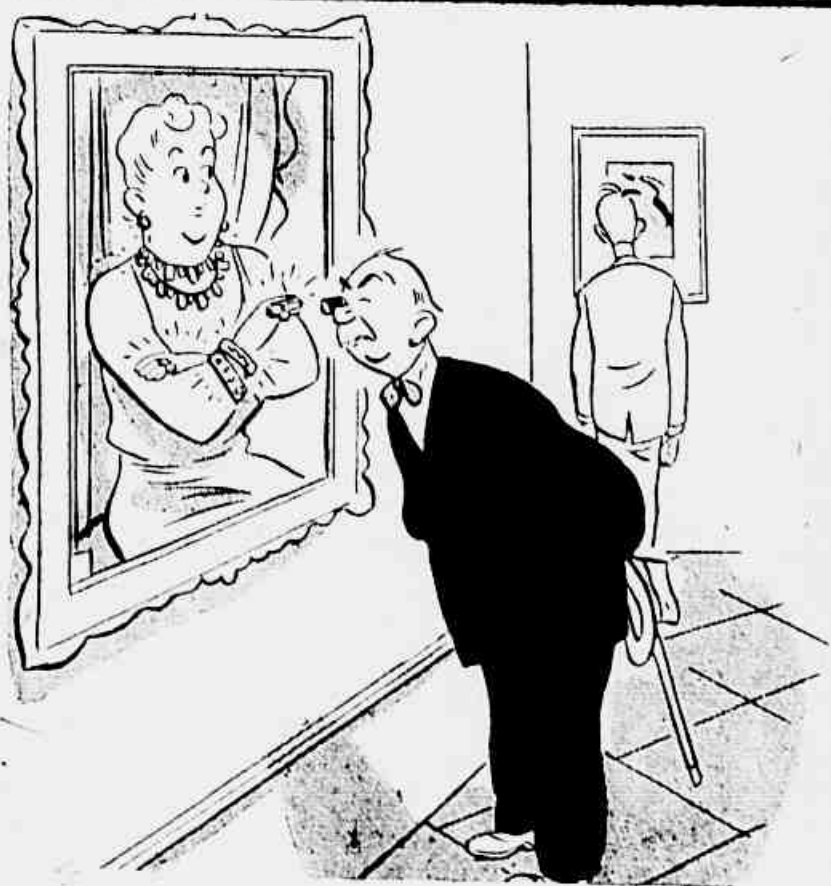
2.



3.



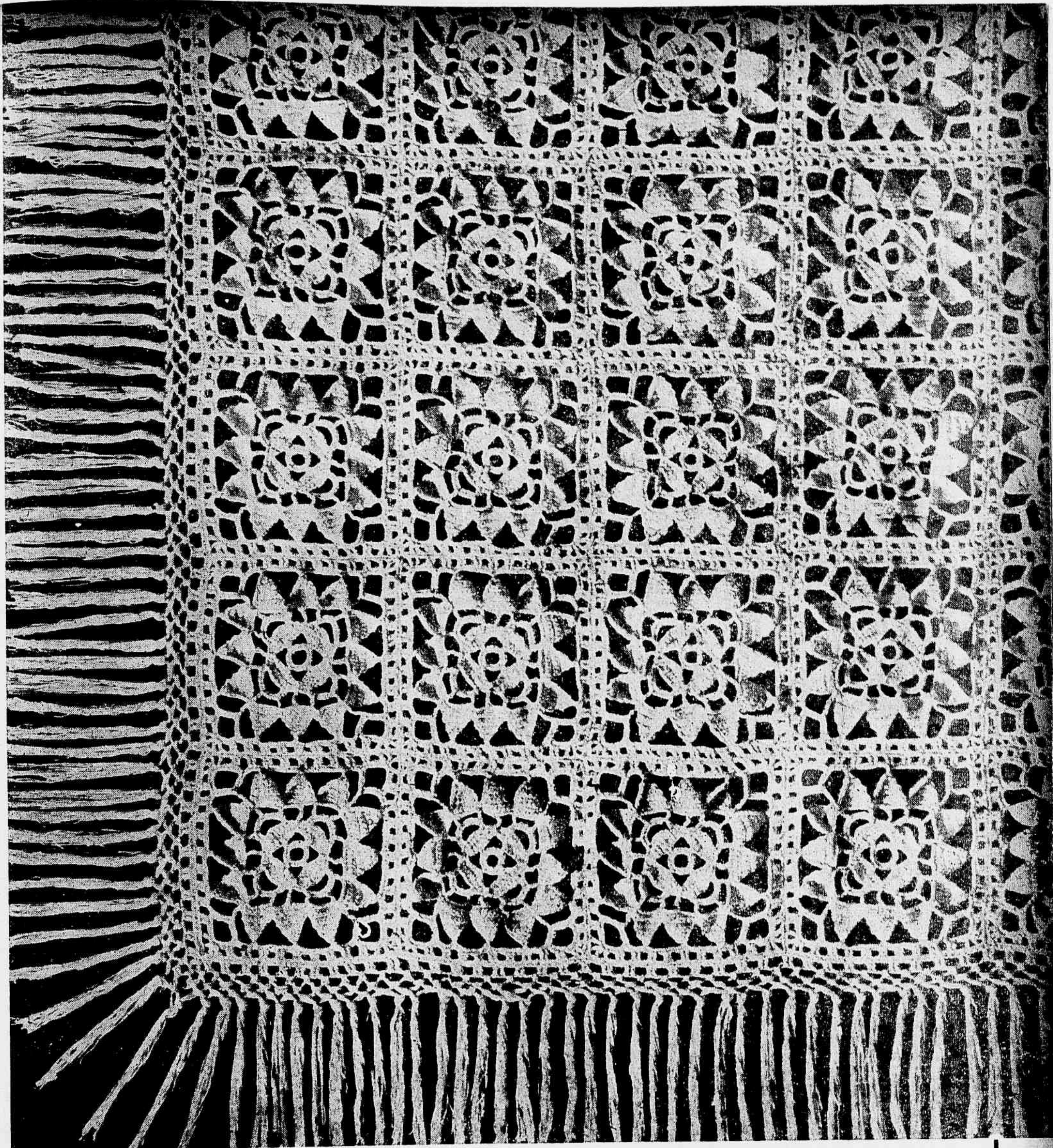
4.



DE
BOM
HUMOR



Céus! Que supõe você que eu disse!



43

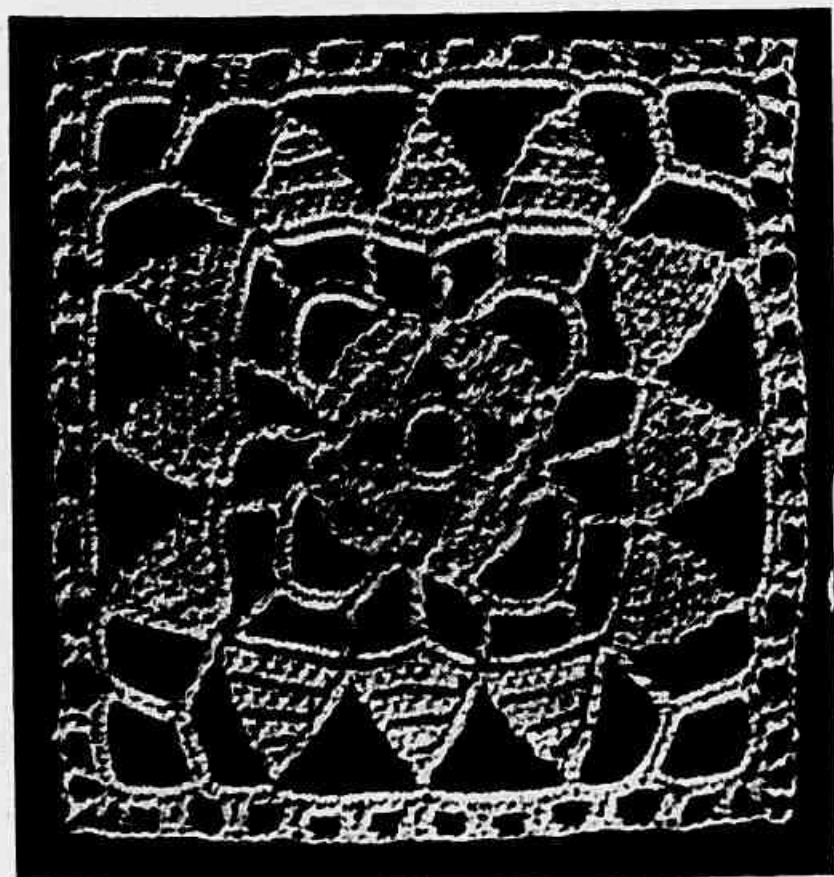
COLCHA DE CROCHET

Uma linda colcha feita com linha de Irlanda mais ou menos fina, segundo se deseje, e de acôrdo com a delicadeza do trabalho.

Para qualquer cálculo de quantidade de novelos a gastar basta fazer uma aplicação e multiplicá-la pelo tamanho

da colcha, medindo na cama o comprimento e largura. 1 aplicação 14 p. c., fechar e voltar, 20 mp. no aro, tódas as voltas são fechadas com p. d.

Pela amostra junto, destacada, não será difícil a qualquer principiante de crochet reproduzir a amostra.



TRABALHO MANUAL

O milagre dos quinze assassinos

(Continuação da pág. 34)

vêzes que um dos membros tinha uma confissão a fazer. Eram quinze os membros. Quinze grandes médicos. Quinze assassinos.

O salão de um grande restaurante era alugado cada vez que havia uma reunião. Servia-se o jantar, que era comido às pressas, estando todos ansiosos por ouvir a confissão do membro que convocara o conselho. Em seguida, os garçons se retiravam, a porta era trancada e estava aberta a sessão.

— Está aberta a sessão, disse o dr.

William Tick; depois, virando-se para mim acrescentou:

— Para seu governo, darei umas explicações sobre a finalidade desse clube.

Trombley protestou.

— Já esclareci tudo.

Tick não se perturbou.

— Se as suas explicações, meu caro amigo, foram tão claras e explícitas quan-

E' jovem...

MAS PERCEBE A IMPORTÂNCIA QUE TEM O EMPRÊGO DE UM DENTIFRÍCIO INOFENSIVO...

ELA usa o Creme Dental Squibb porque desde criança aprendeu que pode confiar na sua pureza... que qualquer produto da Casa Squibb merece ampla confiança... O esmalte destes lindos dentes jamais será estragado nem irritadas estas rosadas gengivas—porque o Creme Dental Squibb limpa sem conter substâncias ásperas ou adstringentes.

E, também, ela usa o Creme Dental Squibb porque o adora! Adora a sua maravilhosa fragrância — seu delicioso sabor — a admirável sensação de frescor que produz na boca! Escovar os dentes com o Creme Dental Squibb não é uma obrigação monótona, é um prazer!

Experimente também um tubo... hoje!

Creme Dental SQUIBB



Mande proceder a uma limpeza preventiva dos dentes duas ou mais vêzes ao ano, tantas quantas o dentista recomendar. Mande executar prontamente todo o tratamento necessário. Inclua em sua alimentação as vitaminas e os sais minerais adequados. Pratique rigorosa higiene bucal. E faça questão de que seu dentifrício seja puro e seguro.



BLOMBINE

FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

to as suas aulas na Faculdade, o nosso novo membro tem, sem dúvida, a mais obscura das idéias sobre nosso objetivo. Protestei:

— Compreendí perfeitamente.

— Tolice. Você pensa que isso aqui é escola? Não precisa ter medo de dizer que seu ex-professor é um imbecil...

Trombley riu:

— Se eu fôsse um imbecil não o teria convidado para o clube...

Tick virou-se para ele:

— Quem foi que disse que não? Foi puro acaso você ter procurado o seu igual e encontrado o gênio!

A vaidade exagerada de Tick era causa de brincadeiras da parte de seus colegas, porém essas irreverências eram, se é que assim se pode dizer, respeitadas, pois todos reconheciam que Tick era um dos maiores médicos do mundo inteiro.

Tick prosseguiu no seu discurso:

— Peço permissão para esclarecer o que o meu distinto colega não conseguiu dizer sintética e claramente. Dr. Warner, os membros deste clube tem um fim único em vista. Reunem-se para confessar os crimes que cometem entre a última reunião e a convocação nova. Refiro-me, está claro, a um assassinato médico. Está fora das nossas preocupações ouvir os crimes que tenham sido cometidos por paixão, se bem que não haja dúvida de que sejam bem mais interessantes que os crimes cometidos por estupidez! Estou certo, porém, de que o senhor nunca deu cabo de um de seus parentes nem menciona fazê-lo! O nosso distinto colega Trombley, com certeza, já arranhou para tudo isso alguma razão psicológica. Ele tem mania dessas tolices! Entretanto, não merece crédito. Nós estamos aqui para aumentar a nossa habilidade profissional e evitar novos crimes e não para lamentar os nossos erros ou dar vazão a algum sentimento reprimido, dêesses que interessam tanto o distinto colega Trombley. Não ousamos confessar os nossos erros, nem poderíamos fazê-lo impunemente. Portanto, como não podemos confiar o julgamento das nossas negligências ao público estúpido e leigo, foi fundada essa sociedade...

— Por mim, reclamou Trombley.

— Fundada essa sociedade, prosseguiu Tick, imperturbável, por mim e mais alguns colegas de menor valor... Esta sociedade pretende ser a única agremiação de médicos onde os membros falam de seus erros... E agora, explicarei ao nosso novo associado o que considero um belo crime profissional.

Tick fez uma pausa para dar mais efeito às suas palavras:

— Um crime profissional é a morte de um paciente nas mãos de um médico. Uma coisa, entretanto, precisa ser salientada...

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Esta é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

tada. Nem todos os pacientes que morrem morrem por culpa do médico. O crime profissional só se dá quando, errando no diagnóstico, ou por negligência sua — negligência demonstrável — o médico deixa morrer o homem que se entregou aos seus cuidados. E' excusado dizer que qualquer confissão feita nesse recinto não será repetida a ninguém e que a polícia nunca saberá do sucedido.

Chegou o momento de confessar. Levei-me.

Estou ciente de tudo isso e sei bem que, nessa reunião, mais valeria ficar eu sentado e ouvir somente a confissão dos outros, porém tenho uma comunicação importante a fazer à distinta assembleia. E' eles, que não esperavam uma confissão tão cedo, surpreenderam-se.

— Um crime profissional?

— Sim. Quero confessar.

Houve uma longa pausa. Um silêncio prolongado. Tick tomou, em seguida, a palavra:

— Teremos muito prazer em ouvir sua confissão, porém há outros assassinos inscritos para falar hoje. Terá que esperar a sua vez.

Inclinei-me.

Lembro-me bem do primeiro assassino que tomou a palavra. Era um grande médico. James Sweeney.

— Já contei o meu crime numa outra sessão, porém havia poucos membros. Muitos não puderam comparecer. Por isso resolvi repetir, já que o nosso objetivo é tirar proveito experimental das negligências.

— Prosiga, disse Tick. Há pouco tempo.

— Um momento.

— Vamos!

— Pois bem. Eis o caso, resumido. Faz alguns meses, recebi no meu consultório um paciente que tinha umas perturbações gástricas. Coloquei-o no aparelho de raios X e nada pude observar. Decidi, então, dar-lhe a beber um pouco de bário para poder observar a digestão. Ele tomou o que lhe demos e foi para o aparelho. Eu me retirei para voltar um pouco mais tarde.

— Sim... Todos queriam saber o final.

— Pois bem, quando voltei, um pouco mais tarde, vi uma coisa que me espantou. Meu assistente estava tão perturbado com o fato que nem podia falar direito. No aparelho podia se observar o esôfago e o estômago do paciente. Estavam dilatados e como que de pedra. Imóveis, de uma consistência duríssima!

— Como?!

— Você tem a certeza de que lhe dera bário?

— Sim...

— Então, como...?

— O copo...

— Copo?

— Sim, o copo. O bário reagira. O fundo do copo se dissolvera, formando gesso. Tínhamos dado um copo de gesso ao homem. Ele morreu.

Tick ouviu o caso em silêncio e, quando o assassino acabou de contá-lo, comentou:

— Um crime literário. Pigmalião às avessas. Em vez de fazer da estátua de gesso homem, você fez do homem estátua de gesso!

Houve uma nova pausa que indicava quanto o caso tinha preocupado os médicos, que lembrando-se de riscos idênticos que tinham corrido tomavam nota para observar a composição química dos copos usados para dar remédio aos pacientes.

— Qual é o outro criminoso inscrito para hoje?

— Eu — disse o dr. Lucius Davies, clínico famoso.

— Você?

Era a primeira confissão de Lucius Davies.

— Qual foi seu crime?

— Simples negligência.

— Como assim?

— Foi um caso muito fácil.

— Não acredito que você se tenha deixado apanhar em negligência num caso fácil. Você sempre foi muito cuidadoso.

— Pois aconteceu!

— Quem foi a vítima?

— Um menino pobre.

— Um menino pobre? Francamente, meu caro Davies, eu sempre ouvi dizer que sua clientela era de gente rica!

— E ouvi a verdade, mas este menino era pobre...

— Como veio a tratar d'ele, então?

— Foi chamado por um milionário, James Thurston, que se encarregou de pagar a conta...

— Era parente?

— Não. O menino era filho de um dos criados do milionário. Eram dois pacientes: um morreu; o outro salvou-se. Foi um caso simples de envenenamento. Tinham ambos comido comida de lata estragada e estavam envenenados. Foi chamado às pressas e examinei os dois. O primeiro vomitava muito. O outro entretanto não estava tão mal quanto o primeiro. Estava pálido, tinha um pouco de febre, sentia náuseas, às vezes, mas não havia vomitado. Parecia evidente que estava também envenenado, porém menos gravemente que o irmão. Durante a noite o pai, ansioso, telefonou-me. O primeiro melhorara consideravelmente com o tratamento que eu lhe dera, porém o segundo, com o mesmo tratamento, estava cada vez pior. Sentia dores. No dia seguinte pela manhã fui visitar os pacientes. O primeiro estava curado. O segundo — senhores — estava morto!

— Morto!

— Sim, morto por descuido meu.

— Como?

— Muito simples. O primeiro que se curou estava, de fato, envenenado. Não tinha examinado com cuidado o segundo, pensando, pelos sintomas, que estivesse também envenenado. Enganei-me.

Um dos médicos disse:

— Apendicite.

Davies confirmou:

— Exatamente. O segundo estava com apendicite. O caso era agudo. O óleo de ricino que eu lhe dei rompeu o apêndice. Matei o menino!

O caso era tremendo. Um diagnóstico sugeria outro, se bem que não suficientemente confirmado pelos sintomas. O ambiente era o mesmo. O médico diagnosticava idênticamente e cometia o erro fatal. Matara o cliente.

— Homicídio com óleo de ricino. Está boa esta!

— Mais algum descuido antes do novo caso?

— Eu!

O eminente cirurgião Kenneth Wood tomou a palavra.

— Matei, ontem, uma mulher. Diagnosticuei um caso típico de inflamação na vesícula biliar. As dores que a paciente sentia eram típicas do caso. Partiam do hipocôndrio direito e se irradiavam até o ombro direito e as costas... Operei-a. No dia seguinte morreu.

— Qualquer estudante de medicina perguntaria, primeiramente, o estado do coração da paciente, disse Tick. Foi aí o seu erro, não é verdade?

— Sim.

— Como? perguntou outro médico.

— Qual é a outra moléstia que apresenta essas mesmas dores?

— Ah!

— Ceraçol! Era uma lesão no ramo descendente da coronária!

— Mais uma negligência!

Tick tomou novamente a palavra.

— Senhores, os crimes que ouvimos esta noite foram estúpidos de mais para poderem ser discutidos. Os casos eram simples de mais para interessar-nos. Nada aprendemos com eles a não ser obtendo a confirmação de uma verdade antiga, que é que a estupidez e a ciência andam de mãos dadas. Entretanto, temos entre nós, hoje, um jovem e talentoso clínico que não desdenha de tomar, às vezes, o serrote bárbaro, símbolo da atividade destruidora dos cirurgiões. Será que ele tem a contar um caso suficientemente intrincado que nós tenhamos que pensar muito antes de achar o diagnóstico certo? Ouçamos a palavra de Carlos Warner.

Levantei-me. Todos me encararam curiosos. Queriam saber, com uma curiosidade que tocava as raízes da indiscreção, o erro do jovem, para poder, então, lançar sentenciosamente, as suas opiniões sobre

(Continua na pag. 47)



O Crediastro do Magazine Astro pode oferecer-lhe as mais elegantes e perfeitas criações em roupas Astro de meia confecção — camisas, roupas sob medida, gravatas, meias e artigos para homens em geral. Roupas de banho para homens e senhoras. Tecidos finos para cama e mesa. Secção de sapataria para senhoras e cavalheiros. Completa secção de artigos de perfumaria.

As mercadorias vendidas pelo sistema crediastro não sofrem alteração de preço.

Magazine Astro
Rua Carolina Meyer,
9-A a 11-A

Adote o mesmo sabonete de Rita Hayworth

(COLUMBIA)

Como sua alva e macia espuma é deliciosa! E como é inebriante o seu delicadíssimo perfume! São essas qualidades que tornaram Lever o sabonete preferido por 9 entre 10 estrelas de Hollywood!



VEJA
COMO LEVER É
ECONÔMICO!

LEVER É FEITO ESPECIAL-
MENTE PARA PRODUIR
ESPUMA COM RAPIDEZ-
PORISSO GASTA MENOS.

★ LEVER - o sabonete
das estrelas!

LINTAS LTS 75-0373 D



O ano de 944 foi bom?

Continuação da pag. 13

lotado de jacás. Que pensaria ele da vida que leva? Não será um descontente? Falámo-lhe, Riuse. Estava aberto o caminho. Disse-nos chamar-se Castilano Josefi e trabalhar nesse mister há mais de quinze anos.

- Como correu o ano de 1944 para você?
- Bem. Apesar dos inconvenientes essa não é a pior vida que se pode levar.
- Com que disposição inicia o ano de 1945?
- Se tiver saúde não vejo diferença para este ano que se acaba.

- Que pretendia que Papai Noel lhe trouxesse?
 - Uns bons carretos para melhorar a comida no dia de Natal.
 - Que mais deseja no ano de 1945?
 - Que a minha pátria seja libertada da mão dos nazistas.
 - Acha que deve haver Carnaval em 1945?
 - Não posso dar opinião, mas nunca brinquei no Carnaval.
- Deixámos o nosso amigo continuar o seu caminho e fomos adiante.

BASTAVA ENCALHAR O GRANDE PRÊMIO DE NATAL

Aquêlo homem, o bilheteiro de loterias. Parámos e conversámos a título de escolher um bilhete e fomos perguntando o que nos interessava. Chama-se Antônio de Almeida e trabalha há cinco anos nesse ramo de negócio.

- Que tal foi o ano de 1944 para você?
- Não deu prejuízo nem trouxe doenças, logo foi bom.
- Com que disposição pretende entrar o ano de 1945?
- Com a melhor possível, desde que não tenha nenhum imprevisto.
- Que desejaria de presente de Papai Noel?
- Que ele deixasse encailhado na minha banca o bilhete do grande prêmio de Natal...
- Que mais pretende realizar em 1945?
- Não tenho projetos enquanto a guerra não terminar.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Penso que não deve haver porque é uma loucura geral.

E' UM BOM NEGÓCIO

Lembrámo-nos de percorrer a rua S. José, onde os livreiros pontificam, e escolhemos ao acaso uma livraria de aparência modesta. Entrámos e falámos com o seu proprietário, sr. Eugênio Braga da Silva, que gentilmente nos atendeu. Dissemos o que nos levava a procurá-lo. Pronunciou-se a responder o que quiséssemos.

- Como correu o ano de 1944 para o senhor?
- Bem. Apesar da guerra consegui fazer bons negócios. Pode-se mesmo dizer que é um bom negócio o de livros.
- Com que disposição entra o ano de 1945?

Continua na pag. 55

Crônica da Inglaterra

Por AUGUSTUS MUIR, para
a "REVISTA DA SEMANA"

Londres, Novembro. — O território do País de Gales estende-se pela fronteira ocidental da Inglaterra, como se fôsse um grande bastião. Do Mar de Irlanda, ao norte, até o Canal de Bristol, ao sul, a paisagem é dominada pelas montanhas que emprestam à antiga região dos celtas o seu caráter romântico. A parte norte e a sul do País de Gales são divididas por uma cadeia de montanhas que vai das proximidades do mar até Berwyns, a leste. Subindo-se a um dos picos da cordilheira pode-se observar as diferenças na paisagem: as montanhas do sul têm contornos arredondados, comparados aos cimos ásperos distinguidos ao norte. Os vales do sul são mais verdes do que as fendas acinzentadas e rochosas entre as montanhas do setentrão.

A antiga cidade inglesa de Chester, antigamente um posto romano, fica na entrada litorânea da Inglaterra para o País de Gales, de onde uma rodovia e uma ferrovia nos levam para as grandes cidades industriais inglesas: Liverpool, Leeds e Sheffield.

O Rhyll corre preguiçosamente ao longo de um vale amplo e fértil, conhecido como o Jardim do Norte do País de Gales. Mais longe, ao longo da costa, Colwyn Bay é uma praia de férias, e Llandidno oferece a vantagem de uma situação pitoresca, com os magníficos rochedos de Great Ormes Head elevando-se alto, acima do mar. O largo rio, na parte ocidental, foi famoso pelas suas pescas de pérolas antes da época romana, e às suas margens estende-se a cidade de Conway, com muralhas construídas no século XIII.

Snowdon destaca-se como um patriarca entre a sua própria família de grandes montanhas: tão elevada assim, somente as montanhas da Escócia. E nessa cadeia de montanhas, conhecida como Showdonia, há paisagens de grande variedade — desfiladeiros isolados, vales magníficos, lagos profundos e azuis como uma safira.

Descendo de Snowdon para o oeste chega-se a Menai Straits, que separa a terra firme da ilha verde de Anglesey. Mais para o norte fica a pequena cidade de Bangor, antiga sede episcopal, com uma catedral fundada no século VI. Na extremidade sul do estreito está Carnarvon, antiga localidade surgida ao lado de um desses enormes castelos medievais, tão abundantes em muitas partes do País de Gales.

O estreito de Menai é atravessado por uma ponte que serve à ferrovia para Holyhead, o porto mais próximo do norte da Irlanda. Antes da época dos trilhos a jornada a Holyhead era feita em coches que passavam pela famosa ponte suspensa construída há mais de século por Telford, um dos mais famosos construtores de estrada da Grã-Bretanha.

No vale do Dee fica a pequena localidade de Llan-gollen, com montanhas que lembram torres, erguendo-se de cada lado. E, em verdade, cada milha da estrada sempre brejada pelas Berwyn Hills e, mais adiante, pelos picos de Arenigs, tem uma beleza cambiante que perdura para sempre na memória do viajante.

Depois vem uma das regiões mais isoladas da Inglaterra. Nas faldas dessas montanhas encontram-se famílias galenses cujos antepassados, durante muitas gerações, exploraram as mesmas granjas ou entregaram-se às mesmas ocupações rurais. Essa gente é profundamente religiosa, dotada de forte imaginação — raça de poetas que se orgulham de recitar as suas poesias em público. São narradores de histórias e cantores: criaturas de impulsos vivos, logo revivendo as suas emoções uns aos outros e, mesmo, aos estranhos.

E' ali, entre aquelas montanhas, mais do que nas praias de repouso ao longo da costa, que se pode conhecer o verdadeiro coração dos galenses, que se ouve palpitando o coração verdadeiro do País de Gales. As velhas lendas ainda são repetidas junto à lareira, e as tradições antigas conservadas bem vivas por uma gente profundamente apegada ao velho solo.

No SOL
ou FRIO

No AR
ou MAR

NÃO são poucas as ocasiões em que o ação do vento ou da temperatura pôde afetar os lábios fazendo-os ressecar e até rachar.

Lábios gretados e dolorosos são incômodos e desagradáveis, tanto para o belo sexo como para os homens que trabalham expostos às intempéries.

LIP-POMADE é uma criação especial para evitar esse desagradável acidente. Homens e mulheres têm, nesse moderno defensor, a solução desejada graças à qual podem arrastar os ventos, as alturas, as praias, sem qualquer contratempo.

LIP-POMADE
Para os seus lábios

E UM PRODUTO
ROGER & GALLET
PARIS — NOVA YORK — RIO

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda

DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

O milagre dos quinze assassinos

(Continuação da pag. 45)

A mocidade imprudente e orgulhosa. Levantou-me e, encarando tôdas aquelas notabilidades reunidas, criei coragem.

— Senhores. Tenho um caso novo a apresentar-lhes. Um caso como há poucos na história da medicina.

Todos chegaram as cadeiras mais para perto, interessados. Que contaria o jovem assassino? pensavam.

— O paciente era um jovem. Um jovem pobre. Um poeta.

— Um poeta?

— Sim. Li a poesia dêle. Era poesia revolucionária, generosa. Fiquei impressionado com o tom. Escrevi-lhe uma carta.

Fiz uma pausa.

— Não se assuste — disse o dr. Kurtliff, que estava ao meu lado. — Morris teve que beber meia garrafa de whisky antes de criar coragem para contar seu crime...

— Não estou assustado. Vou prosseguir.

— Muito bem.

— Pois bem. O paciente já estava doente havia duas semanas quando eu fui chamado.

— Mas não era seu amigo?

— Sim. Porém não tinha fé na medicina!

— Não tinha fé, hein! — comentou Tick. — Já estou inclinado a acreditar que era um rapaz inteligente!

— Quando cheguei à casa dêle — prossegui — estava passando mal. Levei-o para a Casa de Saúde onde trabalho.

— Um poeta rico, então...

→ Não. Eu paguei as despesas.

— Ah!

— E fiz tudo para salvá-lo. Ele começou a sentir, a princípio, umas dores no lado esquerdo do abdome. Ia chamá-lo, mas a dor passou depois de três dias e ele mudou de idéia. Mas, dois dias depois, voltou e ele começou a ter febre. Começou com perturbações intestinais muito fortes. Havia pú e sangue, mas nenhuma ameba ou outra bactéria nas matérias que expelia. Depois dos exames eu diagnostiquei colite provocada por uma úlcera. A dor do lado esquerdo eliminava a hipótese de uma apendicite. Assim, apliquei um tratamento de extrato de fi-

gado e uma dieta de proteínas — muito leite. O paciente piorou. O abdome amoleceu e simultaneamente houve um enrijecimento do músculo esquerdo do reto. Depois de duas semanas o paciente morreu.

— Foi uma espécie de crime perfeito involuntário.

— Como assim?

— Ninguém poderá provar que meu diagnóstico estava errado. Mas devia estar, pois o paciente morreu.

Davies protestou.

— Você descreveu um período de dor antes das perturbações intestinais...

— Sim.

— De fato. A alternância das dores com intervalos entre dois ataques lembram superficialmente úlcera, exceto...

— Protesto! — disse Sweeney. — Os sintomas nada tem a ver com úlcera.

— As perturbações intestinais quase

que eliminam completamente a hipótese de uma úlcera!

— Poderia ser um apêndice do lado esquerdo! Há casos como êsses!

— Mas os sintomas não seriam de dores agudas logo de início como descrevi, protestei.

— Deve ser uma perfuração de outro tipo, nunca uma úlcera.

— A perfuração poderia ser feita por um objeto, um corpo estranho qualquer! Estremei.

— Não me tinha ocorrido a hipótese de um corpo estranho!

— Que idade tinha o paciente?

— 20 anos.

— Nesse caso não poderia ser um alfinete. Os bebês é que engolem alfinetes...

De repente Davies sugeriu:

— É um osso de peixe?

— Um osso de peixe? perguntaram os outros.

Mas eu já estava correndo para a porta.

— Onde vai? perguntou-me Tick.

— Operar meu paciente para extrair o osso de peixe. Ele ainda está vivo!

As quinze notabilidades assistiram à operação. Nunca um operador teve assistentes mais ilustres. O clorotômio foi ministrado pelo dr. Sweeney, e o próprio Tick encarregou-se da esterilização dos ferros.

Na hora da extração todos pararam um instante de respirar.

— Um osso de peixe! exclamei exultando.

O paciente foi salvo.

Pouco tempo depois dissolvia-se o clube, com o começo da guerra. Mas até hoje, quando há um caso intrincado, os membros do clube se consultam.

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males, sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês da sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o seu caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 ou o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Agua de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arraz

O sonho côr de rosa dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Madame Chang

(Continuação do número anterior)

— Um momento, Sr. Lupton, Conversaremos daqui a pouco. Primeiramente preciso ajustar umas contas com o nosso amigo e Madame Chang... Eu...
Porem o chinês não acabou de falar, o recém-chegado tirou da bolsa do colete um punhal e cravou-o no coração do homem.

Madame Chang, imediatamente, correu para ele, e disse:

— Lauro, que loucura! Como sairemos daqui agora?

— Por que não me avisou que tinha encontrado um substituto?

— Como saberia se você havia de chegar a tempo?

— Não lhe disseram que o meu avião chegava hoje?

— Não. Maurício disse que, com as mudanças de temperatura, não era certo. Podia ter havido tempestade. E a cerração?

Lúcio, de pé, não compreendia nada do que estava se passando. Durante um momento, quando o jôgo estivera todo em torno dele, ele experimentara a agradável sensação de herói de uma aventura. Agora que o homem matara o chinês, ele compreendeu de repente que nada compreendia do que estava se passando.

— Querem me fazer a gentileza de explicar tudo isso?

Madame Chang só então pareceu ter se lembrado da existência do rapaz.

— Lauro, este rapaz se prontificou a me ajudar. Eu acho que...

...que é preciso tomar providências urgentes e que não temos tempo para explicar-lhe nada.

— O senhor se esquece, cavalheiro, que, aos seus pés, está um cidadão chinês que o senhor assassinou.

— Dois erros, meu amigo, numa só frase. Esse cidadão não é chinês, nem eu o assassinei. Executei-o. E' diferente, creia.

— Não é chinês?

— Os ocidentais confundem muito os dois povos. E' uma pena. Esse homem é japonês!

— Mas o nome

— Você ha de convir que a posição dos japoneses em Londres, hoje em dia, não é muito invejável. Que há de mais natural do que um japonês tomar a nacionalidade de seu vizinho oprimido?

Então.

Mais tarde, no carro que furava, a toda a velocidade, a escuridão da noite, Lúcio refletia. Não sabia porque havia

dado crédito ao que lhe dissera Madame Chang, nem aceitado o oferecimento de cooperar com eles. O corpo do chinês fôra carregado para o carro e todos os que o viram passar atribuíram a rigidez do cadáver a uma bebedeira, coisa comum no baile de carnaval no Albert Hall. Agora, com Madame Chang e o desconhecido, que se chamava Lauro, Lúcio ia para um destino desconhecido. O carro continuava a correr dentro da noite.

✱

A casa era pequena, mas tinha um aspecto agradável. Lauro desceu à frente, com Madame Chang, e Lúcio seguiu os dois.

Um homem uniformizado os esperava.

— Trouxe o homem? perguntou a Lauro.

— Sim, senhor.

— Tragam-no para cá.

Lúcio pensou que iam buscar o cadáver, mas foi a ele que Lauro conduziu à presença do homem fardado. Era um major do exercito inglês.

— Então, quer confessar? disse.

Lúcio olhou para ele, espantado.

— Como?

— Já temos as provas que precisávamos contra você. Agora, podemos prendê-lo.

— Como?

— Aquêl crime vai ser atribuído a você. E' extranho, não é verdade?

— Mas é isso mesmo que acontecerá!

— Com quem tenho a honra de falar?

— Com o chefe do Intelligence Service inglês.

— Foi o que eu suspeitei.

— Com toda a razão.

— Mas que teem contra mim?

— Muitas acusações que não podem ser provadas. Uma, que nos permitirá mandar fuzilá-lo, um crime de morte

que cometeu hoje à noite no Albert Hall.

Madame Chang, surpreendida, disse:

— Mas eu não compreendo nada... Nesse caso...

— Exatamente. Foi um acaso. Um acaso providencial. Como um cruzamento de linhas telefônicas...

Ela deixou-se cair na cadeira.

— Meu Deus!

Lauro deu-lhe um copo com "cognac".

— Mas que confusão! Desde hoje de manhã que tudo me sai mal!

O chefe olhou-a com um sorriso:

— E hoje, por lhe sair tudo mal, você conquistou sua maior vitória...

— Como assim?

— Prendeu este homem...

O chefe do Intelligence Service voltou-se para Lúcio, e disse:

— Posso dizer ou quer ter a honra de se apresentar?

— Confesso que não sei o que quer dizer...

— Bem, nesse caso, você me força a dizer.

Madame Chang repetiu:

— Diga logo de uma vez, pelo amor de Deus!

— Este senhor que aqui está, disse o chefe do Intelligence Service, é Lucius Von Krahl, espião alemão dos mais habéis.

— Mas...

— Um momento, deixe-me terminar.

Espião alemão dos mais habéis, que se deixou enredar numa complicação que nada tinha a ver com ele. Se nós tivéssemos arquitetado algum plano para pegá-lo, com certeza nada teríamos conseguido, mas, como não era nossa intenção tentar agarrá-lo por enquanto, ele caiu como um patinho!

Lúcio fez um gesto, mas Lauro foi mais rápido, e subjugou-o.

O major riu.

— Você pensava poder repetir a

Uma preciosidade histórica

(Continuação da pag. 35)

O livro de que se trata, editado em 1664, contém, é claro, decisões anteriores a esse ano. Assim, a decisão mais antiga aí relatada data de 1576.

Cada decisão é precedida de um *argumentum* o qual expõe aquilo de que se trata — e de um *summarius* em que se exarara, brevemente, os conceitos explicitados depois no corpo da sentença.

A primeira decisão dessa centuria — como já dissemos — é de 1576, e seu argumento é o seguinte: *agitur de stipendio sacerdotis apellani, seu dote ipsius capellaniae respective; ejus tenuitate num sumptu, etc.* No sumário, há conceitos assim: *fundans ecclesiam, seu capellaniam tenetur illam dotare, nun secus ac pater filiam* (quem funda uma igreja ou uma capellania é obrigado a dotá-la; como o pai a sua filha). Há outro assim: *Salarium differt ab eo, quod pro alimentis praestatur* (o salário difere daquilo que se dá como alimento).

Essa obra, de grande valor histórico como jurídico, foi doada pelo Ministro Marcondes Filho à Biblioteca do Ministério de Trabalho, a qual está passando por uma completa renovação, de forma a modernizar-se, constituindo-se um excelente departamento de consultas relativas às mais variadas questões do problema do trabalho.

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES.

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas.
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

proeza? Já bastou matar um dos nossos melhores agentes!

— Que agente?

— O B 56 que você matou porque o seguia na rua. O cadáver que encontramos, boiando no rio.

✱

Mais tarde, quando tudo já terminara, Lúcio fora preso pela morte do japonês. Madame Chang voltou-se para o major e disse:

— Pelo amor de Deus explique tudo!

O major fez uma pausa para tornar ainda maior a ansiedade da sua ouvinte e começou:

Era uma vez — creio que é esta a maneira consagrada de começar as histórias fantásticas — era uma vez um jovem alemão de muito talento. Talento mal empregado, sem dúvida, porem inegável valor. Esse jovem, Lucius, que vocês conhecem, foi chamado, pela espionagem alemã, para desempenhar o papel difícil de seu "observador" na Inglaterra. Não tinha missão especial a não ser a de procurar descobrir o mais que pudesse, a não ser de pôr em exercíio toda a sua habilidade para apossar-se de segredos que não deveriam chegar ao conhecimento das autoridades alemãs.

Ora, esse jovem, que empregava o seu tempo visitando a alta sociedade londrina, onde era muito conhecido, e tinha um passaporte suíço que era tão bem falsificado que ninguém conseguia provar que não era verdadeiro, encontrou um dia uma moça, a moça é conhecida pelo nome de Madame Chang.

Eis aí onde as linhas se cruzam, como nas ligações telefônicas mal feitas. Madame Chang cometeu um erro tremendo, mas, com isso, conseguiu uma grande vitória e como o trabalho de um espião se

Mmes. Eva e Sylvia

JUNGERMAN COSTA

(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
no seu INSTITUTO DE BELEZA
Rua Ouvidor, 138-1.º — Tel. 42-8775
Insc. S. N. F. M.

A INGLATERRA TEM CARNE

(Continuação da página 41)

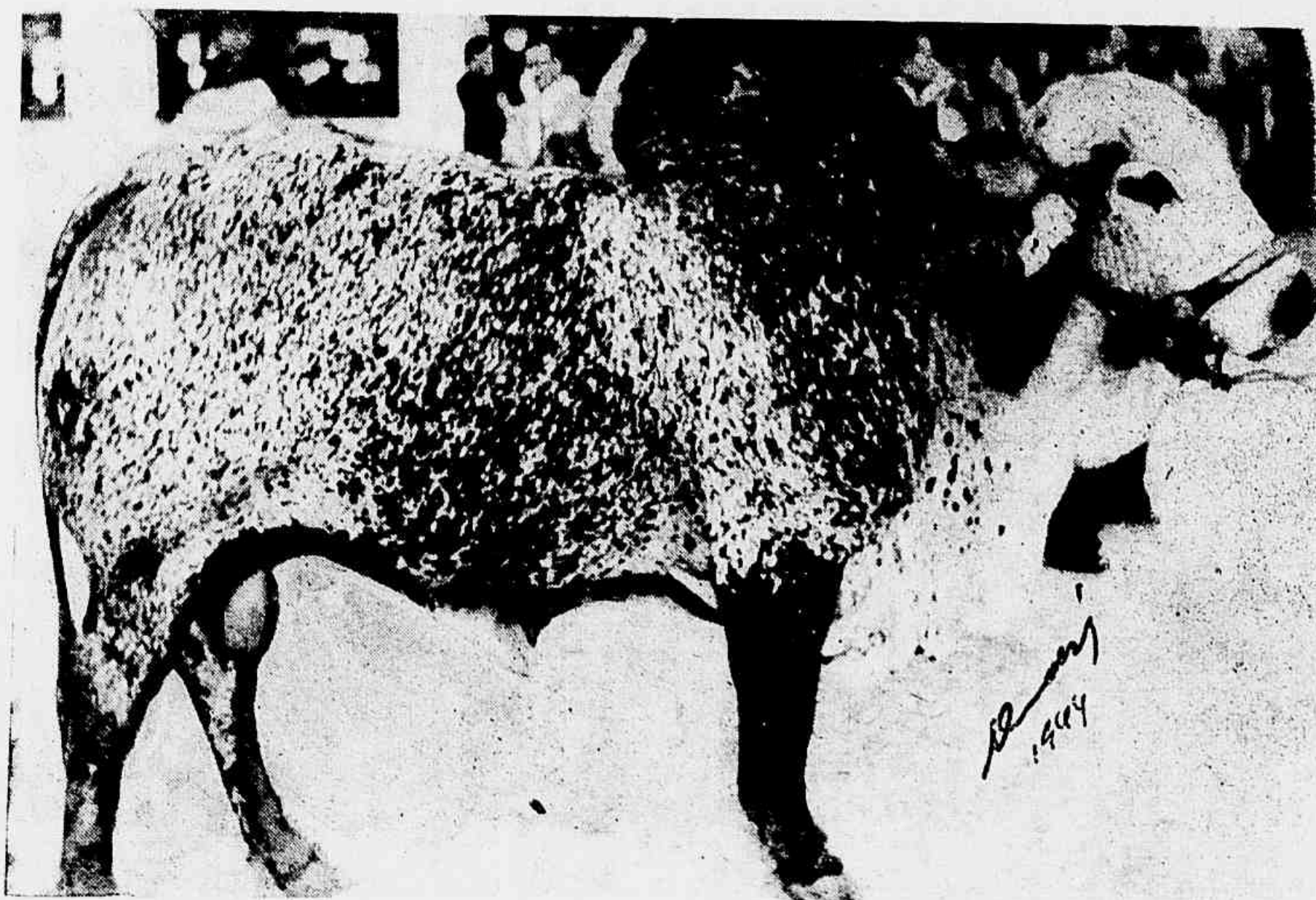
cado de carne na Grã-Bretanha, em tempo de guerra. Toda a carne importada, atualmente, é encomendada e adquirida pelo Ministério de Suprimento, à qual fica pertencendo. Chegada ao país é enviada para os frigoríficos, os quais, por seu turno, suprem os mercados ou, então, se-que diretamente dos navios para os centros distribuidores, que logo depois a entregam aos açouques.

A distribuição é controlada e sistematizada por oito Associações de Suprimento de Carne por Atacado estabelecidas na Inglaterra e no País de Gales, e esses agentes, nomeados pelo Ministério de Suprimento, fiscalizam a distribuição pelos preços marcados pelo próprio Ministério. O sistema de distribuição é o mesmo para a carne proveniente do interior do país. A única diferença é que os animais são adquiridos vivos pelo Ministério e mortos sob estrita fiscalização oficial.

Os trinta centros distribuidores londrinos são, cada um, responsáveis por certo número de distritos da capital — dois ou três, no máximo. Recebem a carne às 8 horas para a distribuição aos açouques. Cada depósito tem à sua disposição um grande número de caminhões para realizar a tarefa da distribuição. A diferença entre o sistema de distribuição atual (que é notavelmente flexível e adequado às condições presentes) e o sistema de antes da guerra é marcante. A iniciativa individual deu lugar à direção oficial, sem dúvida necessária em tempo de guerra, quando é preciso assegurar as compras regulares no estrangeiro, concentrar um estoque nacional e criar um sistema de distribuição em que se possa confiar.

Essa é apenas uma parte do trabalho executado com êxito notável pelo Ministério da Alimentação, em condições frequentemente precárias e sempre difíceis, que exigem grande zelo e coragem para serem vencidas.

Ecos da XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados



O clichê acima nos mostra o touro "Itu", da raça Gyr, pertencente a Organização Euripedes de Paula Ltda., proprietária da Fazenda do Corvelo, em Curvelo, Minas Gerais. Itu, juntamente com suas filhas, obteve na XI Exposição Nacional de Animais e Produtos Derivados, realizada em Belo Horizonte, o título de "Melhor Conjunto de Família".



Dr. Campos de Rezende.

CANÇÃO DO VIANDANTE AGRADECIDO

O trabalho eficiente e um abalizado médico se acha comprovado e plenamente agradeido através das palavras ditadas pela sensibilidade de notável poeta nordestino, que é o Dr. Gonçalo Jacome. Como declara muito bem, encontrando-se com a visão deficiente, demandou as plagas cariocas, readquirindo o encantamento antigo da luz de seu olhar.

O autor dessa brilhante intervenção foi o ilustre oftalmologista Dr. Campos de Rezende, já conhecido nas rodas médicas como um dos melhores oculistas da capital do país, e que recebeu como prêmio esta jóia que reflete a gratidão daquele ilustre versejador.

Éis o texto da bela poesia, cujo título encima esta introdução:

CANÇÃO DO VIANDANTE AGRADECIDO

Ao Sr. dr. Campos de Rezende.
Notável oftalmologista.

"Como um triste caboclo do Nordeste,
Que supõe ver nos céus a terra e o mar.
Tangido pela seca e pela peste,
Abandonei o meu torrão agreste
E me pus a viajar".

"E atravessei montanhas e savanas,
Grotões e rios de aterrorizar,
E florestas bordadas de lianas,
Cheias de pumas e uauaranas
E serpes a silvar".

"Mas de repente, ouvi pelos espaços
Coriscos e trovões clarear no ar,
E em meio à escuridão, já de olhos baços,
Ao fragor do guacero, alcei meus braços,
Como um cego a tatear".

"E assim foi que recebi o teu abrigo
Jovem Mestre na ciência de curar,
A quem, de coração louvo e bençoigo,
Por me ter dado o encantamento antigo
Da luz do meu olhar".

Rio 1-9-943.

(s). GONÇALO JACOME

julga pelos resultados eu a perdoei, pois as linhas cruzadas, fruto de uma ligação mal feita, deram como resultado a descoberta de um segredo. No caso, a oportunidade de nos livrarmos do ale-

mão importuno. Não era nossa intenção prendê-lo, por enquanto, e isso por um motivo muito simples. Não havia nenhuma prova contra ele.

Mas agora começamos a história por outro lado. Sabíamos que havia, em Londres, uma conspiração japonesa. Eram japoneses que se faziam passar por chineses, povo aliado, com passaportes igualmente bons. Sua missão, entretanto, era mais perigosa do que a do jovem alemão. Tinha um fim marcado, e não um objetivo vago. Queriam apoderar-se de um terreno, perto de um campo de aviação nosso. Como impedir? Prendê-los era tolice. Mandariam outros agentes. Compramos o terreno e Lauro passou por dono deles, um homem que deveria chamar-se Lupton, nome muito comum. Tudo ia muito bem, quando Lauro foi chamado, urgentemente, para fora de Londres. Não poderia deixar de cumprir aquela missão, muito mais importante. Ora, Madame Chang, nossa agente Mary Carlston, ficou em apuros. Conseguimos prender a espia japonesa que viria tratar de persuadir Lupton a vender o terreno e era Mary quem a substituiria, conhecedora que era do japonês. Mary pôs-se em contacto com os japoneses, com a missão de ver o que eles queriam fazer, meter-se no meio deles e ganhar a sua confiança. Assim, conseguiu do tal Lupton que vendesse o terreno. Nada mais fácil, pois Lupton era seu colega Lauro. Uma dificuldade surgiu. Quando os japoneses marcaram um prazo para que ela completasse o trabalho, Lauro desapareceu e ela não podia chamar a atenção sobre a ausência dele, pois, numa investigação, os japoneses poderiam descobrir tudo. Até aí, tudo muito bem. Mary safu bem cedo do escritório de Lauro, pensativa, imaginando como

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

- CONTENTO-ME COM UM GOSTOSO!



Não! Dentifício não é "spaghetti al sugo"! Não dispense gosto, mas exija que este venha acompanhado do poder de proteger os dentes. Tenha ambos, pedindo Lever S.R.

- CONTENTO-ME COM QUALQUER UM!



Não! Pedir na bamba, é o mesmo que enfiar a mão em combustão! Afinal, não é um sorriso lindo e sadio que você quer ter? Então basta pedir Lever S.R.

- CONTENTO-ME COM UM BARATINHO!



Não! Ninguém anda de pé no chão, só para poupar calçado! Suas gengivas, que valem milhões, podem ser mantidas rosadas e saudáveis, de maneira econômica, com Lever S.R.

- EU USO Lever S.R.

O TIPO DA ESCOLHA CERTA!

Que dentifício completo é Lever S.R.! É econômico, gostoso e refrescante. E ainda proporciona a proteção de Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo seus dentes fortes e bonitos. É assim que Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS...
MANTÉM OS DENTES!



LINTAS S.R. 1-9-0100

resolveria o problema e encontrou, por acaso, na rua, o espiao alemão Lucius. Cruzaram-se as linhas. Mary cometeu o seu abençoado engano.

Convidou o alemão para que tomasse o lugar de Lauro. Mistificação por mistificação, ninguém notaria a diferença.

Continua na pag. 53

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



Amor

para
seus lábios

A cor mais sedutora já descoberta

O sensacional Vermelho-Amor de VanEss é uma cor tão vívida e deslumbrante, que basta passar uma só vez nos lábios para transformar todo o semblante, emprestando-lhe um "quê" de irresistível que distingue a mulher moderna e elegante.



Para harmonia perfeita use também Pó e Rouge VanEss.

Noivas



Da esquerda para a direita: 1 — Elegante traje de noiva, com corpete muito justo, adornado por nervuras e "rouleaux" da mesma fazenda. A saia é muito ampla. 2 — Original este modelo que simula duas peças, adornado com franzidos. 3 — Lindo vestido em crepe de seda, com nervuras. 4 — Os ombros muito quadrados desse elegante vestido de noiva levam aplicações de "rouleaux" da mesma fazenda.

Duas encantadoras sugestões para as festas de Dezembro nos são oferecidas por Georgia Carroll e Ann Miller. O vestido de miss Carroll é mais vaporoso e portanto mais aconselhável às "jeunes-filles". É confeccionado em organza de seda, salpicado de lantejoulas. A cintura é larga e justa, e as mangas são muito amplas, ajustadas nos punhos. Quanto ao vestido de Ann Miller, é feito em "peau d'ange", grande decote apanhado dos lados, profunda prega na frente da saia e curioso bordado em lantejoulas...



TEM O PERFUME



QUE DEIXA SAUDADES!

Royal Briar

Pó de Arroz - Água de Colônia
Loção - Brilhantina - Óleo
Rouge - Batom - Talco

LINTAS AG 7-0340

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mms. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

PARA PASSEIO

O TRABALHO DE NERVURAS DÁ REALCE A ESTE VESTIDO EM
CREPE DE SEDA MATÉ.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO

50 = O PERFUME

Rion

O PERFUME DOS
MIL SONHOS



1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

Madame Chang

Continuação da pag. 49

Mas Lauro voltou, durante a transação. Voltou e, por minha ordem, executou o espão japonês! desprezível, com uma faca sobre a qual teve o cuidado de deixar as impressões digitais do espão alemão. Perdão, do cidadão suíço que será acusado da morte de um cidadão chinês, ninguém saberá a verdade.

Mary ainda não estava muito segura de ter compreendido toda a intrincada história. Uma coisa, porém, sabia: não estava terminada a sua missão.

— Morreu um deles... Mas o outro?

O major disse:

— Você agora não poderá cometer mais erro algum, ou se arriscará a morrer nas mãos dos japoneses. É preciso que continue sua missão. Vamos utilizar esse crime para fazer prender o alemão. Você continuará seu trabalho. Dirá ao outro que levou Lupton a Albert Hall fez com que ele assinasse o contrato e saísse com ele. O assassinato do japonês parecerá, então, fruto de

uma discussão entre espões — o alemão e o japonês.

Você completará sua missão. Terá, agora, a seu lado, Lauro, que continuará, como Lupton, até termos obtido as informações que desejamos sobre a espio-

nagem japonesa... Então, acabaremos com todos eles, pois já conheceremos, por seu intermédio, todos os seus nomes e — o que é mais importante — o nome de seu chefe... Sente-se capaz de completar sua missão? Terá coragem e habilidade para isso?

Lauro protestou:

— Eu estarei ao lado dela, ajudá-la-ei.

Mary sorriu-lhe. Mas o major não gostou muito, porque o serviço secreto não tem simpatia para com os namorados.



3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!...

★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefere o DORLY. Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe também o DORLY, porque o sabonete DORLY - preço por preço é o melhor!

Sabonete DORLY

À VENDA EM TODO O BRASIL

R.F.

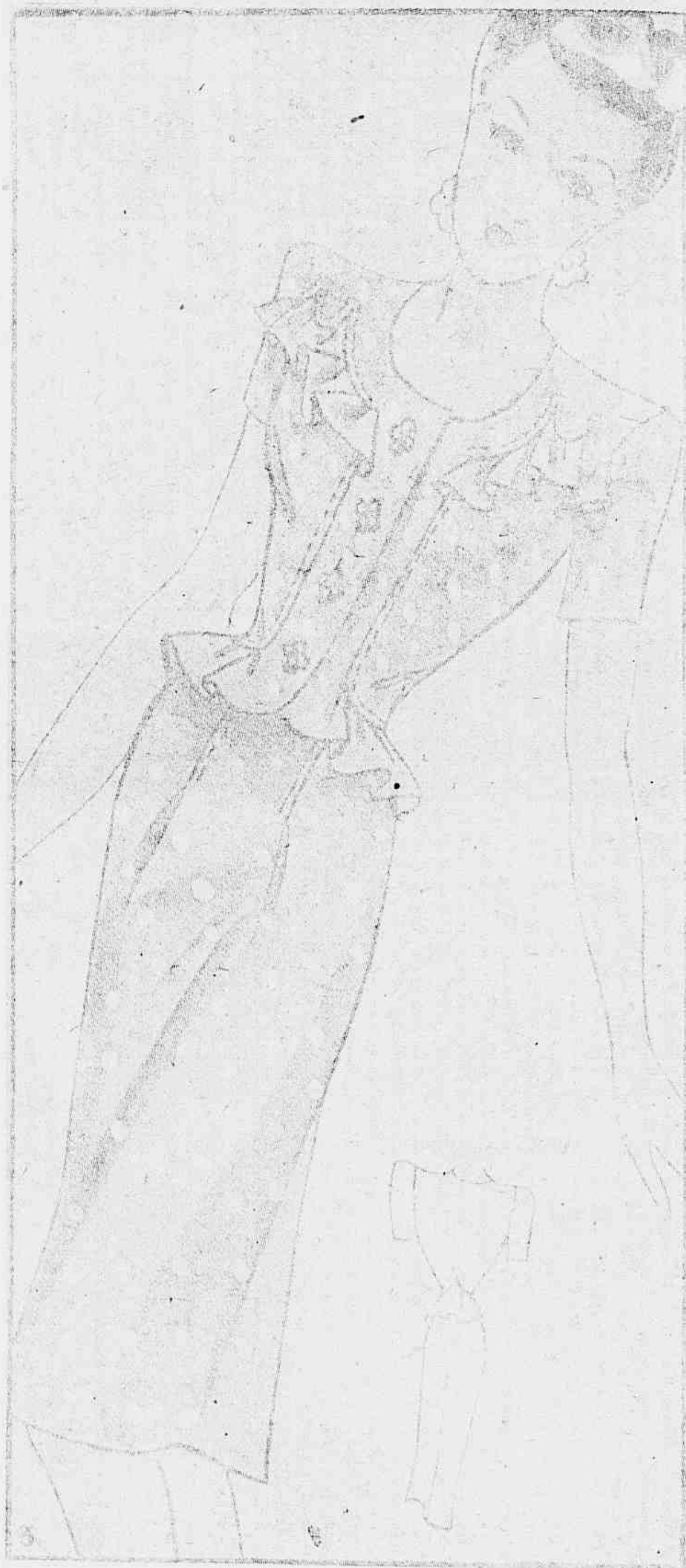


Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto
Informações:
Rua Flack, 153-Rio. T. 23-2049
OLEO — LOÇÃO



RUGOL
CREME
FABRIL 1944

- 1 - UM LINDO DOLCE E TRÊS PREGAS ENVIEZADAS SOBRE OS QUADROS DÃO MUITO "CHARME" A ESTE VESTIDO DE SEDA MATE.
2 - GRACIOSO MODELO DE SHANTUNG ATUAL ADOTADO COM BABEDOS DE "LISON" BORDADO EM VERMELHO.
3 - MUITO JUVENIL É ESTE MODELO DUAS PEÇAS EM SEDA ESTAMPADA.

OUTROS MODELOS

incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 * UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO * RIO

Afinal, o ano de 44 foi bom?...

(Conclusão da pág. 46)

- A melhor possível, esperando que a guerra termine quanto antes.
- Que desejaria como presente de Papai Noel?
- Uma nova loja que eu não precisasse pagar luvas...
- Que mais deseja realizar em 1945?
- Ampliar meu negócio se as coisas continuarem bem.
- Acha que deve haver Carnaval?
- Não. É possível que esta gente pense em Carnaval quando todo o mundo está sofrendo as consequências dolorosas desta guerra?

Estava satisfeita a nossa curiosidade. Partimos para novo destino.

NÃO PRECISA MUDAR

Ali naquele canto do largo da Lapa, na sua banca de jornais, ele é visto há trinta anos. Começou ainda criança e hoje está quase velho. Chama-se Pedro Benteveiga. Falámos-lhe e acanhadamente prestou-se a responder a nossas perguntas, não querendo entretanto ser fotografado. Depois de alguma relutância consentiu.

- Como correu o ano para o senhor?
- Mais ou menos bem.
- Com que disposição entra 1945?
- Com a mesma de sempre. Trabalhar.
- Que mais deseja realizar em 1945?
- É difícil dizer, pois sempre se quer fazer muita coisa.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- Não sou ambicioso. Qualquer coisa serviria.
- Acha que deveria haver Carnaval em 1945?
- Não. É uma barbaridade pensar nisso em guerra. Estávamos satisfeitos.

O IMPÉRIO DO DIREITO

O nosso entrevistado a seguir foi um advogado militante, Edgard Lima, com escritório na avenida Rio Branco. Atendeu-nos e, tão prontamente inteirou-se do que desejávamos, aderiu francamente à ideia, considerando ótimo auscultar a opinião do povo. Conversou longamente sobre procedimento semelhante em vários países e finalmente prontificou-se a responder-nos.

- Que tal o ano de 1944 para o senhor?
- Muito angustiado com o prolongamento da guerra, embora pessoalmente não tenha que me queixar deste ano.
- Com que disposição inicia o ano de 1945?
- Com a melhor disposição de continuar militando na nobre profissão que exerço.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- O império do Direito para o mundo inteiro, com a paz de espírito indispensável ao progresso da Humanidade.
- Que mais deseja realizar em 1945?
- Tenho vários projetos mas nenhum em fase de realização.
- Acha que deve haver Carnaval em 1945?
- Não. Seria um escárnio aos nossos irmãos que lutam e morrem para o nosso bem-estar e grandeza da pátria.

Curiosidade satisfeita, agradecemos.

NÃO ADIANTA DESEJAR

A figura daquele motorista com o queixo sobre a mão, deitado na porta do veículo, era convidativa. Aproximamo-nos e fomos dizendo logo o que desejávamos. Respondeu sem cerimônia. Sou norista e chamo-me Moisés Gomes da Silva; trabalho há dezesseis anos nesta profissão.

- Está satisfeito com o ano que termina?
- Mais ou menos. Tem havido piores.
- Que desejaria que Papai Noel lhe trouxesse?
- Não adianta desejar...
- E sua disposição para o ano que vai começar?
- A mesma de sempre. Não é possível parar enquanto se vive.
- Que mais desejaria no ano de 1945?
- Trabalhar por conta própria.
- E acha que deve haver Carnaval?
- Não sei, ainda não pensei nisso.

Resolvemos encerrar este inquérito rápido, sem pretensões a concluir dogmaticamente, pelas respostas, que todos

pensam de maneira semelhante. Todavia é interessante realçar certas coisas.

Sobre o Carnaval é interessante observar que nenhum foi favorável à sua realização; alguns externaram mesmo indignação ante a possibilidade de sua existência. Sabemos que essa opinião é talvez de valor restrito, pois não ouvimos os sambistas, os clubes carnavalescos, as casas de música, os artistas de rádio. Entretanto a opinião deles seria auspiciosa porque são profissionais que vivem disso e das duas uma: ou dirão que deve haver e se expõem a diminuir a sua popularidade, caso este sentimento de repulsa seja geral, ou dirão que não deve haver, e estarão contra os seus próprios interesses. Não julga o leitor que nesse caso a abstenção é a melhor resposta?

Outro ponto digno de nota é a ansiedade geral em desejarmos a Paz como base de uma vida normal, de realização das nossas aspirações maiores. Luta-se, mas sob o estímulo de quanto antes vermos terminada essa san-queira, que há seis anos chafurda a Humanidade na mais ignominiosa miséria.

Moroco reperce também o fato de que a totalidade está satisfeita com o ano que se encerra, muito embora um ou outro tenha restrições a fazer, mas estas são quase todas ocasionadas pela continuação da guerra.

Se não fosse uma levandade tirar conclusões apressadas de tão poucos depoimentos, poderíamos dizer, em poucas palavras, que o povo carioca deseja a Paz sobretudo, e acha que o resto virá como consequência.

Novo método para melhorar a pele em 14 dias!

— Método MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

O maravilhoso método embelezador que oferecemos a todas as mulheres, consiste na Nova Massagem Fricção Palmolive, feita com a rica, cremosa e vitalizante espuma do sabonete Palmolive que lhe garante uma nova beleza em 14 dias apenas!

O novo método massagem Palmolive foi posto à prova por 36 especialistas em beleza da pele, em 1.285 mulheres de todas as idades e possuidoras de todos os tipos de pele. No Brasil, 81% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes. O Sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma diferente, cremosa, que penetra profundamente nos poros, limpando-os das impurezas e fazendo-os respirar livremente.



Que é o método massagem fricção Palmolive



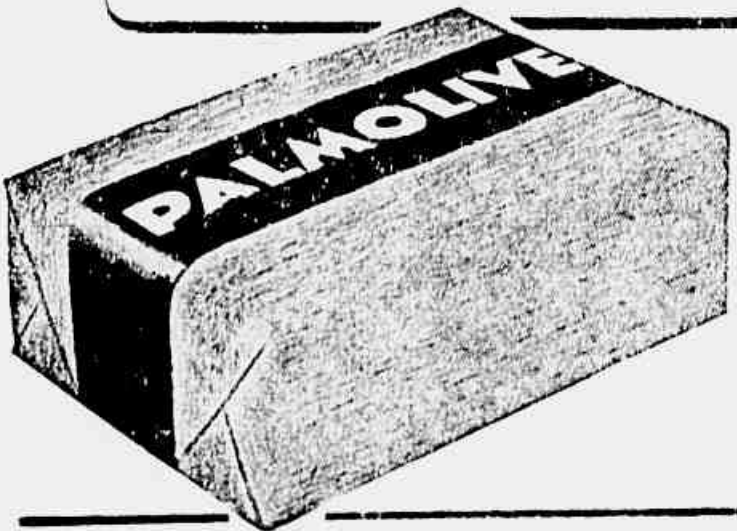
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a Massagem Fricção.



2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida, secar, sem esfregar. — Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a massagem, em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÉM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método Massagem Fricção Palmolive, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

- Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia
- Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

Standard Propaganda



POMADA SECATIVA DE S. LAZARO

APLICADA COM ÓTIMOS RESULTADOS NAS ESPINHAS CRAVOS E MANCHAS DA PELE. 100% mais eficaz do que qualquer outra medicação

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL

DISTRIBUIDORES: ARAUJO FREITAS & C. — RUA CONSELHEIRO SARAIVA, 41



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA
E APERITIVA

NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!



BIGODE

DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ

SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Lúcia Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Peça enviar-me prospectos!

Nome _____

Endereço _____

**Desperte a Bilis
do seu Fígado**

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Píulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

ONOMATOGRAMAS

(Para inglês vêr)



Elsie



Kate



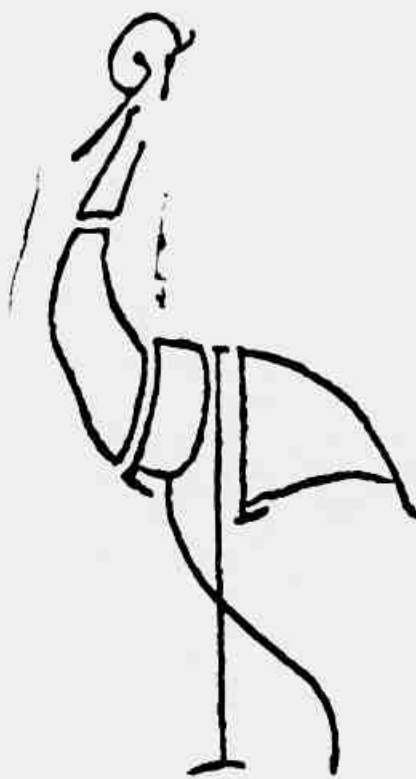
Louisa



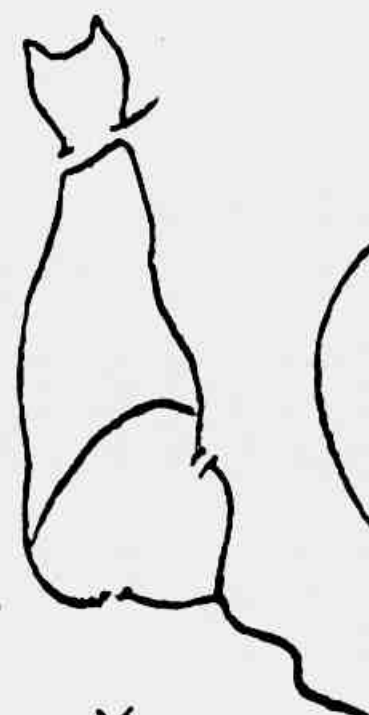
Peggy



Sonia



Glória



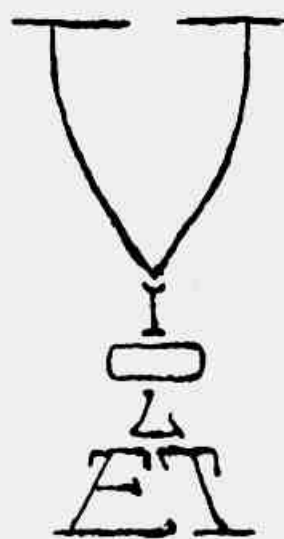
May



Edith



Baby



Violet



Pauline



Charlotte



Ida



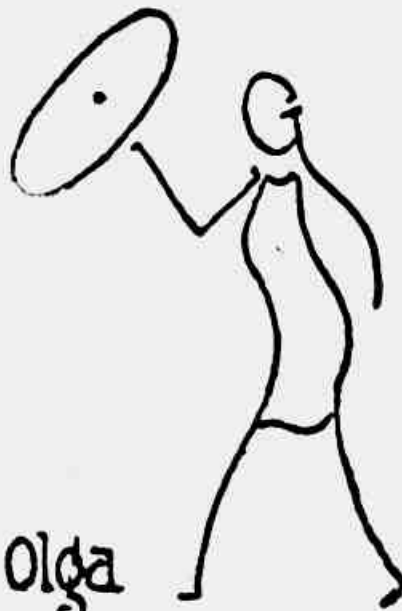
Eddie



Ethel



Velma



Olga



Emma

Paul

DETANG — A biblioteca?

LESLIE — Não... Essa saída é a única que temos; é o quarto do sr. Alain de Kerguevenl...

Contra-regra; ruído de móvel que se arrasta.

LESLIE — Vamos!... Lá teremos muito mais probabilidades duma escapada do que aqui. Vamos!...

DETANG — Acenda a lanterna elétrica, Westbury... Estou quase cego...

LESLIE — Sente-se mal, meu caro capitão Detang?

DETANG — Esse ambiente abafado... viciado como é, durante uma semana, só não abateu o meu ânimo... mas o meu organismo está seriamente atingido.

Contra-regra: passos.

LESLIE — Tonteira?

DETANG — Um pouco... As pernas estão fracas... Ausência de movimentos... mas para caminhar...

LESLIE — Tome!... Um gole de vinho far-lhe-á bem, Detang...

Contra-regra: ruído de quem bebe um líquido por um gargalo de garrafa.

DETANG — Realmente... expulsa o frio até dos ossos.

LESLIE — Vamos!...

DETANG — Cuidado... caminhe de cabeça baixa... porque há trechos aqui que será preciso andar bem curvado.

INTERLÚDIO

ALAIN — E que te disse ela, Ives?

IVES — Não posso compreender madame Irene, senhor Alain... Tôda vez que passo por ela, diz-me sempre as mesmas palavras... "Dize a teu amo que sexta-feira será tarde de mais!"...

ALAIN — Que sexta-feira será tarde de mais?... Compreendo!...

IVES — Mas ela diz isso com ar de ameaça que nunca vi em madame Irene...

ALAIN — Minha espôsa de uns tempos para cá deu para uma série de gracejos bem desgraciosos... Ela deve estar seriamente abalada dos nervos... Naturalmente êsse estado de coisas surgido com a invasão de nossa pátria Ives... Mas não te preocupes com isso...

IVES — Não parece, senhor...

ALAIN — Por que?

IVES — Quase sempre a encontro no salão de honra do castelo, rindo... gracejando com êsses cães... êsses boches... Tem a oficialidade quase tôda em tôrno dela...

ALAIN — Está bem... Nada disso me interessa, Ives...

IVES — Perdão, senhor...

Contra-regra: bater de porta.

ALAIN — Abra, Ives...

Contra-regra: passos que se aproximam; maçaneta.

WEHRINGER — Boa tarde, sr. Alain...

ALAIN — Oh!... Boa tarde, capitão Wehringer... Por obséquio... queira entrar... Muito me honra a sua visita, capitão Wehringer...

WEHRINGER — A honra é tôda minha, doutor Alain...

ALAIN — Por obséquio... sente-se, capitão... (pausa) Pode ir, Ives...

IVES — Quando quer que sirva o seu jantar, senhor?

ALAIN — Mandarei te avisar, meu velho... Podes ir...

Contra-regra: passos que se afastam; bater de porta.

WEHRINGER — Senhor Alain de Kergueven, tenho um convite a lhe fazer de parte de sua excelência o general Lehembach...

ALAIN — Oh!... (pausa) Um convite, meu capitão?

WEHRINGER — Sim... Trata-se dum grande jantar que o general oferecerá aqui, em honra de oficiais alemães de passagem... Essa noite será naturalmente mais agradável para êsses cavalheiros se a senhora Alain de Kergueven estiver presente.

ALAIN (hesitante) — Minha espôsa? Minha espôsa presente!... Quer quer dizer com isso, capitão Wehringer?

WEHRINGER — Oh!... Não!... Bem vejo que empalideceu... mas não deve recear o menor constrangimento, meu caro doutor Alain de Kergueven... A sua espôsa não será de mais, lhe asseguro... O meu amigo, como francês que é, dono da galanteria, não pode desconhecer tão importante detalhe da vida social...

ALAIN — Ainda não alcancei o sentido de suas palavras, capitão Wehringer.

WEHRINGER — Oh!... Nunca me expressei com tanta clareza, doutor Alain de Kergueven... Bem sabe que uma bela mulher entre os guerreiros completa um conjunto harmonioso. Compreende, não?

ALAIN — Estou compreendendo, capitão Wehringer...

WEHRINGER — E depois, sua excelência o general Lemback deseja muito a presença de sua espôsa nessa festa... E bem sabe que é um tanto desagradável contrariar o desejo dum general e chefe do nosso Estado Maior... Ele não diria nada... mas... não seria muito delicado de nossa parte. E depois, o senhor Alain, se não é, pouco falta para ser dos nossos.

ALAIN — E' muito amável, capitão.

WEHRINGER — Ora...

ALAIN — Quando será êsse jantar, capitão?

WEHRINGER — Quarta-feira, às oito da noite.

ALAIN — Quarta-feira?

WEHRINGER — Sim... Que poderei responder a sua excelência o general Lemback?

ALAIN — Lá estaremos, capitão Wehringer...

Contra-regra: passos.

WEHRINGER — Imensamente sensibilizado pela sua aquiescência, senhor Alain... Boa tarde... (passos e girar de maçaneta) Ah!... Por falar... Tomará chá conosco esta tarde, no salão. O coronel Goeritz convidará oficialmente a senhora Kergueven, de parte de sua excelência o general Lemback... Eu queria apenas preveni-lo a título amistoso...

ALAIN — Muito obrigado, meu capitão...

WEHRINGER — Até logo, senhor Alain de Kergueven...

ALAIN — Perdão, capitão... Uma palavra de minha parte, agora... Permite-me uma pergunta?

WEHRINGER — Oh!... Claro!... Pois não!...

ALAIN — Já que somos convidados para jantar, seria indiscreto perguntar em honra de quem sua excelência o general Lemback, chefe do Estado Maior alemão, dará a recepção?

WEHRINGER (hesitante) — Oh!... (pausa) Por Deus!... Não há indiscrição alguma... O general deseja festejar a passagem em Brest dos comandantes dos cruzadores "Augsburg" e "Breslau", com o seu Estado Maior... Será uma bela festa, pode estar certo, senhor Kergueven...

ALAIN — Sim... acredito... uma bela festa!...

INTERLÚDIO

Técnica: música impressionante em back-ground.

ALAIN (solilóquio) — Sim... agora... na solidão de meu quarto... sozinho... a solidão... E a minha consciência, o meu passado... Não... Não quero acender a luz. Temo a luz!... Por que? Talvez o medo de ver refletida no grande espelho do armário a minha própria imagem? Eu pensei... pensei nisso... Sim, devo executar... Será o meu subconsciente que decidiu a minha sorte! Será o meu cérebro, em tôda a sua lucidez, que, com uma precisão de máquina bem regulada, esteja ditando agora os meus atos? Abafa tudo aqui dentro... Deixa-me abrir a janela... (passos).

Contra-regra: abrir de janela: correr de cortina cinco segundos.

ALAIN — Sim... ela causou o furacão dos homens!... Sinto que acabou o encantamento por essa serpente!... Estou diante do cadáver de minha própria paixão... Estou dissecando a minha paixão com a frieza de um anatomista!...

Contra-regra: pancadas discretas bem distante.

ALAIN — Oh!...

Técnica: cessar música.

ALAIN — Não... não me enganei... O ruído veio dali... dali...

Contra-regra: pancadas discretas.

ALAIN (baixinho) — Não... não é impressão... ali da parede...

LESLIE (bem distante) — Alain!... Alain!...

ALAIN — Quem me chama?

LESLIE — Eul... Leslie...

ALAIN — Espere... (baixinho) Espere...

Contra-regra: arrastar dum armário.

LESLIE — Ajude-nos...

Contra-regra: arrastar de um móvel.

ALAIN — Oh!... Você, meu cunhado!... Arriscou-se... Podia ter gente aqui no meu quarto...

LESLIE — Ouve-se de lá tudo que se passa aqui dentro do teu quarto, meu cunhado... Ouvimos a conversa que tiveste com o capitão Wehringer.

ALAIN — Disseste ouvimos?

LESLIE — Suba, capitão Detang...

ALAIN — Capitão Detang?

LESLIE — Capitão Detang... Meu cunhado, dr. Alain de Kergueven...

DETANG (bater de saltos) — Muito prazer, senhor...

ALAIN — Outro tanto, capitão... Mas como souberam que havia essa passagem secreta aqui no castelo, detalhe que eu mesmo ignorava?

LESLIE — Minha esposa... Teu pai revelou-a à última hora... Alain, estamos sendo perseguidos.

ALAIN — Perseguidos?

DETANG — Conhece Picot, senhor Alain?

ALAIN — O corcunda?

LESLIE — Justamente... Esse monstro... Ele está na iminência de descobrir o alcapão que está dissimulado debaixo de minha cama, no barracão onde são guardados os instrumentos de jardinagem...

ALAIN — Mas como poderão conseguir sair daqui?

LESLIE — Aqui haverá sempre muito mais probabilidade do que no subterrâneo.

ALAIN — Sim... e o capitão?...

LESLIE — Do serviço secreto inglês, destacado para a zona ocupada da França.

DETANG — Recebe constantemente visitas dos oficiais do Estado Maior, senhor Alain de Kergueven?

ALAIN — Muito poucas vezes... felizmente sou pouco incomodado...

LESLIE — Alain... Vamos arrastar o armário para o seu primitivo lugar...

Contra-regra: arrastar de armário.

ALAIN — Espere... deixa-me passar a chave na porta...

Contra-regra: passos que se afastam e correr de uma chave na fechadura.

DETANG — A cortina e a janela...

LESLIE — E' verdade...

Contra-regra: correr de cortina e bater de janela e respectivo ruído de trinco.

DETANG — Ouve-se bem os passos das pessoas quando se aproximam do seu aposento, senhor Alain?

ALAIN — Muito claramente... Então êsse corcunda já desconfiou de algo?

LESLIE — E foi por isso que apelamos para êsse recurso...

ALAIN — Então o capitão Detang é o homem que foi perseguido há poucos dias no parque do castelo?

DETANG — Justamente.

ALAIN — E oculta-se durante todo êsse tempo nos subterrâneos do castelo?

DETANG — Oito dias, senhor Kergueven... Preciso sair daqui no mais breve espaço de tempo possível... Tenho informações importantes a transmitir...

ALAIN — Acho extremamente arriscado...

DETANG — O arriscado está em plano secundário... O principal é informar dados importantes ao senhor 44.

ALAIN — Senhor quarenta e quatro?

DETANG — Sim...

ALAIN — Mas não pode sair agora... Só se esperar quarta-feira...

LESLIE — Há uma grande festa aqui no castelo!

DETANG — Festa?

LESLIE — Sim... vão recepcionar os comandantes e quase toda a oficialidade dos cruzadores "Augsburg" e "Breslau"...

DETANG — O que?!

LESLIE — Tem a certeza, Alain?

ALAIN — Soube isso agora pelo capitão... Não ouviram talvez êsse ponto de nossa palestra, que foi conversada no corredor...

LESLIE — Isto é importantíssimo!... E quando chegam a Brest êsses dois cruzadores?

ALAIN — Amanhã!

LESLIE — Soube então isso agora?

ALAIN — Neste instante!

LESLIE — Chega ao término a minha missão, capitão Detang... Preciso participar imediatamente ao senhor Quarenta e Quatro a chegada dêsses dois cruzadores alemães a Brest!

DETANG — E a oficialidade será homenageada aqui no castelo?

ALAIN — Assim disse o capitão Wehringer...

LESLIE — Temos de agir... Agir sem um segundo de atraso!...

ALAIN — Deixa-me arrastar o armário... e fechar o alcapão...

LESLIE — Ajudá-lo-emos...

Contra-regra: arrastar de armários.

PICOT (distante) — Não é preciso!...

CORO — Oh!...

LESLIE (voz abafada) — Miserável!...

DETANG — Vais morrer, canalha... Traidor!... Há

PICOT (rindo) — Ah... Todos duma vez na ratoeira!...

DETANG — Vai morrer, canalha... Traidor!... Há muito que eu queria encontrar êsse momentol

PICOT — Tiro... todo mundo ouve!... (riso) Pior a emenda que o sonetol...

LESLIE — Não atire!... Não atire, Detang!... Senão estaremos todos perdidos!...

PICOT — Dê-me a mão para eu subir, Alain de Kergueven...

ALAIN — Sobe, corcunda do inferno...

PICOT — Guarde o revólver, capitão... Eu disse que pegava todos!... (rindo) Todos!...

DETANG — Deixem-me!... Salam da frente!... Vou matá-lo!

LESLIE — Aqui, não!

DETANG — Arrastemo-lo para o subterrâneo... Ninguém ouvirá os tiros!...

CORCUNDA — Zimmerman e dez guardas estão lá em baixo!... (rindo)

DETANG — Canalha!

PICOT — Picot sabe fazer as coisas... Todos os ratinhos na mesma armadilha (risos de Picot) Eram favas contadas... eu disse a Zimmerman!... (ri) Até o homem das muletas!... Só falta o velho empregado!... Peguei todos!...

INTERLÚDIO

LESLIE — Temos de agir... Agir sem um segundo de atraso!...

ALAIN — Vamos arrastar o armário para ocultar a saída secreta...

DETANG — Sim... porque se descobrirem o subterrâneo do castelo, custarão a encontrar esta saída no seu quarto, senhor Alain de Kergueven...

LESLIE — Espere, Alain... E' preciso que arraste sem grande ruído.

DETANG — Levemente... Agora...

Contra-regra: arrastar lento dum armário.

PICOT (distante) — Não é preciso!...

CORO — Ohhhhl!...

LESLIE — Miserável... Corcunda canalha!... Vais morrer.

PICOT — Todos na ratoeira!... Peguei todos os ratos duma vez!

DETANG — Mas morrerás nas mãos dos ratos, patife! Traidor nojentol! Há muito procurava êste momentol!

PICOT — Tirol!... Todo o mundo ouve!...

DETANG — Que ouçam!... Mas vais morrer, serpente!

LESLIE — Não atire, capitão Detang... Estaremos todos perdidos!

PICOT — Dê-me a sua mão para subir, Alain de Kergueven...

ALAIN — Calma... eu conversarei com êle... Às vezes, dinheiro tudo resolve... Ele é louco pelo dinheiro... Ele vende a França por um franco e Hitler por trinta centavos... Sobe Picot!...

PICOT — Upa!... Eu acabei de jantar!... 'tou pesado... 'tou pesado...

LESLIE — Descobriu então a entrada que tanto fariava, ehn?

PICOT — Guarde seu revólver, capitão Detang... guarde seu revólver... Picot só não encontra o que não quer...

ALAIN — Vamos!... Qual é o preço, Picot?

PICOT — O preço?... Oh!... Vamos conversar... Eu disse que pegava a todos!

DETANG — O preço?

PICOT — Agora não quero dinheiro... O Estado Maior vai me dar muito... Eu ainda vou ganhar a cruz de guerra do nosso Fuehrer!

DETANG — Basta!... Amigos. Conjuró-os em nome da França... Saiam da frente!... Vou matar êsse monstrol!...

LESLIE — Aqui, não, capitão Detang!... O tiro será opúvicol!...

DETANG (enérgico) — Então carreguemos êsse trapo para o subterrâneo... Descarregarei tôda a carga do meu revólver neste imundo traidor.

PICOT — Zimmerman deve estar lá em baixo... Zimmerman e dez agentes!

DETANG — Canalha!

PICOT — Sou o que sou. Eram favas contadas... todos na armadilha... Até o homem das muletas... (rindo).

ALAIN — Quanto quer, Picot?

PICOT — Dinheiro?

LESLIE — Sim... faça o seu preço!

PICOT — Quem me chamou de traidor?

DETANG — Eu!

PICOT — E você, Leslie Westbury, capitão do exército inglês!...

LESLIE — Oh!... Muito bem informado!

PICOT — Do serviço inglês... jogado em paraquedas dum bombardeiro inglês... à meia noite... no dia de zoito... do mês passado...

LESLIE — Esse homem está informado... Isto é incrível!

PICOT — Você também me chamou de traidor?

LESLIE — Sim... traidor...

PICOT — Por que sou traidor?

LESLIE — Porque vende a França aos seus inimigos!... Um francês... Então não sabes o papel tremendamente pavoroso que exerces?

PICOT — Aqui dentro há apenas um traidor, capitão Leslie?

DETANG — Que queres dizer com isso, monstro?

PICOT — Que diz, Alain de Kergueven?

ALAIN — Eu?

PICOT — Quem fugiu da frente de batalha... quem? Eu?...

ALAIN — Que tens a ver com a minha maneira de pensar, corcunda?

PICOT — Então não sou eu apenas o monstro e o homem que renega a pátria!

LESLIE — Que responde, Alain de Kergueven?

ALAIN — Que tens tu que te intrometeres na minha vida particular e na minha maneira de pensar, Picot?

PICOT — Respondam por mim... Ai... Ai... os patriotas!

DETANG — Por que não se justifica, senhor Alain de Kergueven? Admite então sem uma réplica as insinuações indignas dêsse traidor?

PICOT (rindo) — Ficou pálido... ficou pálido...

DETANG — Então viemos ao seu aposento... crenças... que estaríamos diante dum francês que trabalha como nós... para a libertação da pátria. Nada responde?

LESLIE — E' verdade, então, que desertou, meu cunhado?

PICOT (rindo) — Essas muletas... ferido no joelho...

DETANG — Não está ferido, senhor Alain?

ALAIN — Basta, senhores!...

LESLIE — Então é verdade? Desertou?

ALAIN — Desertei!...

LESLIE — Meu Deus!... Não é possível!... O filho dum bravo!... O orgulho do general Luiz de Kergueven... fugiu da frente de batalha!...

ALAIN — Basta, senhores!... E' verdade que não faço as misérias que êsse corcunda tem feito... mas penso como êle em certos pontos!...

DETANG — Então... é um colaboracionista... amigo dos invasores de nosa pátria?

ALAIN — Nunca fui pela guerra!... E tampouco não quero e não quis também pagar com a minha vida os erros de uma dúzia de políticos piores do que eu... piores do que Picot!...

LESLIE — Então aprova a conduta dêsse traidor... que fez fuzilar franceses... que persegue como um cão de fila nossos amigos... essa alma danada da Gestapo, matando... arruinando os teus próprios patrícios, meu cunhado?

PICOT — Eu sou da política... A nova ordem é que manda!...

DETANG — Cala a boca, corcunda, senão ela se fechará para sempre com um tiro!

LESLIE — Alain de Kergueven!... Minha mulher sabe disso?

PICOT — Deve saber!...

ALAIN — Meu pai sabe... Minha irmã também sabe, Leslie de Westbury... Sinto muito... Meu pai não me dirige a palavra desde que descobriu a minha atitude!...

LESLIE — Desertor?

ALAIN — Sim...

DETANG — Quer dizer que temos diante de nós dois inimigos!... Picot e o senhor Alain de Kergueven!

ALAIN — Não sou inimigo seu!... Mas mantenho o meu ponto de vista e a minha forma de pensar em relação ao que se está passando em minha pátria!

DETANG — E o seu sentimento patriótico?

ALAIN — E' linguagem vazia para mim!...

PICOT — O senhor disse... linguagem vazia... (ri).

ALAIN — Sim, Picot!... Não quero me sacrificar como você, ouviu... No final de contas penso tal qual você... é tudo!...

PICOT (voz perfeita) — Basta de comédias!...

CORO — Oh!...

ALAIN — Que quer dizer isso?

LESLIE — Picot!...

DETANG — Apruma o corpo! Não é corcunda!

PICOT — Há um corcunda na alma aqui dentro!... E este homem!...

Técnica: música impressionante.

LESLIE — Quem é o senhor?

PICOT — Alain de Kergueven... engana-se quando diz que a palavra patriotismo é uma expressão vazia!...

ALAIN — Não é possível! Não é corcunda? E a voz?

LESLIE — Quem é o senhor?

PICOT — Antoine François Hilarie de Blainville, conde de Richepin de Saint Martin, e abade de Montoir!...

CORO — Oh!...

ALAIN — Visconde de Richepin!...

LESLIE — Abade de Montoir!...

PICOT — Alain de Kergueven, em nome dos milhões de franceses, mortos, mutilados e prisioneiros, meus pêsames!...

DETANG — Visconde de Richepin!... Sinto-me deste momento em diante mais disposto e feliz de entregar a minha vida pela pátria!

PICOT — Capitão Ernesto Detang, conheço a sua bravura de muito tempo. Pertence ao setor 44.

LESLIE — E' do serviço secreto dos Franceses Livres, visconde?

PICOT — Sim!... Sou o senhor 44!...

LESLIE e DETANG — O senhor 44!

PICOT — Alain de Kergueven, desertor... vergonha lançada sobre o nome de uma família de militares que durante várias gerações vem oferecendo o seu sangue pela glória da França!... Deixei a minha abadia... E tive oportunidade de me ver... não? Olhe para o meu rosto, Alain de Kergueven! A bossa que me fazia corcunda... aqui está... esta almofada...

DETANG — Incrível!...

PICOT — Olhe para meu rosto... está verdadeiramente mutilado... tenho a sua idade... Meu rosto causa pena e repugnância... Talvez fosse um jovem digno de me considerar um leão de salão na vida social parisiense... Mandei-o mutilar pelo cirurgião André Roux... cirurgia horrivelmente plástica!

LESLIE — Isto é atordoante!

PICOT — Alain de Kergueven, homem que deixou os seus irmãos de fuzil na mão lutando na defesa do chão sagrado da pátria, mutilou-me... provando que patriotismo não é linguagem vazia... Dois meses aprendi com Henry Bauer, da Comédie Française, a compor esse tipo asqueroso que os franceses repudiam e que os alemães aproveitavam imbecilmente!... O erro de alguns maus franceses não quer dizer a ruína e o abandono daquilo que mais prezamos (enérgico) — De pé, desertor!...

Contra-regra: bater de saltos.

PICOT — A França vive!...

DETANG e LESLIE — Vive!...

PICOT — Praça Alain Kergueven, do 247.º Regimento!...

ALAIN — Presente!...

PICOT — A França vive!...

ALAIN — Vive!...

PICOT — Em nome daqueles que morreram no cumprimento sagrado do dever, e em nome de nossa pátria,

está perdoadol... Vivemos novamente junto ao inimigo!... E esse inimigo está no castelo!... As tuas muletas inglórias que ocultavam a infame conduta que tiveste, tornar-se-ão doravante úteis como o fuzil que deixaste no campo de batalha! Que me respondes, praça Alain Kergueven?

ALAIN (marcial) — Cumpro ordens!

PICOT — Detang!... A Gestapo aperta cada vez mais o cerco em torno de tua pessoa... Zimmerman tem a certeza de que ainda te ocultas em qualquer canto da propriedade do castelo Kergueven... Precisas fugir quanto antes...

DETANG — Entendido, senhor 44.

PICOT — Procuraremos facilitar a tua fuga... Ela é problemática, capitão. Vinte probabilidades a favor... Alguma coisa a dizer?

DETANG — Viva a França!

PICOT — Será fuzilado se for prêso.

DETANG — Ciente, senhor 44.

PICOT — Se conseguir sair do castelo, entra no cemitério de Benoiet... no fim da alameda... próximo ao mausoléu dos Kerguevens... De lá ganharás a floresta de Guevant e daí a aldeia de Saint Maxim... e um agente nosso estará atento para transportá-lo a Brest!

DETANG — Ciente.

PICOT — Sabe por que durmo no cemitério, Alain de Kergueven? (pausa) Creio que não... O povo me chama de feiticeiro... bruxo... Durmo e rezo sobre a sepultura do francês que denunciei aos alemães... um lavrador...

LESLIE — Denunciei!

PICOT — Sim... Foi uma quota de sacrifício!... E ele antes de morrer soube. Foi o único homem que soube verdadeiramente da minha identidade... Revelei-a quando ele estava no cárcere... E sabe o que disse ele entre lágrimas, Alain de Kergueven? Que nunca julgara que sua vida fosse tão preciosamente aproveitada para a glória da terra em que nasceu! E sabe quantas vidas pagaram os alemães por isso? Milhares. Depois que denunciei este francês tornei-me o maior amigo da Alemanha, e do meu transmissor oculto numa moita na floresta já fiz voar cinco composições carregadas de soldados e alguns quartéis... Esse francês morreu gloriosamente, Kergueven! Patriotismo não é portanto uma linguagem vazia!

Contra-regra: pancadas na porta.

PICOT — Ligeiro... Vocês dois para o subterrâneo... irei depois...

ZIMMERMAN — Abra a porta, Alain de Kergueven!...

PICOT — Zimmerman...

Contra-regra: arrastar de armário.

PICOT (voz disfarçada) — Já vai... doctorr... já vai...

INTERLÚDIO

Contra-regra: passos cambaleantes; batem de novo na porta.

PICOT — Já vai, doctorr, já vai (voz natural) As muletas... Sente-se na cama, Kergueven...

Contra-regra: passos cambaleantes; girar de maçaneta.

PICOT — Oh!... Doctorr... (rindo).

ZIMMERMAN — Onde estava você, Picot?

PICOT — Aqui... aqui... (rindo).

ZIMMERMAN — Chegou há muito tempo?

PICOT — Uma hora... uma hora...

ZIMMERMAN — Algo?

PICOT — Uma revista... de vez em quando não faz mal...

ZIMMERMAN — Muito bem... muito bem... E aqui?

PICOT — Nada... mas ele sabe onde está o homem?

ZIMMERMAN — O espião?



Biblioteca e living-room

Nos antigos solares aristocráticos o zelo dos proprietários se revelava com mais requinte nas bibliotecas, onde o luxo era mais severo, a linha dos móveis mais sóbrias, as mesas mais pesadas, tudo enfim talhado de molde a se harmonizar com a austeridade das filosofias e as meditações dos estudos.

Hoje, porém, que a falta de espaço é uma das principais ca-

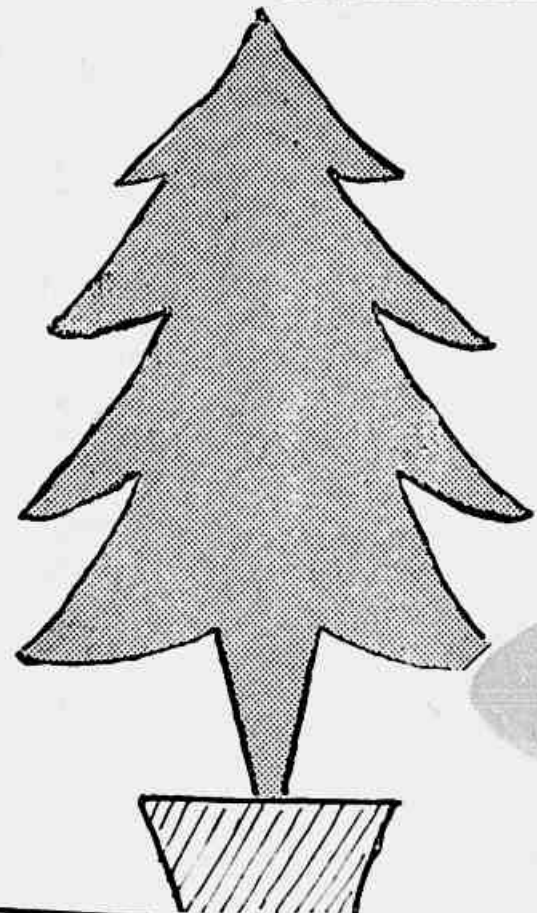
racterísticas dos lares urbanos, torna-se mister selecionar a biblioteca de maneira a que ocupe o menor lugar possível.

Em geral a biblioteca de uma casa moderna é organizada no próprio *living-room*, ocupando os livros as estantes embutidas nas paredes. De uma biblioteca deste gênero tomamos o modelo que aqui apresentamos aos nossos leitores.

GRANDE

VENDA DE ANIVERSARIO

*novidades em tecidos para decoração
variedades em artigos para presentes*



ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO



Cia. de Cigarros Souza Cruz